



MÊS DA BÍBLIA 2022 LIVRO DE JOSUÉ

TERRA DE DEUS, TERRA DE IRMÃOS

“O Senhor teu Deus está contigo
por onde quer que andes.” (Josué 1,9)

“O SENHOR TEU DEUS ESTÁ CONTIGO POR ONDE QUER QUE ANDES.”

(Josué 1,9)



Para vivenciar o “mês da Bíblia” de 2022, foi escolhido o livro de Josué, primeiro dos assim chamados “livros históricos”, que traz o tema da posse da Terra Prometida e sua divisão entre as tribos de Israel. A publicação do Centro Bíblico Paulus *Terra de Deus, terra de irmãos* traz a proposta de quatro encontros para vivenciar em grupo o “mês da Bíblia”. Vivencie a busca da Palavra de Deus por meio do livro de Josué!

Cantos dos encontros disponíveis



YouTube



Spotify

Prezadas irmãs, prezados irmãos, graça e paz!

**vida
pastoral**

A Sagrada Escritura, desde o livro do Gênesis, põe em cena o tema da Terra Prometida. Na origem de tudo, após ter criado o céu, a terra, a água, as plantas, as árvores, os animais, o Sol, a Lua e o homem, “Deus plantou um jardim e pôs ali o homem que tinha formado” (Gn 2,8). A narrativa é toda poeticamente elaborada, com detalhes da ternura e do bem-querer do Criador para com o homem, a ponto de permitir-lhe nomear cada ser vivo, obra de suas mãos: “Foi o homem quem deu nome a todos os animais domésticos, às aves do céu e a todas as feras do campo” (Gn 2,20). Na cena da criação da mulher, a reação do homem é de deslumbramento poético: “Esta, sim, é osso de meus ossos e carne de minha carne!” (Gn 2,22). Portanto, isso tudo nos diz que o sonho de Deus para a humanidade, desde o início, é a felicidade plena. Mas veio o tombo. Trata-se do episódio do pecado original, com a expulsão do primeiro casal do paraíso (Gn 2-3). Ali houve uma quebra na relação entre Deus e o ser humano, e, por assim dizer, desde então há o desejo humano de retorno à harmonia, ao paraíso perdido ou à terra prometida.

De fato, Deus jamais abandonou a obra de suas mãos. Por isso, são muitos os episódios bíblicos em que ele renova a aliança, mediante seus escolhidos: de Noé a Abraão, passando por Moisés, Josué, os juízes e todos os profetas, até chegar a Jesus Cristo, a plenitude da realização das promessas divinas. De Gênesis ao Apocalipse, Deus toma a iniciativa de não perder nenhum dos seus. Por fim, a Terra Prometida é a Jerusalém celeste que desce à terra: “Esta é a morada de Deus entre os homens. Deus vai morar no meio deles. Eles serão seu povo, e o próprio Deus estará com eles. Deus enxugará toda lágrima dos seus olhos. A morte não existirá mais, e não haverá mais luto, nem choro, nem dor, porque passou o que havia antes” (Ap 21,3-4).

Olhando para nossas cidades e campos, vemos quanto ainda há de luto, de choro, de dor. O Brasil, no quesito agrário, é violento com os pobres desde sua origem. No dia em que Pedro Álvares Cabral despontou por aqui com suas caravelas, pisou pesado em nossas areias. O latifúndio, depois, tomou conta de nossa vastidão territorial. As tais capitânias hereditárias, promovidas pelo rei D. João III, no século XVI, abriram um fosso enorme. Dos nobres da confiança do rei se originaram os grandes latifúndios escravistas. De lá para cá, a posse da terra e, por consequência, das riquezas concentrou-se em poucas mãos: outrora na dos fidalgos portugueses, agora na dos grupos empresariais do agronegócio.

Os latifúndios mudam de nome, mas a estrutura perversa permanece até os dias atuais. Quem não se recorda da fila dos ossos em Cuiabá, em dezembro de 2021? Exatamente na capital do agronegócio, onde mais se produz carne no país, os pobres se humilhando por um pedaço de osso para saciar a fome.

Vida Pastoral, em parceria com o Centro Bíblico Paulus, agradece aos articulistas e colaboradores desta edição. Eis um subsídio para aprofundar o estudo do livro de Josué, texto escolhido para o Mês da Bíblia deste ano. Sua meditação nos inspire a voltar o olhar e o coração para o sonho de Deus: terra e vida para todos. No Brasil, os problemas relacionados à terra, no campo e na cidade, clamam aos céus. A multidão de irmãs e irmãos nossos vagando pelas ruas de nossas cidades e nos grotões do país é um grito pela Terra Prometida. A Palavra de Deus ilumine nossa vida e ação para que o Paraíso seja uma realidade desde já, afinal Deus nos criou para a alegria. É nossa missão enxugar as lágrimas e consolar o pranto de tantos.

Boa leitura!

Pe. Antonio Iraldo Alves de Brito, ssp
Editor

vida pastoral

Revista bimestral para sacerdotes
e agentes de pastoral

Ano 63 - Nº 347
setembro-outubro de 2022



© PAULUS – 2022
Pia Sociedade de São Paulo
Rua Francisco Cruz, 199
04117-091 – São Paulo - SP
paulus.com.br
ISSN – 0507-7184

Jornalista responsável
Pe. Valdir José de Castro, ssp

Direção editorial
Pe. Sílvio Ribas, ssp

Editor
Pe. Antonio Iraldo Alves de Brito, ssp

Redação
vidapastoral@paulus.com.br

Conselho editorial
Pe. Antonio Iraldo Alves de Brito, ssp
Pe. Darci Luiz Marin, ssp
Pe. Paulo Sérgio Bazaglia, ssp
Pe. Sílvio Ribas, ssp

Imagens
Romolo Picoli Ronchetti

Imagem da capa
Romolo Picoli Ronchetti

Diagramação
Philippe Silva Ribeiro dos Santos

Revisão
Alexandre Soares Santana
Tiago José Risi Leme

Impressão - PAULUS

Versão digital



vidapastoral.com.br

Periódico de divulgação científica.

Área:
Humanidades e artes.
Curso: Teologia.

Sumário

TERRA DE DEUS, TERRA DE IRMÃOS?
ENTENDENDO O LIVRO DE JOSUÉ 4

Shigeyuki Nakanose e Maria Antônia Marques

RAAB, MULHER DE FÉ 12

Aíla Luzia Pinheiro de Andrade

CERCO DE JERICÓ, UMA RELEITURA
BÍBLICO-LITÚRGICA 20

Danilo César dos Santos Lima

A BOA-NOVA DO REINO COMO
O EVANGELHO SOCIAL DE JESUS 28

Agenor Brighenti

ROTEIROS HOMILÉTICOS 38

Marcus Mareano

Assinaturas

- Distribuição gratuita nas Livrarias PAULUS (1 exemplar por pessoa);
- Envio gratuito para as paróquias que fizerem o cadastro, a ser renovado anualmente (1 exemplar de cada edição por paróquia);
- Para receber em casa, basta fazer uma contribuição de 20 reais.
- O acesso ao site continua inteiramente gratuito: www.vidapastoral.com.br

Para contato:

paulus.com.br/loja

☎ (11) 3789-4000 | 0800 016 40 11

☎ (11) 99974-1840

✉ assinaturas@paulus.com.br

📱 @editorapaulus



Aponte a
câmera do
seu celular e
saiba mais!

APARECIDA – SP

Centro de Apoio aos Romeiros
Lojas 44,45,78,79
(12) 3104-1145
aparecida@paulus.com.br

ARACAJU – SE

Rua Laranjeiras, 319
(79) 3211-2927
aracaju@paulus.com.br

BELÉM – PA

Rua 28 de setembro, 61 – Campina
(91) 3212-1195
belem@paulus.com.br

BELO HORIZONTE – MG

Rua da Bahia, 1136
Ed. Arcângelo Maleta
(31) 3274-3299
bh@paulus.com.br

BRASÍLIA – DF

SCS – Q.1 – Bloco
Edifício Central – Loja 15 – Asa Sul
(61) 3225-9847
brasil@paulus.com.br

CAMPINAS – SP

Rua Barão de Jaguará, 1163
(19) 3231-5866
campinas@paulus.com.br

CAMPINA GRANDE – PB

Rua Afonso Campos, 233 – Centro
(83) 3182-0659 99956-0020
campinagrande@paulus.com.br

CAMPO GRANDE – MS

Av. Calógeras, 2405 – Centro
(67) 3382-3251
campogrande@paulus.com.br

CAXIAS DO SUL – RS

Av. Júlio de Castilho, 2029
(54) 3221-7797
caxias@paulus.com.br

COTIA – RAPOSO TAVARES

Av. das Acácias, 58 – Jd. da Glória
(11) 3789-4005
raposotavares@paulus.com.br

CUIABÁ – MT

Rua Antônio Maria Coelho, 180
(65) 3623-0207
cuiaba@paulus.com.br

CURITIBA – PR

Pça. Rui Barbosa, 599
(41) 3223-6652
curitiba@paulus.com.br

FLORIANÓPOLIS – SC

Rua Jerônimo Coelho, 119
(48) 3223-6567
florianopolis@paulus.com.br

FORTALEZA – CE

Rua Floriano Peixoto, 523
(85) 3252-4201
fortaleza@paulus.com.br

GOIÂNIA – GO

Rua Seis, 201 – Centro
(62) 3223-6860
goiania@paulus.com.br

GUARAPUAVA – PR

Rua XV de Novembro, 7466 - Lj 01
(42) 9926-0224
guarapuava@paulus.com.br

JOÃO PESSOA – PB

Rua Peregrino de
Carvalho, 134 – Centro
(83) 3221-5108
joaopessoa@paulus.com.br

JUIZ DE FORA – MG

Av. Barão do Rio Branco, 2590
(32) 3215-2160
juizdefora@paulus.com.br

MACEIÓ – AL

Rua Barão de Alagoas, 32 – Centro
(82) 3142-0544
maceio@paulus.com.br

MANAUS – AM

Rua Itamaracá, 21 – Centro
(92) 3622-7110
manaus@paulus.com.br

NATAL – RN

Rua Cel. Cascudo, 333
Cidade Alta – (84) 3211-7514
natal@paulus.com.br

PORTO ALEGRE – RS

Rua Dr. José Montauray, 155
Centro – (51) 3227-7313
portoalegre@paulus.com.br

RECIFE – PE

Av. Dantas Barreto, 1000 B
(81) 3224-9637
recife@paulus.com.br

RIBEIRÃO PRETO – SP

Rua São Sebastião, 621
(16) 3610-9203
ribeiraopreto@paulus.com.br

RIO DE JANEIRO – RJ

Rua México, 111-B
(21) 2240-1303
riodejaneiro@paulus.com.br

SALVADOR – BA

Rua Direita da Piedade, 75 – Barris
(71) 3321-4446
salvador@paulus.com.br

SANTO ANDRÉ – SP

Rua Campos Sales, 255
(11) 4992-0623
stoandre@paulus.com.br

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO – SP

Rua XV de Novembro, 2826
(17) 3233-5188
riopreto@paulus.com.br

SÃO LUÍS – MA

Rua do Passeio, 229 – Centro
(98) 3231-2665
saoluis@paulus.com.br

SÃO PAULO – PRAÇA DA SÉ

Praça da Sé, 180
(11) 3105-0030
pracase@paulus.com.br

SÃO PAULO – VILA MARIANA

Rua Dr. Pinto Ferraz, 207
Metrô Vila Mariana
(11) 5549-1582
vilamariana@paulus.com.br

SOROCABA – SP

Rua Cesário Mota, 72 – Centro
(15) 3442-4300 3442-3008
sorocaba@paulus.com.br

TERESINA – PI

Rua Rui Barbosa, 45 – Centro
teresina@paulus.com.br

VITÓRIA – ES

Rua Duque de Caxias, 121
(27) 3323-0116
vitoria@paulus.com.br

Shigeyuki Nakanose* e Maria Antônia Marques**

*Shigeyuki Nakanose, svd, é assessor do Centro Bíblico Verbo e professor no Instituto São Paulo de Estudos Superiores (Itesp).
E-mail: contato@cbiblicoverbo.com.br

**Maria Antônia Marques é assessora do Centro Bíblico Verbo e professora no Instituto São Paulo de Estudos Superiores (Itesp).
E-mail: ma.antoniabv@yahoo.com.br



Terra de Deus, terra de irmãos?

Entendendo o livro de Josué

INTRODUÇÃO

O livro de Josué narra a conquista de Canaã, a Terra Prometida, guiada por Josué, sucessor de Moisés (Js 1-12), e a repartição da terra entre as 12 tribos (Js 13-22). A última parte do livro descreve a despedida de Josué e a renovação da Aliança com Javé, Deus de Israel, em Siquém (Js 23-24). No livro, a principal ideia é que Javé combate as guerras de Israel, seu povo eleito, e lhe dá as vitórias, mandando expulsar e exterminar as populações locais, punindo-as pela idolatria (o culto a outras divindades) e garantindo a terra para Israel, enquanto este permanecer fiel à Aliança com seu Deus.

Os acontecimentos narrados da formação de Israel em Canaã situam-se entre os anos 1300 e 1000 a.C. Porém, o problema surge quando alguém lê o livro de Josué com olhar crítico. Os fatos descritos no livro não se sustentam diante dos estudos da literatura, da história (fato realmente acontecido), da arqueologia etc. Eis alguns exemplos:

- a) As narrativas de guerras de conquista (Js 5-12), como a da cidade de Jericó (Js 6) e a da cidade de Hai (Js 8), não coincidem com o fato histórico: Jericó, por volta do ano 1300 a.C., não tinha muralhas nem estava habitada; Hai, que fora destruída em meados de 2400 a.C., não estava habitada na época em que se supõe que os israelitas entraram na terra de Canaã.
- b) Israel nasceu na terra de Canaã. Os estudos literários e arqueológicos atuais não sustentam a hipótese proposta pela leitura fundamentalista da Bíblia de que Israel vem de fora e conquista uma parte substancial de Canaã pela força militar.
- c) A maioria dos israelitas primitivos eram pessoas da cultura e da religião cananeia.
- d) Os israelitas primitivos cultuavam várias divindades: El, Elohim, Asherá, Baal, Javé, entre outras.

- e) A ideia da Aliança com Javé, Deus do Estado (Js 8,32-35; 24,14-28), começou a ser elaborada pelo movimento deuteronomista da corte davídica do rei Ezequias, por volta do ano 700 a.C.
- f) A existência de um sistema de tributos para Judá é atestada somente a partir do século VII a.C. (Js 15,21-44.48-62; 18,21-28; 19,2-8.41-46).
- g) A ideia de 12 tribos (Js 13-19) é construção teológica que começou a ser elaborada no tempo de Josias e consolidada por volta do ano 400 a.C.
- h) Israel tornou-se monoteísta somente com a teocracia judaíta, por volta dos anos 400 a.C.
- i) Uma leitura objetiva do livro de Josué suscita várias perguntas: como justificar a invasão violenta de territórios de outras nações, a conquista pela força e a matança de populações? Com que direito os israelitas se apoderam dos territórios pacificamente habitados e cultivados pelos cananeus? Ainda por cima, toda a violência é atribuída a Deus Javé, que manda expulsar e matar as populações. Por que elas devem ser condenadas por seus pecados de idolatria?

Tudo isso comprova a opinião da maioria dos estudiosos: o livro de Josué pertence à “historiografia deuteronomista” (Js, Jz, 1 e 2Sm, 1 e 2Rs), cuja primeira redação foi feita pelos escribas do rei Josias (640-609 a.C.), a escola de escribas denominada “deuteronomista”, que, no reinado de Ezequias, fez a primeira redação do livro do Deuterônomo (Dt 12-26). Depois, o livro foi relido e redigido, no exílio e no pós-exílio, por escribas deuteronomistas ligados ao grupo nobre da primeira deportação (597 a.C.), representado pelo profeta Ezequiel, e ao grupo da *golá* (deportados nobres que voltaram), que consolidou o governo teocrata de acordo com os interesses do Império Persa (Esd 7,25-26). A principal intenção dos redatores era consagrar

Javé como o único e poderoso Deus de Israel contra “outros deuses” (idolatria) e garantir a posse (ocupação) da terra e a legitimidade do poder para o povo eleito de Javé, Deus oficial dos teocratas.

1. AUTOR E CONTEXTO HISTÓRICO

O livro de Josué não tem um único redator, mas vários redatores, vinculados a grupos sociais com diferentes objetivos, situações, locais e momentos históricos. A preocupação dos redatores não é tanto documentar uma história, mas interpretá-la, servindo os interesses de cada redator em sua realidade. Não é possível precisar cada momento desse processo. Apresentaremos, em linhas gerais, alguns marcos de cada período, conforme os estudos atualizados da literatura, da história, da arqueologia e outros, começando com o período da formação de Israel, no qual se desenvolveram as tradições antigas desse povo quanto à terra, à casa, à vida da aldeia, à festa, temas do livro de Josué.

1.1. Período da formação de Israel

Por volta de 1300 a.C., a maioria da população que vivia nas planícies de Canaã era explorada pelos reis das cidades-Estado de Canaã e pelo faraó do Egito (1Sm 8,11-17) e submetida ao domínio deles. As pessoas empobrecidas e oprimidas lutaram pela sobrevivência e saíram das planícies (centros urbanos) para a região montanhosa no centro-norte de Canaã, onde era menos habitada e fora do controle dos reis e do faraó.

A partir de 1200 a.C., a saída (êxodo) da população foi acelerada pela crise dos centros urbanos, causada por fatores como: o enfraquecimento do Império Egípcio, provocando conflitos e guerras contínuas entre as cidades-Estado cananeias; as invasões dos “povos do mar”, posteriormente chamados de filisteus, fixando-se na costa do mar Mediterrâneo, ao sul da Palestina, e aumentando a instabilidade na região; uma prolongada seca e a diminuição da produção de alimento.

Os grupos de refugiados, como camponeses, operários e marginalizados (*hapirus*, hebreus) de Canaã, além de pessoas escravizadas no Egito etc., ingressaram nas pequenas aldeias já existentes nas montanhas de Canaã ou abriram novos assentamentos para experimentar uma vida livre, organizando-se e tentando viver um projeto igualitário com as seguintes características: partilha e uso comunitário da terra; partilha dos bens; lei da solidariedade; assembleia com a liderança dos anciãos; confederação de tribos na autodefesa; festas compartilhadas dos pastores e dos agricultores; cultos sem templos, sem sacerdotes e sem luxo, diferentemente dos cultos do Império Egípcio e das cidades-Estado. Foi o nascimento do núcleo inicial do povo israelita (não do Estado nacional).

Os acontecimentos do período da formação de Israel foram contados, interpretados, escritos e reescritos durante quase quatro séculos. Houve a ampliação, o acréscimo, a distorção e a manipulação da história por parte dos redatores do livro de Josué, como

“O LIVRO DE JOSUÉ NÃO TEM UM ÚNICO REDATOR,
MAS VÁRIOS REDATORES, VINCULADOS A GRUPOS SOCIAIS
COM DIFERENTES OBJETIVOS, SITUAÇÕES, LOCAIS
E MOMENTOS HISTÓRICOS.”

os do rei Josias e os dos teocratas, até glorificando Josué com um ciclo de sangue inocente e apresentando Javé como um Deus ciumento, violento e castigador (Js 6,17-21).

O livro contém uma história mítica e heroica (aspectos redacionais) relacionada com a reforma de Josias e com a implantação da teocracia em Judá, no pós-exílio. Contudo, a memória sagrada do povo não se deixa “apagar” no horizonte narrativo dos redatores, que chegam a ponto de insistir no aniquilamento de toda a população local. Por isso, o livro ainda registra algumas histórias e tradições sagradas da vida dos israelitas primitivos que tentaram viver na igualdade, na solidariedade e na liberdade:

- a) *Terra partilhada* (Js 14,1-4): a terra, fruto do dom do Deus da vida, deve ser repartida segundo as necessidades das famílias, clãs e tribos (Nm 26,55-56).
- b) *A lei da hospitalidade* (Js 2,1-7): a realidade sofrida obriga os israelitas primitivos a cooperar, amar e defender os “estranhos” como a si mesmos (cf. Gn 18,2-8; 19,6-8; Jz 19,20-23; Jó 31,32).
- c) *Festas compartilhadas* (Js 5,10-12): o Israel primitivo é formado pelos vários grupos cananeus empobrecidos, por escravos do Egito, por refugiados arameus da Síria etc. Cada grupo traz e celebra, na convivência, sua vida, sua cultura e suas festas, como a da Páscoa, dos Ázimos etc. Elas são compartilhadas e celebradas nas comunidades, fortalecendo a solidariedade e a fraternidade.

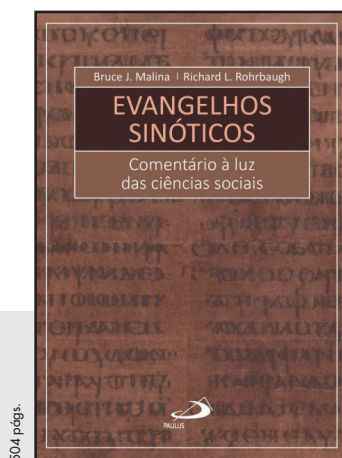
1.2. Período do rei Josias

Diante do enfraquecimento do controle assírio na Palestina, devido a conflitos internos e ameaças externas, Josias retomou, em 620 a.C., a reforma iniciada pelo rei Ezequias, centralizando em Jerusalém o culto a Javé, Deus do Estado, e destruindo os altares e objetos de culto das divindades nos santuários do interior, conhecidos como lugares

Evangelhos sinóticos

Comentário à luz das ciências sociais

Bruce J. Malina / Richard L. Rohrbaugh



O objetivo dos autores é ajudar os leitores modernos dos Evangelhos sinóticos a entrar no sistema social das pessoas do primeiro século. Levá-los àquele contexto, fazê-los olhar ao redor, ver como aquelas pessoas viam e descobrir quais eram suas preocupações.

Em suma, a obra oferece a compreensão do sistema social no qual a linguagem do Novo Testamento está inserida.



Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
0800-0164011

paulus.com.br

altos. A reforma acentuou ainda mais o caráter centralizador que o templo de Jerusalém já possuía: Javé, o Deus do Estado, um só templo e um só povo de Israel (2Rs 22-23).

Apesar do forte caráter religioso, o objetivo principal da reforma de Josias (620-609 a.C.), como no caso do seu antecessor, Ezequias, foi a expansão nacional e territorial, sobretudo na região de Benjamin, antigo território de Israel Norte. As cidades de Jericó (Js 6), Betel (Js 8,12) e Gabaon (Js 9), que representavam importantes centros na região, foram os alvos imediatos da política nacionalista e expansionista do rei Josias.

Um dos meios de justificar e promover a incursão e a conquista militar foi a elaboração de uma obra historiográfica da ocupação de Canaã com notáveis estratégias de propaganda, prática bem conhecida dos relatos de conquista, como os efetuados pelos neoassírios. Eis alguns traços das justificativas e intenções do movimento de Josias que transparecem no livro de Josué:

- a) *A guerra santa* (Js 6-11): o próprio Javé, comandante das tropas de Israel, conquista as cidades “estrangeiras” e extermina suas populações em nome da aniquilação da idolatria, o que o rei Josias propagou e executou em sua reforma.
- b) *As cidades conquistadas*: a lista dos reis vencidos demonstra a pretensão e a dinâmica da política militarista e expansionista do rei Josias.

c) *Declaração de fé em Javé, feita por uma mulher estrangeira* (Js 2,8-13): a adesão de Raab à divindade dos israelitas é protótipo do ato das nações estrangeiras, que devem temer e confessar somente Javé, o dono de toda a terra. Em seu projeto militarista e expansionista, Josias deseja salientar a grandeza de Javé diante das nações.

d) *A presença da arca de Aliança* (Js 6): a arca da Aliança, símbolo da unidade e da identidade nacional, é apropriada, utilizada e descrita como presença sagrada e militar de Javé na conquista, para justificar e fortalecer a guerra santa do rei Josias. No pós-exílio, a arca, levada em procissão (Js 3-4), adquirirá maior caráter sagrado e litúrgico no contexto da teocracia, sendo transformada no “Santo dos Santos”, chamado de “sala do propiciatório” (cf. Ex 25,17; Lv 16,15; 1Cr 28,11).

1.3. Período exílico e pós-exílico

Na primeira invasão da Babilônia (597 a.C.), o rei Joaquin e seus colaboradores, incluindo o profeta Ezequiel, foram exilados para a Babilônia e se estabeleceram em Tel-Abib, no canal do rio Cobar (Ez 1,3; 3,15). Na segunda invasão (587 a.C.), o rei Sedecias, filho de Josias e tio de Joaquin, bem como seus governantes foram massacrados, a capital Jerusalém com seu templo foi devastada e Judá foi conquistada pelos babilônios (2Rs 25,1-21). Com o esforço do grupo do profeta Jeremias, camponeses remanescentes,

“O LIVRO CONTÉM UMA HISTÓRIA MÍTICA E HEROICA (ASPECTOS REDACIONAIS) RELACIONADA COM A REFORMA DE JOSIAS E COM A IMPLANTAÇÃO DA TEOCRACIA EM JUDÁ, NO PÓS-EXÍLIO.”

a terra de Judá foi distribuída aos pobres por Godolias, governador nomeado pela Babilônia (Jr 40).

Durante o exílio, Ezequiel, formado em Jerusalém, de família sacerdotal, exerceu sua atividade no meio dos primeiros exilados, altos oficiais e anciãos (cf. 2Rs 24,10-16; Ez 1,1-3; Jr 29,1-23). Seu grupo, reconhecendo a destruição de Jerusalém como o resultado da infidelidade a Javé, tentava manter sua fidelidade e identidade, fortalecendo e renovando a teologia oficial: Javé do templo exila-se na Babilônia e está no meio dos primeiros deportados (Ez 10,18-22). Eles, com Javé oficial, consideram-se o verdadeiro povo de Deus (Ez 11,14-18) e os herdeiros legítimos da terra santa de Judá (Ez 11,15; 33,23-29), enquanto se mantêm “puros” no meio dos “impuros” (idolatria: cf. Ez 20; 22) e observam os estatutos e normas de Deus Javé: a circuncisão, o sábado, a lei da pureza etc. (Ez 32,19-21; 37,23). Nessa moldura teológica, o grupo de Ezequiel, que criticou os camponeses remanescentes por pretenderem ser os únicos herdeiros da terra de Israel (Ez 11,17-21; 20,42), revisou a primeira redação do livro de Josué com ênfase na retomada da posse da terra (Js 13-21).

Após o exílio, o grupo de Ezequiel, agora chamado *golá*, retornou para Judá e estabeleceu a teocracia, como comissário do Império Persa (Esd 1-7). Os teocratas reconstruíram e fortaleceram o sistema do templo com Javé, Deus único contra “outros deuses”, a teologia da retribuição, a lei da pureza, sacrifícios, festas, ofertas dos produtos da terra para Deus Javé etc., como principais meios de arrecadação de tributos para o enriquecimento da teocracia de Jerusalém e do Império Persa, provocando o sofrimento do povo (cf. Is 58,1-12; 66,1-4; Jó 24; Sl 73). Para usar o livro de Josué como meio de justificação de seu poder e de direito sobre o domínio de Judá, os escribas da teocracia releram, revisaram, ampliaram e escreveram a

última redação desse livro, sobretudo a parte da “repartição da terra (Js 13-21) e a última parte (Js 22-24):

- a) *O novo êxodo*: o retorno dos repatriados (*golá*) para a Terra Prometida é descrito como o novo êxodo do povo eleito, que deveria ocupar e controlar a terra (Js 1,10-18; 4,1-24), justificando, assim, o direito e o poder do governo teocrata sobre a terra, a arrecadação de tributos etc.
- b) *A sacralização da Lei* (Js 1,6-9; 8,30-32; 22,1-8; 23,6): a teocracia sacerdotal sacraliza a lei da pureza, a circuncisão, a etnia eleita e santa, o monoteísmo, com a figura mítica de Moisés, patrono da Lei, e impõe a observância rígida desses preceitos.
- c) *Os “despojos” da guerra santa* (anátema): os objetos conquistados nas guerras vão para o tesouro do templo de Javé, enriquecendo a teocracia e o Império Persa (Js 6,17-19; 22,7-8; cf. Ex 25,1-9; Esd 7,25-26).
- d) *A distribuição da terra santa* (Js 13-21): a terra, conquistada pelo comandante Deus Javé, é distribuída para as 12 tribos de Israel, o verdadeiro povo de Deus, com a presença marcante dos sacerdotes na cerimônia transcendental da partilha da terra (Js 14,1; 17,4; 19,51; 21,1; 22,13.30.32).
- e) *O altar do santuário escolhido por Javé, “Deus dos deuses”* (Js 22): os sacrifícios e as ofertas devem ser oferecidos no templo de Jerusalém, onde habita Javé, o único Deus de Israel (Dt 4,39-40).
- f) *A fidelidade ou infidelidade do povo a Javé e à sua palavra* (Js 23): a quebra da Aliança, caso o povo venha a servir “outras divindades”, provocará a ira de Javé, tendo como consequência a perda da terra santa. A lei da pureza, com a teologia da retribuição, consolidada pelos teocratas, está em vigor para legitimar o poder de Javé e da teocracia.



“OLHANDO DE
PERTO O LIVRO DE JOSUÉ,
NOTAMOS A PRESENÇA DE
AMBIGUIDADES E MANIPULAÇÃO DA
HISTÓRIA. É NECESSÁRIO LER O TEXTO
BÍBLICO NO SEU CONTEXTO HISTÓRICO-SOCIAL.”

g) *A renovação da Aliança* (Js 24): o povo de Israel renova a Aliança com o Deus do êxodo, agora transformado em um Deus excludente, ciumento e vingativo. Se Israel não observar o livro da Lei, as palavras de Deus Javé, e servir “outros deuses”, “deuses do estrangeiro”, Javé tratará mal o povo e o destruirá.

2. PLANO E CONTEÚDO DO LIVRO DE JOSUÉ

- a) Js 1-12: a primeira parte do livro relata a preparação e a realização da conquista, sendo redigida principalmente pelos escribas (deuteronomistas) do rei Josias como propaganda real, para justificar sua política nacionalista, militarista e expansionista. Posteriormente, a primeira parte é revista pelos redatores pós-exílicos com sua teologia, como a das 12 pedras (a totalidade do povo: Js 4,20; Ex 24,4; 1Rs 18,31), a circuncisão (Js 5,2-9; Lv 12,3; Gn 21,4), o anátema consagrado a Javé (Js 6,17-19; cf. Lv 27,21-29) etc. Provavelmente, Js 1, que contém o discurso de Javé e emoldura todo o livro com o discurso de Josué (Js 23-24), seja da redação pós-exílica.
- b) Js 13-21: a segunda parte do livro apresenta a partilha da terra entre as tribos e as listas com os territórios e fronteiras das tribos de Israel após seu assentamento. A maior parte

desse segundo conjunto de textos é elaborada pelo grupo do sacerdote Ezequiel e estendida e intensificada pelos teocratas (*golá*) no pós-exílio, para legitimar o poder e o controle dos teocratas sobre os territórios de Judá.

- c) Js 22-24: a terceira parte é composta no período exílico e pós-exílico, apresentando o retorno das tribos (Js 22), o último discurso de Josué (Js 23), a aliança em Siquém e a morte de Josué (Js 24). O principal objetivo dos redatores é descrever o povo eleito de Javé em torno do templo e da Lei de Javé, Deus poderoso, ciumento, castigador, violento contra quem serve outros deuses. O maior castigo é a perda da posse da terra (Js 23,15-16; 24,16-28; cf. Dt 28,15-46).

3. MENSAGENS PRINCIPAIS DE ONTEM E DE HOJE

Em princípio, a história da formação de Israel, descrita no livro de Josué, é história mítica e heroica, elaborada para justificar e legitimar a reforma de Josias e o projeto dos teocratas. Não se deve, porém, desprezar a narrativa histórica bíblica. Nela, as tradições antigas da vida dos israelitas estão presentes. Até para convencer o povo, os redatores trazem, na história, as tradições antigas mais sagradas à vida cotidiana de Israel: terra, hospitalidade, festa etc. São as tradições e as espiritualidades que devem ser reavivadas pelo povo de hoje para a vida digna. Ao mesmo tempo,

a apropriação e a manipulação da história e da imagem de Deus a serviço dos projetos dos poderosos também devem ser salientadas, para alertar e conscientizar a leitura da Bíblia em prol da construção do Reino da Vida:

- a) *A terra é dom de Deus*: a terra, na experiência do povo sofrido de Israel, deveria ser considerada como dom de Deus para o sustento da vida e ser repartida de acordo com a necessidade. Até hoje, porém, a terra continua a tornar-se fonte de riqueza abusiva e acaba sendo indevidamente concentrada na mão de alguns, em detrimento dos demais.
- b) *Solidariedade e convivência*: a memória sagrada da convivência solidária e festiva dos primeiros israelitas, que transparece na história de Raab e nas festas partilhadas, deve ser reavivada urgentemente na realidade do Brasil, onde um quarto da população (52,7 milhões) vive em situação de pobreza ou extrema pobreza.
- c) *A guerra santa*: as guerras, comandadas pelo próprio Deus Javé, chefe das tropas de Israel (Js 5,13-15), são verdadeiro manual (propaganda) de guerra santa de conquista, de violência, de massacre da população local, que serviu, por séculos, para sustentar argumentações religiosas de violências e guerras contra as populações inimigas. Ainda em nossos dias, a leitura fundamentalista transforma o “cerco de Jericó” (Js 6), por exemplo, em uma batalha espiritual contra as forças malignas, alimentando

os cristãos com um fanatismo religioso desconectado da missão cristã a serviço da vida e da justiça.

- d) *Deus poderoso, ciumento e castigador na teologia da retribuição*: a bênção e a maldição de Javé são condicionadas à fidelidade e à infidelidade à Aliança com ele, Deus único do templo de Jerusalém, a serviço do poder e do interesse da teocracia judaica sob a ordem do Império Persa. Na atualidade, o imperialismo, com seus “deuses poderosos e castigadores” (dinheiro, arma, honra, prazer), continua a encarnar-se em muitas “bestas” (Ap 13,11-18), atraindo, devorando e sacrificando pessoas inocentes mediante o trabalho escravo, a fome, a violência etc. Até as igrejas, com seu Cristo triunfalista, legalista e ritualista, colaboram e justificam a atuação das bestas do presente.

4. UMA PALAVRA FINAL

Olhando de perto o livro de Josué, notamos a presença de ambiguidades e manipulação da história. É necessário ler o texto bíblico no seu contexto histórico-social. Um dos critérios da leitura é a vida. No contexto da teocracia com Deus Javé poderoso do templo, que nem sequer escuta os gritos dos pobres impuros (Jó 24,12), Jó, representante dos impuros, por exemplo, critica a teologia da retribuição e apresenta o Deus defensor dos pobres que está no meio do povo (Jó 19,25-27; 42,1-6). É o Deus dos pequenos de Jesus de Nazaré (Lc 10,21), que, como manifestação do amor infinito de Deus Pai e Mãe, defendeu a vida e foi morto na cruz. **vp**

CENTRO BÍBLICO VERBO

Um centro de estudos que há mais de 30 anos está a serviço do povo de Deus, desenvolvendo uma leitura exegética, comunitária, ecumênica e popular da Bíblia. O Centro Bíblico Verbo oferece cursos regulares de formação bíblica, em diferentes modalidades.

Mais informações: Tel.: (11) 5187-1008 / E-mail: contato@cbiblicoverbo.com.br
www.cbiblicoverbo.com.br; facebook.com/cbiblicoverbo

Ir. Aíla Luzia Pinheiro de Andrade é graduada em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará e em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (Faje - MG), onde também cursou mestrado e doutorado. Atualmente, leciona na Universidade Católica de Pernambuco e na Faculdade Católica do Rio Grande do Norte. Escreveu *Palavra viva e eficaz*, pela Paulus. E-mail: aylanj@gmail.com

RAAB, MULHER DE FÉ

“Eu sei que o
Senhor entregou
a vocês esta terra”
(Js 2,9).





O artigo trata do papel de Raab na história da salvação. O objetivo é responder à questão sobre como uma mulher prostituta, estrangeira e inimiga se tornou exemplo de fé comparável ao de Abraão. A metodologia foi a revisão bibliográfica de obras que tratam especificamente da personagem Raab. Os resultados mostram que usufruir das promessas divinas não é privilégio determinado pelo cumprimento da Lei ou uma questão de etnia, mas é algo que se relaciona com a adesão de fé e o exercício da misericórdia.



“Considerando a perspectiva deuteronomista, preocupada em manter a pureza da fé e da prática israelita (cf. Js 23,6-13), podemos afirmar que a história de Raab é notável.”

INTRODUÇÃO

O livro de Josué tem por finalidade narrar o cumprimento da promessa de Deus a Abraão em relação a Canaã (Gn 13,14-18), promessa que foi reiterada ao longo do Pentateuco (Gn 12,7; 15,7; 26,2-3; Ex 6,8 etc.).

Os autores deuteronomistas¹ estruturaram a historiografia de Israel (Js-2Rs) tendo como ponto de partida a entrada na Terra Prometida e como término a perda da terra (HAWK, 1991, p. 41). Em Js 1, as tribos se preparam para cruzar o Jordão e entrar em Canaã. Josué, o substituto de Moisés, recebe instruções divinas para ser “firme e corajoso” e não se desviar da Lei “nem para a direita nem para a esquerda” (Js 1,7), condição para a posse da terra.

Às portas da Terra Prometida, o povo sabe que Jericó é grande obstáculo à realização da conquista. Jericó está localizada no vale do Jordão, junto às passagens que levam ao território de Canaã. No imaginário daquela época, a cidade era tida como uma espécie de fortaleza inconquistável.

Antes que as tribos cruzassem o Jordão, Josué envia dois espiões a Jericó, a fim de reunir informações que facilitassem uma invasão subsequente bem-sucedida. A fé nas promessas de Deus não impediu que Josué usasse dos meios adequados para sair vitorioso.

O texto de Js 2 provoca forte impacto nos leitores, ao narrar que os espiões se hospedaram na casa de uma prostituta de nome Raab (Js 2,1). Provavelmente, essas narrativas tiveram origem em um conto popular (repleto de humor e insinuações sexuais) que se tornou, nas mãos dos autores deuteronomistas, um relato da derrota dos cananeus. A partir daí, Raab passa a ser a personagem principal, e não mais os espiões.

Entre as grandes protagonistas nas narrativas bíblicas – Sara, Miriam, Judite, Ester e outras que são louvadas por sua luta pela vida e pela dignidade do povo, verdadeiras representantes da fé israelita –, agora temos a estrangeira Raab, que, ademais, é prostituta.

Considerando a perspectiva deuteronomista, preocupada em manter a pureza da fé e da prática israelita (cf. Js 23,6-13), podemos afirmar que a história de Raab é notável. Por ser estrangeira e prostituta, é presumivelmente uma “armadilha” em potencial para os espiões israelitas, pois poderia seduzi-los para adorarem outros deuses (Js 23,12-13) ou desistirem de combater os cananeus. No entanto, é Raab quem se bandeia para o lado dos hebreus, confessando a fé no Deus de Israel e agindo em nome dessa fé.

1. RAAB E OS ESPIONES EM JERICÓ

Provavelmente, os dois espiões hospedaram-se na casa de Raab porque ali era o tipo de lugar onde se evitava fazer perguntas. Aquela casa, portanto, ofereceria a segurança do anonimato. Além disso, estava

¹ Fazem uma teologia da história, principalmente nos livros Js-2Rs, tomando por base o Deuteronômio. Tal teologia resume-se no seguinte esquema: 1) a fidelidade do povo ao Senhor traz paz e bem-estar; 2) a infidelidade traz a opressão de inimigos externos; 3) com o sofrimento, o povo se arrepende; 4) Deus envia alguém para libertá-lo dos inimigos. A posse da terra é o bem-estar; o clímax da infidelidade levou o povo à perda da terra, com o exílio na Babilônia.

situada próxima à muralha da cidade e com uma janela para o lado de fora (Js 2,15), o que poderia favorecer uma fuga.

Outro modo de compreender os motivos de os espíões terem procurado hospedagem ali é pensar a casa de uma prostituta como local onde poderiam ter informações sobre a cidade, por se tratar de lugar frequentado por mercadores e outros tipos de viajantes. Já outros estudiosos preferem ressaltar que Raab pode simplesmente ter recebido os espíões como viajantes quaisquer, como uma forma de hospitalidade antiga (cf. Gn 18,1-5; Jz 19,14-21; HAWK, 1991, p. 61).

Os espíões foram descobertos e o fato relatado ao rei (Js 2,2), mas Raab os salva por meio de sua sabedoria. O rei enviou homens a Raab, que inventou uma história destinada a enganá-los e a impedir que capturassem os espíões (v. 4-5).

O autor bíblico destaca minuciosamente as atitudes de Raab:

- disse que não sabia que eles eram filhos de Israel;
- disse que já tinham ido embora;
- disse que não sabia onde poderiam ser encontrados;
- induziu os guardas do rei a pensar que, se os perseguissem rapidamente, os capturariam com facilidade.

Então, os guardas do rei foram procurar os espíões ao longo da estrada que levava às travessias rasas do rio Jordão. E assim que aqueles homens saíram, o portão de Jericó foi fechado.

2. A FÉ/FIDELIDADE DE RAAB

Raab havia escondido os dois espíões (v. 4) e, quando percebeu que já estavam fora de perigo, “antes que se deitassem, ela subiu ao terraço” (v. 8). Na conversa com esses seus hóspedes, Raab mostrou estar bastante informada sobre o progresso dos israelitas desde que cruzaram o mar Vermelho (v. 10). As palavras dela ecoam as palavras do Deuteronômio, de que Deus iria deixar os cananeus

aterrorizados ao ouvirem as notícias sobre o que acontecia com os oponentes de Israel (Dt 2,25). Raab diz: “Estamos apavorados, e todos os habitantes da terra tremem diante de vocês” (Js 2, 9); “ficamos desencorajados, e ninguém mais consegue respirar diante de vocês” (v. 11). A mulher cita, como exemplo, o que aconteceu com os reis amorreus Seom e Ogue, vencidos pelas tribos hebreias (v. 10). Por meio das palavras de Raab, o autor bíblico faz os cananeus reconhecerem o poder do Deus de Israel, que dá a terra aos descendentes de Abraão.

O autor destaca a profissão de fé da mulher cananeia, membro de um dos povos que serão destruídos para que Israel possua a terra. Raab se torna semelhante a Rute, a moabita, também representante de um povo adversário dos filhos de Israel. Rute diz que somente o Senhor é seu Deus e que Israel será seu povo (Rt 1,16-17; CROWELL, 2013, p. 1-18).

Raab começa sua confissão de fé com as palavras “eu sei” ou “eu estou ciente”, fórmula comumente usada quando um estrangeiro reconhece a verdade israelita (por exemplo, em Ex 18,11; 1Rs 17,24; 2Rs 5,15). Mais tarde se dirá que Deus enxertou Raab na comunidade da Aliança por causa de sua fé, semelhante à de Abraão, a qual lhe foi creditada como justiça (Gn 15,6). A participação na Aliança era resultado da fé, não derivava de etnia ou do cumprimento da Lei. A graça salvadora de Deus pode se estender além das fronteiras de Israel (CAMPBELL, 1972, p. 243-244).

Após a confissão de fé, Raab pede aos espíões que a recompensem por tê-los escondido, poupando a vida dela e de todos os seus familiares que viviam no perímetro da cidade (v. 12-13): “assim como eu os tratei com misericórdia, vocês também tratarão com misericórdia a minha família” (v. 12).

A palavra *hesed*, presente nos v. 12 e 14 e traduzida como “misericórdia”, expressa intensa lealdade, fidelidade e bondade que se originam em Deus. O termo descreve, com maior

frequência, as ações benéficas de Deus para com seu povo. O uso de *hesed* por Raab, no v. 12, é um pedido para que os espiões estendam a ela e à sua família a lealdade e a bondade da Aliança, assim como ela foi boa e leal com eles, escondendo-os e mentindo aos guardas do rei para proteger a vida deles (HARRIS; ARCHER JR.; WALTKE, 1998, p. 499-503).

Os espiões fazem um juramento, garantindo que Raab e sua família serão tratadas com lealdade e fidelidade, com a condição de que não sejam denunciados (v. 14). Esse acordo entre Raab e os espiões é contrário a outros textos que proíbem os filhos de Israel de fazer qualquer tipo de pacto com os cananeus (Dt 7,1-4; Js 20,16-18).

3. O SINAL: UM CORDÃO VERMELHO

Pelo acordo, cabia a Raab reunir todos os seus familiares em sua casa e distingui-la das demais, colocando um cordão vermelho na mesma janela pela qual os espiões estavam escapando (Js 2,18-21).

Enquanto eles permanecessem em Jericó, corriam o risco de ser descobertos. Aqui, o autor alivia a tensão da história: a mulher os ajuda a escapar de sua perigosa localização, no terraço da casa, para que possam completar sua missão. Ela os fez descer por uma corda (v. 15) e lhes deu orientações (v. 16). Raab, que já os havia protegido dos guardas do rei, continua a protegê-los desses mesmos homens, mediante a sabedoria de seu conselho.

Tendo os espiões partido, a mulher amarra o cordão vermelho na janela. Pode haver uma conexão entre esse sinal e a narrativa de Ex

12,13. Os hebreus foram protegidos em suas casas pelo sangue do cordeiro colocado nas ombreiras de suas portas (ASSIS, 2004, p. 82-90).

A palavra para cordão, em hebraico, é *tiquah*, que também significa “esperança”. Raab se tornou um paradigma de esperança para Israel. A interpretação cristã viu no cordão vermelho um símbolo do sangue de Cristo, que redimiu os pecadores. Para Santo Ambrósio, Raab é uma prefiguração da comunidade cristã, que reuniu os convertidos de um vasto círculo de nações pagãs. Esse santo vê, no cordão vermelho amarrado na janela de Raab, a salvação universal em Cristo. Raab prefiguraria também a Igreja, como uma prostituta casta. Semelhante a Raab, a Igreja recebe com prazer todos os que chegam, mas Cristo a despojou de sua impureza e a tornou casta. Assim, a expressão *casta meretrix* enfatiza a natureza imaculada da Igreja, bem como sua constante necessidade de salvação (LAWSON, 2019, p. 10).

4. INTERPRETAÇÕES JUDAICAS E CRISTÃS

Os dois espiões voltaram a Josué cheios de confiança e relataram tudo o que havia acontecido (v. 23). Estavam certos de que Deus lhes daria a terra da promessa (v. 24). Usaram as mesmas palavras de sua salvadora (Js 2,9,24) e do cântico de vitória, após Deus ter salvo os hebreus do faraó no mar Vermelho (Ex 15,15).

No tempo em que esse relato do livro de Josué foi escrito, no final do exílio da Babilônia e retorno para a Terra Prometida, o povo era constituído por uma multidão

“Por meio das palavras de Raab, o autor bíblico faz os cananeus reconhecerem o poder do Deus de Israel, que dá a terra aos descendentes de Abraão.”



mista. Nesse contexto, a história de Raab lembra que o critério para participar da mesma família dos eleitos é a fé.

Raab tinha sido incrivelmente corajosa. Era uma mulher cananeia pertencente a um povo inimigo e estranho às alianças e às promessas divinas. Era uma mulher em um mundo de homens, vulnerável e sem direitos. No entanto, por meio de sua bravura de fé e fidelidade, o povo de Deus teve sua vitória. O autor bíblico continuou a tecer, em detalhes, a fé e o caráter de Raab até o final da história. Não Josué, não os espiões, não os homens, mas ela é quem é a heroína desse relato.

Os israelitas cruzaram o Jordão e tomaram Jericó. Josué ordenou que os dois espiões resgassem Raab e a família dela, cujos descendentes, desde então, passaram a residir em Israel (Js 5,22-23.25).

Para defender a pureza da fé, judeus posteriores tentaram amenizar o impacto que o texto de Js 2 causava nos leitores. Por isso, interpretaram o termo hebraico para “prostituta” como “estalajadeira”, na versão aramaica do Antigo Testamento intitulada *Targum Jonathan* (cf. ANDRADE; RIBEIRO, 2020, p. 55-72).

Outros sábios judeus afirmam que, durante os 40 anos em que os israelitas vagaram no deserto, não houve príncipe ou governante de Canaã que não tivesse tido relações com Raab, porque era a mais bonita das mulheres; portanto, ela estava bem informada a respeito de tudo que acontecia em Jericó e nas cidades-Estado de Canaã. Após a conquista de Jericó pelos israelitas, Raab teria se tornado uma piedosa prosélita (convertida ao Senhor) e até teria se casado com Josué e se tornado antepassada de sacerdotes e profetas, entre os quais Jeremias (RAHAB, [entre 2002 e 2021]).

Raab também impactou o cristianismo nascente. Tornou-se um dos principais exemplos de fé a serem imitados pelos seguidores de Jesus. Em Tg 2,25, é elogiada como alguém que foi justificada por sua fé operante. Os primeiros escritores cristãos

Milagres na Bíblia

Luiz Alexandre Solano Rossi / Valmor da Silva (orgs.)



152 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

**CONFIRA
VERSÃO
E-BOOK**

Este livro é um conjunto de seis artigos que refletem sobre os milagres, tal como aparecem na Bíblia e em outros textos sagrados.

O objetivo é mostrar como o assunto é tratado nesses textos, o que esses textos procuravam revelar e quais os possíveis significados de cada milagre.



Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
0800-0164011

paulus.com.br



“Raab ouviu falar dos poderosos atos de Deus e lhe bastou isso para fazer uma adesão de fé. Adesão arriscada, pois poderia ter sido morta pelo rei de Jericó ou pelos filhos de Israel.”

seguiram a linha dos sábios judeus que a exaltavam como exemplo de convertida ao Senhor. Com base em Hb 11,31, pode-se dizer que o impacto causado, ao longo da história, pela fé e atitude de Raab decorreu do fato de que ela não tinha nenhuma razão para acreditar em Deus – sobretudo em sua misericórdia –, mas ainda assim o fez.

Após a era apostólica, os cristãos também usaram a história de Raab para justificar o axioma “fora da Igreja não há salvação” (*extra Ecclesiam nulla salus*). Usaram como argumento o fato de que a cidade inteira de Jericó – símbolo do mundo fora da Igreja – foi amaldiçoada e destruída. Como somente as pessoas que estavam na casa de Raab foram poupadas (Js 6,17) – a casa da prostituta sendo símbolo da Igreja –, então quem estivesse fora não seria salvo (LAWSON, 2019, p. 4; 13).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O testemunho de Raab, no episódio de Js 2, é notável até para o leitor moderno, por provir de uma pessoa que era a antítese do que Israel deveria ser, moral e religiosamente. Mesmo assim, o autor bíblico a destaca como protagonista das narrativas que descrevem a entrada das tribos hebreias em Canaã. Raab ouviu falar dos poderosos atos de Deus e lhe bastou isso para fazer uma adesão de fé. Adesão arriscada, pois poderia ter sido morta pelo rei de Jericó ou pelos filhos de Israel. Esconder os espiões, com risco da própria vida, demonstra

sua fé corajosa. Ao protegê-los, Raab arriscou a própria vida e a de seus familiares. Esse foi um momento crítico de decisão.

À medida que a narrativa se encaminhava para o fim, os primeiros leitores, no final do exílio, iam tendo a sensação de que valia a pena confiar em Deus e nas suas promessas. A missão dos espiões, desde o início, foi repleta de perigos. A narrativa retrata os cananeus resolutos em sua perseguição aos espiões, a ponto de procurá-los durante dias. O leitor antigo sabia que, se tivessem sido capturados, certamente teriam sido torturados e, finalmente, mortos. Isso teria comprometido definitivamente as tentativas de conquista da terra. No entanto, apesar da incursão angustiante deles em território hostil, Deus os trouxe de volta a Josué ilesos e sua missão foi cumprida, graças a Raab.

Aquela que, no início do relato, foi apresentada como prostituta ficou conhecida durante milênios por sua fé. A voz do autor deuteronomista se fez ouvir de forma subjacente ao escrito. Raab confessou não só sua reverência a Deus, mas também sua fé nele, e implorou por misericórdia. Ela é a cananeia que não segue Baal, mas o Deus da Aliança, ao passo que os filhos de Israel abandonam o Senhor, o Deus libertador, que fez promessas aos patriarcas, para adorar Baal, deus dos seus inimigos.

Por que essa mulher pagã, cananeia, com uma ocupação questionável, poria a vida em risco por dois espiões israelitas? Por que confiaria neles ou em sua palavra? Como poderia essa mulher fazer uma confissão de fé tão autêntica, e por qual motivo?

Raab, com sua confiança em Deus, fortaleceu a fé dos espiões. Eles não são os mais importantes no relato, nem sequer são nomeados. A fé atuante dessa mulher começa com uma submissão humilde à vontade de Deus a respeito da própria vida. Os espiões e os filhos de Israel que estavam no acampamento eram descendentes de uma geração que havia morrido no deserto por duvidar de Deus e de sua palavra. E os que estavam lendo, séculos

depois, pela primeira vez esse relato eram filhos daqueles que foram levados para o exílio por causa da infidelidade à Aliança.

Quando essas narrativas foram recebidas, era considerada inalcançável uma vitória militar sobre aqueles que dominavam Israel, a saber, os babilônios ou persas. O povo de Deus precisava ser lembrado novamente da misericórdia divina e do fato de que o Senhor está sempre determinado a resgatar seu povo das mãos dos opressores, agindo por meio daqueles considerados os mais fracos e inaptos.

Assim como os espiões salvos pela bondade e benevolência do Senhor mediante uma mulher cananeia e prostituta, a audiência original da narrativa seria libertada de todos os seus inimigos enquanto perseverasse na fidelidade ao seu Deus.

Raab, a prostituta cananeia, acreditava que o Deus de Israel daria a Terra Prometida ao povo da Aliança. A repetição das palavras de Raab pelos espiões, ao encontrarem Josué, apenas reforça esse ponto. A promessa de Deus era algo certo (Dt 2,25; 11,25). As palavras conclusivas dos espiões motivariam, encorajariam e exortariam essa audiência israelita, em particular, a avançar com ousadia para a retomada da terra, que havia sido conquistada com Josué e depois fora perdida no exílio.

Os primeiros passos de Josué poderiam ter deixado o povo envolto em dúvidas e desanimado, porque Canaã não fora completamente subjugada. O povo de Israel teve de conviver durante séculos com os inimigos ali ao seu lado. Essas palavras conclusivas reforçariam apaixonadamente que a promessa divina feita no início de tudo se concretizaria, se continuassem confiando em Deus e sendo-lhe fiéis.

O efeito que esses relatos causaram nos exilados em crise de fé, inclinados a uma atitude de fechamento aos estrangeiros e de preconceito em relação às mulheres, deve nos impactar da mesma forma hoje, principalmente em tempos em que constatamos

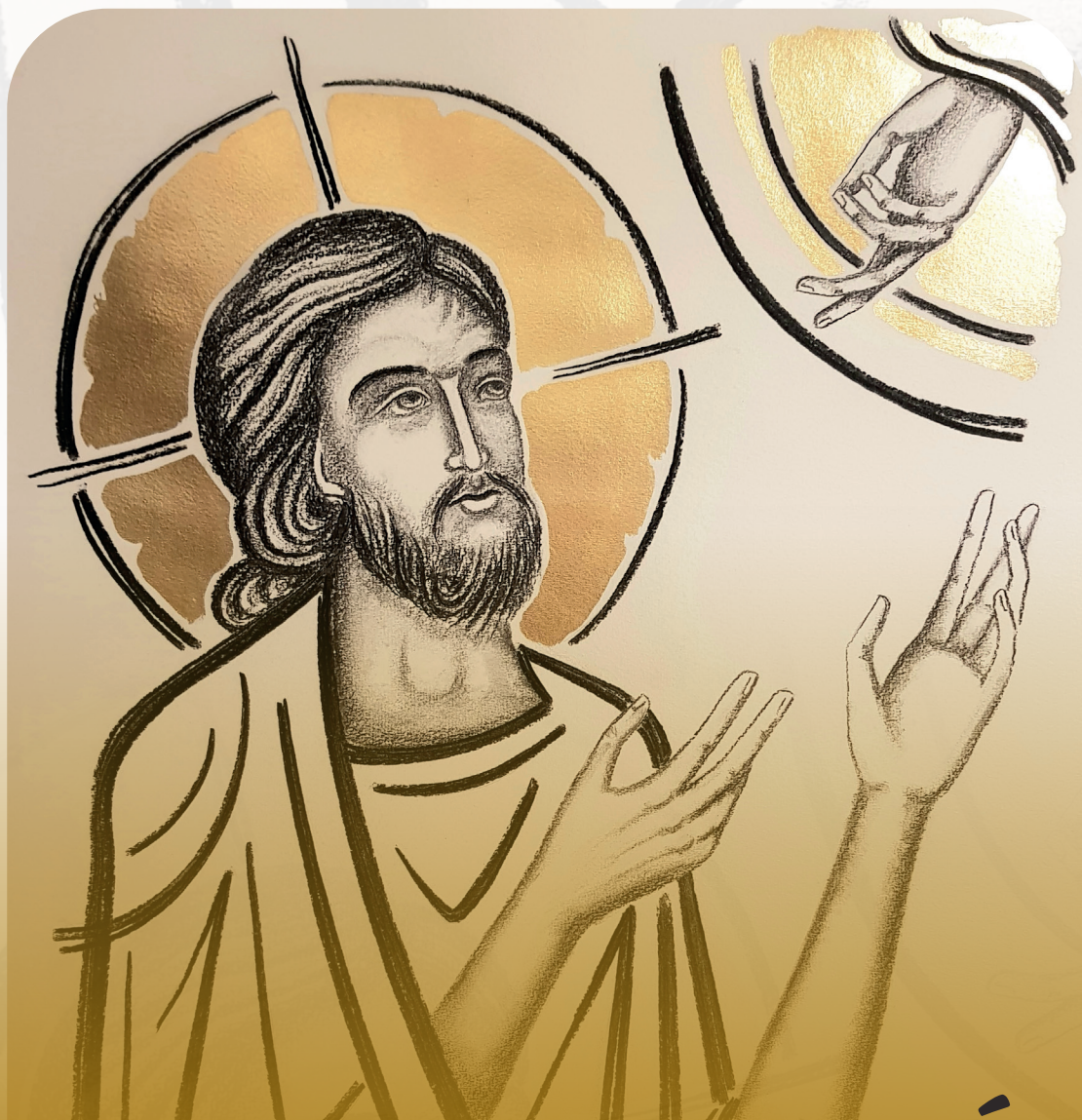
a retomada da rigidez nos costumes, a falta de misericórdia com as diferenças e a crise da fidelidade a Deus.

vp

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, ALP; RIBEIRO, Susie H. Targumim, as traduções aramaicas do Antigo Testamento, e alguns paralelos com o Novo Testamento. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 52, n. 1, p. 55-72, 2020.
- ASSIS, Elie. The choice to serve God and assist his people: Rahab and Yael. *Biblica*, Roma, v. 85, n. 1, p. 82-90, 2004.
- BÍBLIA sagrada: edição pastoral. São Paulo: Paulus, 2018.
- CAMPBELL, Katia. Rahab's covenant: a short note on Joshua 2:9-21. *Vetus Testamentum*, Leiden, v. 22, n. 2, p. 243-244, 1972.
- CROWELL, Bradley L. Good girl, bad girl: foreign women of the Deuteronomistic history in postcolonial perspective. *Biblical Interpretation*, Leiden, v. 21, n. 1, p. 1-18, 2013.
- HARRIS, R. Laird; ARCHER JR., Gleason L.; WALTKE, Bruce K. *Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998.
- HAWK, Daniel L. *Every promise fulfilled: contesting plots in Joshua*. Louisville: Westminster John Knox, 1991.
- LAWSON, Stephen D. The apostasy of the Church and the cross of Christ: Hans Urs von Balthasar on the mystery of the Church as casta meretrix. *Modern Theology*, New Jersey, 2019. Disponível em: https://www.academia.edu/39127341/The_Apostasy_of_the_Church_and_the_Cross_of_Christ_Hans_Urs_von_Balthasar_on_the_Mystery_of_the_Church_as_Casta_Meretrix. Acesso em: 18 mar. 2022.
- RAHAB. In: JEWISH Encyclopedia. Philadelphia: [s. n., entre 2002 e 2021]. Disponível em: <https://jewishencyclopedia.com/articles/12535-rahab>. Acesso em: 18 mar. 2022.
- WISEMAN, Donald John. Rahab of Jericho. *Tyndale House Bulletin*, Cambridge, v. 14, p. 8-11, Jun. 1964.

*Pe. Danilo César dos Santos Lima, liturgista formado pelo Pontifício Instituto Litúrgico Santo Anselmo, em Roma. Pároco da paróquia de Santana, arquidiocese de Belo Horizonte. Professor de Liturgia na PUC-Minas, no Ista (Instituto Santo Tomás de Aquino) e doutorando em Liturgia pela Faj/Capes. Membro e coordenador da pós-graduação em Liturgia da Rede Celebra. Atua na promoção da recepção da reforma litúrgica no Brasil junto às comunidades e agentes da pastoral litúrgica.



CERCO DE JERICÓ, UMA RELEITURA BÍBLICO-LITÚRGICA

O Cerco de Jericó, como manifestação religiosa pentecostal, é sintoma que requer atenção eclesial e coragem, para reconhecer seu distanciamento das fontes da fé: a Bíblia, a liturgia e a Tradição. Esses “monumentos” projetam luzes para uma abordagem crítica do fenômeno, como um sintoma preocupante na Igreja no Brasil que requer autêntica revisão, em vista de uma conversão pastoral. Seu fundamento é o episódio narrado no livro de Josué, que pode ser boa inspiração para a Igreja nestes “tempos sinodais”.

Introdução

O “Cerco de Jericó” (CdJ) é um fenômeno religioso baseado na narrativa do capítulo 6 do livro de Josué, o sucessor de Moisés na condução do povo à Terra Prometida. Teve início, provavelmente, na visita do papa João Paulo II a Cracóvia, Polônia, em 1978 (MICHELETTI, 2017). Tal como se conhece atualmente, o CdJ tem duração de sete dias contínuos ou de sete encontros de periodicidade semanal. Recorda, conforme narra o texto, que o povo de Israel circundou as muralhas da antiga Jericó e tomou a cidade, situada a 23 quilômetros de Jerusalém. O ato realiza uma sobreposição de elementos litúrgicos (Eucaristia, jejuns e exorcismos), devocionais (adoração ao Santíssimo Sacramento, procissões eucarísticas, terços, atos de piedade) e pentecostais (pregações e animação de cânticos de cunho carismático e catártico). A iniciativa agremia muitos fiéis em torno das promessas de superação de problemas de toda ordem: pessoais, familiares, econômicos, enfermidades, dependências químicas, influências de demônios, feitiços etc. Esses elementos são representados como as atuais muralhas de Jericó a serem derrubadas.

Promovidos em ambientes pentecostais católicos, esses atos espalharam-se também por muitas paróquias e comunidades. São realizados de modo presencial ou transmitidos pelas redes católicas e mídias sociais.

Seu apelo massivo, de corte marcadamente proselitista e simoníaco, alcança resultados pastorais questionáveis e objetivos não tão louváveis: busca de audiência, vendas de livros e de objetos sagrados, seguidores nas redes sociais, igrejas cheias, ou mesmo angariamento de recursos. O presente artigo pretende abordar o CdJ do ponto de vista litúrgico-sacramental, partindo de breve análise de Js 6. Em seguida, será examinado com elementos da teologia litúrgica que ajudem a elucidar o fenômeno. Ao final, propõe-se reconhecê-lo como sintoma de algo mais profundo, do ponto de vista eclesial.

1. O livro de Josué, na perspectiva da liturgia

Visitando os Lecionários da Igreja, observa-se que a liturgia cita com reservas o livro de Josué.² Sem pretender inventariar todos os livros rituais, pode-se concluir que a Igreja foi reticente na inclusão desse livro nos Lecionários. E, quando o faz, na metade das perícopes inclusas, recorre ainda à eclogadia,³ isto é, seleciona os versículos que convêm

² No Lecionário Dominical, são apenas duas citações (5,9a.10-12 / 24,1-2a.15-17). No Lecionário Semanal, são também poucas, apenas três (3,7-10a.11.13-17 / 12,14-29 / 24,1-13). Uma citação ocorre no Lecionário do Pontifical Romano (8,30-35).

³ *Eclôgue*, em grego, significa o ato de escolher, eleição, seleção. Muitas das perícopes dos Lecionários usam esse recurso, dando, na liturgia, uma fisionomia litúrgica ao texto. Exemplo: Js 3,7-10a.11.13-17.

ao uso litúrgico, ou para evitar as partes difíceis. Entre as ocorrências, não encontramos Js 6 nos Lecionários. Por que esse livro é tão pouco presente na liturgia da Igreja?

Embora a constituição litúrgica incentive uma leitura mais abundante da Sagrada Escritura (SC 24), a Igreja pratica o critério de evitar, nas celebrações, textos que causam dificuldades pastorais, exegéticas, críticas e literárias (CNBB, 2014, p. 228). A pouca recorrência não nos deve induzir a conclusões que desvalorizem o livro de Josué ou à inferência de que a liturgia da Igreja o tenha feito – cabe lembrar que a leitura de textos difíceis pode até impedir aquele “amor suave e forte” à Bíblia, como nos propõe o mesmo princípio conciliar; inspira, não obstante, o cuidado na leitura de um texto que comporta um nível considerável de exigências: divergências entre a versão hebraica e a versão grega; parte do material com origem pré-deuteronômista e outra parte, o material mais antigo, proveniente da época monárquica, cada uma com sua interpretação teológica dos fatos (CEI, 2020, p. 433–434). Pode ser o caso do capítulo em questão (Js 6). A leitura desse capítulo requer cuidados, para não recair numa abordagem fundamentalista ou justificar práticas religiosas duvidosas ou reprováveis, como a violência religiosa. O livro já se prestou a esse tipo de instrumentalização (CRB, 2000, p. 95).

Outra conclusão vem da análise do capítulo 6º, que mescla a narração do evento com camadas narrativas de séculos posteriores, de teor deuteronômista. No fundo, os escritores salientam, por meio de imagens muito carregadas, que Deus, na sua fidelidade, é quem dá a terra ao seu povo. Essa terra não é fruto de conquista, mas destina-se a todos. Retrutando um evento do passado, o episódio retoma elementos do período do exílio (século VI a.C.), tempo da redação, para fortalecer os hebreus no combate da fé contra a infidelidade e a idolatria praticadas

pelo povo em ambiente cananeu. O livro de Josué, por meio de contrastes entre os nômades que chegam e os que já habitam a terra, denuncia os esquemas políticos e religiosos idolátricos instalados em Canaã, com forte incidência de exploração sobre o povo. Mas reflete também sobre a confiança no Deus verdadeiro, que refaz, com seu poder, a experiência da libertação do Egito (Js 3). Esse Deus prefere os pequenos e frágeis hebreus e se coloca ao seu lado na luta do dia a dia, fortalecendo-os contra o risco de serem capturados numa vida semelhante àquela vivida no Egito.

2. As celebrações como lugares vivos da memória

Sabe-se que a “vitória” sobre os cananeus não significou uma assepsia da cultura e da religiosidade que já estavam instaladas antes da chegada do povo de Deus e que, na convivência com esse povo, Israel é tentado a praticar a idolatria, recaindo muitas vezes na infidelidade (Dt 31,16–18). Houve até mesmo mútua influência, o que fez Israel, povo de nômades, que cultuava a Deus no caminho do deserto, reelaborar sua experiência religiosa em condições sedentárias, até mesmo assumindo elementos das religiões cananeias (GRUEN, 1977, p. 37–38). Será preciso recordar muitas vezes a Aliança que infringiram e trazer, de modo vivo, a experiência de pertença a Deus e de fidelidade à sua Lei. As celebrações, ao longo do livro, são como “momentos litúrgico-sinodais”, em que a identidade do povo é retomada diante do Deus libertador. O compromisso do povo foi reafirmado a partir da reedição do êxodo, experimentada na passagem do Jordão, da circuncisão dos incircuncisos, da leitura conjunta da Lei de Deus, selada com sacrifícios de comunhão, e da memória da libertação do Egito (Js 4,19–24; Js 5,9–12; Js 8,30–35). Entre as celebrações mais notáveis está a assembleia

de Siquém, narrada no capítulo 24. Foi um momento de refazer a opção pela fidelidade à Aliança com Deus.

3. Celebrar a memória da salvação

A memória criativa do povo não se descolava dos eventos fundadores da fé: êxodo e Aliança. A volta ao evento fundador da Páscoa não era saudosismo edificante, experiência de êxtase alienante ou contrapartida religiosa para “segurar o público” diante das seduções: “cidades grandes e boas que não edificaste, casas cheias de tudo o que é bom, casas que não encheste; poços abertos que não cavaste; vinhas e oliveais que não plantaste” (Dt 6,10b-11a); ao contrário, era elemento identitário que, pela memória ritual, reavivava a libertação da escravidão (Dt 6,20-25; Ex 12,26). Os ritos celebrados reconduziam o povo misticamente ao próprio evento da Páscoa (GIRAUDO, 2002, p. 76-78). A idolatria escondia, no fundo, a volta ao esquema de exploração egípcia presente nas cidades-Estado de Canaã, política e economicamente ligadas ao Egito. Destarte, a escravidão será o espectro a rondar a vida do povo, e a memória ritual constituirá uma imunização contra a desfiguração da identidade de gente libertada pela poderosa mão do Senhor.

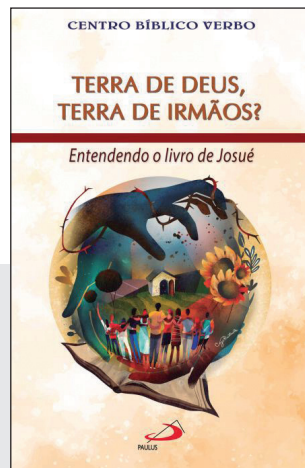
4. Sacramentalidade: uma relação delicada entre semelhança e diferença

A comunidade cristã herdou de Israel o caráter memorial de suas ações litúrgicas. O memorial não é uma capacidade psicológica de simplesmente recordar fatos com aperto no coração; antes, é um rito que, pela força dos sinais, reapresenta os participantes ao evento da salvação, tornando-os contemporâneos ao fato gerador da fé (GIRAUDO, 2002, p. 80-83). Celebrar o memorial tampouco é cumprir uma formalidade religiosa, um adereço, considerado por muitos vazio de sentido e, portanto,

Terra de Deus, terra de irmãos?

Entendendo o livro de Josué

Centro Bíblico Verbo



Imagens meramente ilustrativas.

Apresenta quatro roteiros de encontros sobre o livro de Josué, que narra os acontecimentos da conquista da terra de Canaã entre os anos de 1300 e 1000 a.C., a organização do povo em tribos e como a redação do livro foi feita após o exílio na Babilônia.



Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
0800-0164011

paulus.com.br

**“A IDOLATRIA ESCONDIA,
NO FUNDO, A VOLTA AO ESQUEMA
DE EXPLORAÇÃO EGÍPCIA PRESENTE
NAS CIDADES-ESTADO DE CANAÃ,
POLÍTICA E ECONOMICAMENTE
LIGADAS AO EGITO.”**



dispensável. Ao contrário, o rito memorial é fundamental para a própria economia da salvação, pois constitui um acesso ao evento fundador. A liturgia habilita os fiéis a tomar parte nessa longa história, na qual o agir de Deus é reconhecido no hoje da festa, pela força dos sinais. Incorporados ao evento fundador, os fiéis não apenas celebram os fatos notáveis de um passado exemplar, mas também carregam consigo todas as situações existenciais, dando-lhes sentido novo à luz da salvação.

No entanto, os sinais dispostos no memorial adquirem sua força pela evocação do evento, não pela sua simulação. Para lembrar esses acontecimentos, judeus e cristãos celebram uma ceia: não fazem mímica da passagem do mar Vermelho ou da morte de Cristo... Os sacramentos e a liturgia, em seu complexo ritual e simbólico, são de natureza diversa de qualquer dramatização piedosa ou apelativa das narrativas bíblicas. Nesse sentido, a economia sacramental – e salvífica – atua com base no binômio semelhança-diferença, constitutivo da estrutura do sacramento. A celebração não é o evento, mas constitui um véu de sinais que o evocam e transportam a ele. Assemelha-se em algum aspecto, gerando identidade, mas não pretende copiá-lo, respeitando as distâncias e diferenças. O transcendente manifesta-se no imanente, mas não o absorve nem é absorvido.

Quando essa singularidade da linguagem ritual não é compreendida, recai-se, não raro, em alegorismos, que tendem a criar conexões artificiais ou atribuição de significados exteriores, de cunho imaginativo,

até extravagantes. Na Antiguidade, a exegese alegórica alcançou notável desenvolvimento, sendo Orígenes seu maior expoente († ca. 250). Ele interpretou Js 6, equiparando as trombetas aos Evangelhos e aos escritos apostólicos (ORÍGENES, 1960, p. 194–195). No âmbito litúrgico, o alegorismo marca o fim da mistagogia e o distanciamento entre Bíblia e liturgia. No início da Idade Média, o alegorismo tem Amalário de Metz († 850) como exemplo mais notável. Esse teólogo traçava paralelos, muitas vezes esdrúxulos, entre os ritos da missa e a paixão de Cristo.

Por sua dimensão simbólica, os sacramentos, contudo, não carecem de atribuições de significado (alegorismo) que pretendam propor esclarecimentos, ao modo de correspondências artificiais: “isto significa aquilo”. Neles transparece o significado da salvação a partir da própria natureza simbólica e ritual da celebração. É a partir dela mesma que se pode chegar ao mistério (SC 48). Além disso, quanto mais próxima é a relação entre liturgia e Bíblia, maior transparência haverá nas celebrações, para que não se recorra ao alegorismo, ainda muito presente nas catequeses, ou a explicações sobre os ritos (VAGGAGINI, 2009, p. 63). Nesse sentido, o caminho mistagógico é, indiscutivelmente, o mais apto para compreender a liturgia, pois se vale da exegese tipológica. Na tipologia, as correspondências brotam organicamente dos textos bíblicos, alcançando integralmente o dinamismo da revelação, prefigurada no AT e plenamente realizada em Jesus e em sua Páscoa.

5. O olhar e a inteligência da fé

De posse desses elementos bíblicos e litúrgicos, é possível lançar um olhar sobre o fenômeno “Cerco de Jericó”. Longe de desqualificar a boa intenção ou as reais demandas dos fiéis que o ato reúne, a análise pretende oferecer alguns elementos para a reflexão e aprofundamento da questão.

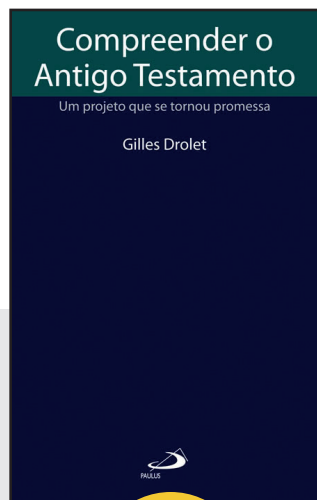
1) É verdade que a prática do CdJ carece de fundamentos bíblico-litúrgicos sérios, apoiando-se em uma leitura fundamentalista de Js 6. Não há como afirmar que a ocupação tenha acontecido de modo tão espetacular, nem é cabível traduzi-la em um ritualismo dramático. A leitura fundamentalista considera que os fatos históricos ocorreram tal como narrados, sem qualquer capacidade crítica e analítica em relação ao texto. Ignora a intenção do enredo, o valor das imagens, os narradores e os fatos enxertados nas camadas do texto, bem como as descobertas científicas e arqueológicas a serviço de uma leitura coerente e respeitosa. Ao contrário, empeneha-se obstinadamente em uma leitura rasa e de conveniência. Evitam-se as dificuldades e ampliam-se as facilidades em favor próprio, com argumentos supostamente pastorais.

2) A leitura fundamentalista ancora-se na estrutura cerimonial do CdJ, criada para mimetizar cruamente a narração do evento, transformando-o em uma bricolagem bíblico-ritual. Nesse caso, a aproximação que se faz entre Bíblia e liturgia é frágil e não respeita nenhum dos dois âmbitos. Apela-se a um jogo de correspondências, vinculando elementos religiosos cristãos e judaicos, bíblicos, litúrgicos e devocionais. Atribuindo significados aleatórios, ao gosto do dirigente, sem qualquer respaldo da Tradição, essas operações tornam-se provisórias – pois obedecem ao mercado e ressoam a cosmovisão pós-moderna que tanto afeta o cristianismo (TABORDA, 2009, p. 42-43). Assim, segundo afirmam alegoricamente, à arca da Aliança corresponde a Eucaristia,

Compreender o Antigo Testamento

Um projeto que se tornou promessa

Gilles Drolet



528 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

**CONFIRA
VERSÃO
E-BOOK**

Comentando e interpretando os primeiros livros do Antigo Testamento – do Gênesis aos livros de Samuel –, o autor identifica suas implicações ao longo de toda a Bíblia. Leva em conta a História e as tradições presentes na própria fonte dos textos para mostrar como o livro que nutriu a esperança de Cristo pode sustentar também nossa esperança.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-0164011

paulus.com.br

à vara de Aarão corresponde a cruz, ao maná corresponde o pão consagrado, as pedras da Lei são suplantadas pela Eucaristia (sic!).⁴

3) Na leitura tipológica, ao contrário, AT e NT se reafirmam. Na liturgia, seguindo o próprio modo de Cristo interpretar seu mistério (Lc 24,27.44), compreende-se o alcance da história da salvação. Aquilo que desabrocha em Cristo deitou raízes na história do povo da Aliança. É a nuvem de testemunhas que circunda os cristãos e compartilha dos mesmos bens dispostos por Deus (Hb 11,40-12,1). Assim, o maná não é visto como “cancelado” pela Eucaristia, nem a árvore da vida é descartada pela cruz. Os Santos Padres, com efeito, reconheciam que a Eucaristia, o batismo e a cruz já estavam lá: no maná, no alimento espiritual e sob a nuvem (1Cor 10,1-4). Cristo era a rocha que os acompanhava. A tipologia faz eco à afirmação de que a nova economia vem dar pleno cumprimento às Escrituras (Mt 7,17).

6. Conclusões para uma questão desafiante

Em primeiro lugar, seria salutar considerar o perfil do povo que busca tais experiências: quais são seus dramas, apelos, necessidades, limites e sofrimentos. Que experiência religiosa fazem em suas comunidades, nas suas casas e em contato com as mídias sociais. Em segundo lugar, seria igualmente bom escutar as comunidades, grupos e ministros da Igreja: quais dificuldades enfrentam, quais necessidades trazem, como interagem com esse povo e como o percebem. Por fim, embora desafiante, seria bom questionar quão distante a Igreja se tornou desse povo com liturgias formais, com homilias generalistas ou moralistas (sermões!), com uma linguagem inacessível e incapaz de dialogar com os simples e com elementos do cotidiano.

⁴ Tais “correspondências” podem ser verificadas, por exemplo, em: https://www.youtube.com/watch?v=el1YGZ1LdqM&ab_channel=PadreReginaldoManzotti. Acesso em: 11 abr. 2022.

É notório o deslocamento de eixo operado por tais manifestações: o povo da Antiga Aliança, malgrado suas infidelidades, manteve viva a memória do êxodo e da ação libertadora de Deus, ao passo que no CdJ o mistério pascal de Cristo é ignorado para dar lugar a experiências taumatúrgicas, moralistas, subjetivistas e mercadológicas da religião. Valem aqui alguns alertas a respeito das tentações impostas à fé cristã nestes tempos: a tentação secularizante da religião, a tentação de transformar o arcabouço da fé e da tradição em mercadoria e a tentação de renunciar à teologia em favor da superficialidade (TABORDA, 2009, p. 43).

As mídias sociais, as plataformas e as redes, infelizmente, têm um papel importante no reforço e na difusão desses atos religiosos. Elas dão, indistintamente, amplitude ao fenômeno e contam com a inércia ou a conivência do episcopado. Da parte dos fiéis, o raciocínio é linear: “Se é assim, por que a Igreja não proíbe?” O argumento é válido, mas não alcança a raiz de questões como o clericalismo, o déficit iniciático da Igreja, o silencioso e insidioso movimento contrário ao Concílio Vaticano II, os retrocessos na

**“O CERCO DE JERICÓ É SÓ
MAIS UM SINTOMA DO
ADOECIMENTO ECLESIAL QUE
NOS DISTANCIA DAS FONTES
DA LITURGIA, DA BÍBLIA E DA
TRADIÇÃO.”**



recepção da liturgia conciliar, a manutenção do leigo e das mulheres na posição de dependência e subserviência.

Perpassa os discursos presentes em tais atos acentuada atenção ao pecado, ao moralismo, generalizando situações e contextos de fragilidade humana, patologias e desorientação. Tais discursos conotam intolerância e apego excessivo aos preceitos e normas, sem a união da caridade. Seria oportuno escutar a palavra do magistério de Francisco em favor de uma santidade viável, já praticada pelo nosso povo (GE, 2018, p. 13-16), e, ao mesmo tempo, atentar para a presença sutil de duas heresias que minam a vida cristã: o gnosticismo e o pelagianismo (GE, 2018, p. 23-35), que impõem uma religiosidade autossuficiente, cheia de si, individualista, desencarnada e abstrata.

O CdJ é só mais um sintoma do adoecimento eclesial que nos distancia das fontes da liturgia, da Bíblia e da Tradição. A leitura atenta do livro de Josué pode ser um caminho para a descoberta da fidelidade a Deus no meio dos desafios atuais: política eleitoral, ameaças extremistas, tragédias humanitárias, desastres criminosos, desemprego, fome, ódio e indiferença... O livro incita a buscar o eixo pascal da fé na experiência da comunidade que celebra a fidelidade de Deus presente no dia a dia e no chão do povo. Neste momento sinodal da Igreja, em que buscamos superar a pandemia que a tantos desacomoda, a saga de Josué pode iluminar as raízes profundas dos males eclesiais que, como ondas sucessivas, distanciam o povo de sua herança espiritual guardada pela sã Tradição da Igreja.

vp

Referências Bibliográficas

- CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL (CRB). *A formação do povo de Deus*. 6. ed. São Paulo: Loyola, 2000.
- CONFERÊNCIA EPISCOPAL ITALIANA (CEI). *La Bibbia: scrutate le Scritture*. Alba: San Paolo, 2020.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). Introdução ao elenco de leituras da missa. In: CNBB. *Instrução Geral do Missal Romano e Introdução ao Lecionário*. 5. ed. Brasília, DF: Edições CNBB, 2014.
- FRANCISCO, Papa. *Gaudete et Exsultate*: sobre o chamado à santidade no mundo atual (GE). São Paulo: Paulus, 2018.
- GIRAUDO, Cesare. *Redescobrindo a Eucaristia*. São Paulo: Loyola, 2002.
- GRUEN, Wolfgang. *O tempo que se chama hoje*: uma introdução ao Antigo Testamento. 10. ed. São Paulo: Paulus, 1977.
- MICHELETTI, Guillermo D. O Cerco de Jericó: uma crítica. *Vida Pastoral*, São Paulo, ano 58, n. 317, set./out. 2017. Disponível em: <https://www.vidapastoral.com.br/edicao/o-cerco-de-jerico-uma-critica/>. Acesso em: 23 fev. 2022.
- ORÍGENES. *Homélies sur Josué*. Paris: Les Éditions du Cerf, 1960.
- TABORDA, Francisco. *O memorial da Páscoa do Senhor*: ensaios litúrgico-teológicos sobre a Eucaristia. São Paulo: Loyola, 2009.
- VAGGAGINI, Cipriano. *O sentido teológico da liturgia*. São Paulo: Loyola, 2009.

*Pe. Agenor Brighenti é doutor em Ciências Teológicas e Religiosas pela Universidade Católica de Louvain, na Bélgica; professor visitante no Instituto Teológico-Pastoral do Conselho Episcopal Latino-americano, em Bogotá, Colômbia; membro da Equipe de Reflexão Teológica do Celam e da Comissão Teológica do Sínodo dos Bispos sobre a Sinodalidade. Foi perito do Celam na Conferência em Santo Domingo (1992), da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil em Aparecida (2007) e do Sínodo da Amazônia (2018). Autor de dezenas de livros e mais de uma centena de artigos publicados em revistas nacionais e internacionais. E-mail: agenor.brighenti@gmail.com

A BOA-NOVA DO REINO COMO O EVANGELHO SOCIAL DE JESUS



Tendo por base a realização da promessa da Terra Prometida com a entrada do povo de Israel, conduzido por Josué, em Canaã, o artigo aborda a Boa-nova do Reino de Deus como o Evangelho social de Jesus. No coração da proposta cristã está a missão da Igreja de tornar presente a transcendência “na” imanência da história. “Vida em abundância” é o ponto de partida e de chegada da utopia cristã diante da paixão de Jesus, a qual se prolonga na paixão do mundo.



O livro de Josué narra a realização do que, no Pentateuco, havia sido uma promessa: a entrada do povo de Israel na Terra Prometida. Os patriarcas haviam vivido no país de Canaã como estrangeiros, mas o Senhor lhes havia prometido uma terra e numerosa descendência. A promessa reiterada a Moisés no Sinai (Ex 3,17) é, enfim, realizada com Josué. Israel toma posse da terra, instaura uma monarquia, constrói um templo, a exemplo dos cananeus subjugados, e se faz depositário da salvação do Messias esperado. Viria o invasor, que usurparia a terra, deporia a monarquia, destruiria o templo e deportaria o povo para o exílio na Babilônia. É quando surgem profetas alimentando a esperança da volta à Terra

Prometida, mas também de um Reino que passa a adquirir sua dimensão escatológica negligenciada – a nova Canaã, a capital Jerusalém como símbolo da Jerusalém celeste, o templo reconstruído como o corpo do crucificado, morto e ressuscitado.

Qual a relação desse Reino escatológico com a história e a meta-história? Como entender a proposta judaico-cristã do Reino de Deus, central na pregação de Jesus e coração de seu Evangelho social? A resposta está implicada no modo de relação entre imanência e transcendência – a dimensão vertical, transcendente (meta-histórica), e a dimensão horizontal, imanente (intra-histórica). Seriam duas dimensões separadas, sobrepostas, ou se trataria da transcendência

“Na concepção bíblica da Boa-nova do Reino de Deus está o referencial do modo de relação entre transcendência e imanência na fé cristã.”



“na” imanência, de uma salvação que começa na história para ser plenificada na meta-história?

Historicamente, no cristianismo, a relação entre transcendência e imanência tem adquirido diferentes modos e matizes. Já na primeira hora do cristianismo, o gnosticismo absolutizava a transcendência, relegando à insignificância a imanência e separando o espiritual do mundano. Com a introdução, no cristianismo, do dualismo grego oriundo do neoplatonismo, sobretudo na Idade Média, preponderou uma espiritualidade pautada pela *fuga mundi*, que tendia a separar o espiritual do material, o corpo da alma, a imanência da transcendência, a Igreja do mundo etc., contribuindo para uma experiência religiosa de corte espiritualista e individualista, mais tarde tachada pelos “filósofos da práxis” como alienação. Não são poucos os cristãos, ainda hoje, que professam uma fé sem incidência social, vendo em toda preocupação com os pobres um posicionamento político de “esquerda” e, por consequência, alinhado ao “comunismo”. Nem o papa Francisco escapa à crítica, ao fazer da agenda dos movimentos populares por “terra, teto, trabalho” uma causa do Evangelho e uma tarefa também da Igreja.

Em contrapartida, no seio da experiência religiosa de corte “pós-moderno”, não faltam segmentos que absolutizam o relativo e relativizam o Absoluto. Em determinados espaços, o gradativo processo de secularização desembocou em secularismos no seio da religião, particularmente no neopentecostalismo evangélico e católico, em que se tende a confundir salvação com prosperidade

material, saúde física e realização afetiva, uma espécie de “religião do corpo”. Como Deus quer a salvação a partir do corpo (SUSIN, 2005, p. 31-51), a “religião do corpo” pode ser porta de entrada na religião, mas, se não fizer ponte com a transcendência, pode ser também sua porta de saída. É Deus transformado em “objeto de desejos pessoais”, com o deslocamento do profético para o terapêutico e do ético para o estético, no seio de uma religiosidade imanentista, eclética e difusa (MARDONES, 1994, p. 151-163).

1. A BOA-NOVA DO REINO DE DEUS

Diz o papa Francisco, na *Evangelii Gaudium*, que “evangelizar é tornar presente o Reino de Deus no mundo” (EG 176). De fato, “a Igreja existe para evangelizar” (EN 14), e no centro da proposta cristã está o Reino de Deus, a obsessão de Jesus, expressão colocada em sua boca mais de 70 vezes nos sinóticos, enquanto “Igreja” aparece somente três vezes. Na concepção bíblica da Boa-nova do Reino de Deus está o referencial do modo de relação entre transcendência e imanência na fé cristã.

No antigo Oriente, a designação de um deus como “rei” estava muito propagada. A divindade exercia sua soberania sobre seu povo e seu território. Um deus era dono do país, outorgava prosperidade e bem-estar, corrigia e castigava. A queda do reino terreno era a prova de que aquele deus não existia. O reino terrestre era a epifania ou manifestação do deus daquele reino. No povo de Israel, que vivia nesse contexto cultural, foi somente a partir do período da monarquia que se começou a chamar Javé de “Rei”.

Com a elevação de Jerusalém como sede régia, o título “rei” iria substituir títulos mais antigos, como “Deus Pai”. Por influência da concepção cananeia, segundo a qual era com a construção de um templo que se demonstrava a dignidade régia de um deus, no seio do povo de Israel logo os Salmos irão cantar a realza de Javé (Sl 47; 93; 96; 99), cuja ação criadora é expressão de sua soberania sobre o mundo (Sl 24,1ss; 96,5-10).

Com os profetas, o Reino de Deus passa a ser compreendido como menos terreno e mais escatológico. Em lugar de templo e território, os profetas anunciam o Reino como salvação universal. Isaías alimenta a esperança do povo em um reinado de paz, de um novo Davi sobre Sião. Jeremias fala do Reino como nova aliança, pela qual serão transformados os corações (Jr 31,31ss). Outros descrevem o novo reinado de Javé como felicidade consumada, que, por meio de Israel, será oferecida a todos os povos (Ez 34; Mq 4; Is 9,25). Por fim, do Reino de Javé faz parte a supressão da morte (Is 25,6ss), pois se trata de Reino escatológico.

No judaísmo tardio, a esperança no Reinado de Deus adquire três configurações distintas: a) uma escatologia nacional, na qual o Messias esperado aparece como o libertador e fundador político de um Israel novo e justo, como concebiam os zelotes; b) uma realza recebida por Israel e oferecida aos gentios, a concepção da tradição rabínica; c) o Reino como o universo transladado ao céu, tal como apregoava a apocalíptica, em que se calculam as semanas dos anos até o “dia de Javé” (Dn 2,37-45).

No Novo Testamento, o Reino de Deus, que “está próximo” (Mc 1,15; Mt 4,17) ou está “no meio de nós” com a presença do Messias esperado, é a realização da promessa do Antigo Testamento. Na pregação de Jesus, a soberania de Deus não é o domínio do Criador, mas o Reinado escatológico de Deus que, no seio da história, sem transformação

Introdução ao Primeiro Testamento

Deus e Israel constroem a história

Donizete Scardelai / Sylvia Villac



224 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

A obra oferece uma síntese da história de Israel. Não visa a uma exegese bíblica, mas procura fornecer um mapa amplo, prático e descritivo das principais etapas da história de Israel.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-0164011

paulus.com.br

cósmica e sem nova constituição política de Israel, já começou. Ele se destina a todos – publicanos e meretrizes, enfermos, crianças e pobres (Mc 2,15; 10,15-16). O Reino de Deus é salvação, e não juízo, pois a alegria de Deus é perdoar aos pecadores arrependidos (Lc 15). A separação entre bons e maus só terá lugar no juízo final (Mt 13,24ss).

Por sua vez, as obras de Jesus mostram que o Reino de Deus está presente, no meio de nós. As curas e exorcismos são sinais da presença histórica do Reino: “Ide dizer a João: os cegos veem, os coxos andam...” (Mt 11,4; Lc 14,18). Consequentemente, Jesus não só anuncia o Reino de Deus, como também o torna presente. Os discípulos são chamados bem-aventurados, porque ouvem e veem o que muitos profetas e reis desejaram ver e não viram (Mt 13,16). Jesus convida a acolher esse Reino, que, entretanto, não lhe pertence, e sim ao Pai (Lc 12,32; 22,29ss). Só o Pai conhece a hora (Mt 24,36). O Reino tem um caráter consumidor da história, definitivo, e, como tal, as realidades históricas só podem ser dele sinais imperfeitos, ainda que dele estejam impregnadas. Nem mesmo o grupo dos discípulos e o círculo dos Doze se identificam com a grande família de Deus no Reino dos céus, pois será integrada por pessoas vindas “do Oriente e do Ocidente” que “se sentarão à mesa com Abraão, Isaac e Jacó” (Mt 8,11).

Na pregação de Jesus, três são as características principais do Reino de Deus: a) o Reino é Boa-nova de luz e vida, é uma semente, um tesouro, uma pérola; em resumo, ele é plenitude para o ser humano, felicidade, o desabrochar total prometido àqueles que viverem segundo as bem-aventuranças (Mt 5), aqui e agora; b) ainda que devamos trabalhar para construí-lo (Cl 4,11), não podemos edificá-lo com nossas próprias mãos, pois ele é sempre dom, do qual Deus tem sempre a iniciativa; ainda que o Reino esteja no meio de nós, sua plenitude é uma realidade escatológica, que começa aqui e se consoma na outra vida; c) o Reino de Deus

é realidade coletiva. Ainda que a conversão pessoal seja a porta de entrada, ele tem uma dimensão comunitária. Ele é “paz de Deus”, justiça e amor oferecidos a todos. É comunhão sem fronteiras: “amai vossos inimigos” (Mt 5,44). Consequentemente, nenhum grupo, em particular, nem a comunidade dos discípulos são destinatários únicos das promessas do Reino. Ele é oferecido a todos, tanto que os que o integram “virão do Oriente e do Ocidente, do Norte e do Sul...” (Lc 13,29).

2. O REINO DE DEUS COMO REINO DE VIDA EM PLENITUDE

O Reino de Deus, símbolo de seus desígnios para a globalidade da criação, é, no *Documento de Aparecida*, nomeado como “Reino de Vida” (DAP 143), a vida em plenitude que Jesus veio trazer: “Eu vim para que todos tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10). Por isso, consequente com o mistério da encarnação do Verbo e de sua ressurreição como transfiguração de tudo o que está desfigurado na criação, o cristianismo não propõe a seus adeptos e à humanidade nada mais do que sermos plenamente humanos (BIGO; BASTOS DE ÁVILA, 1986, p. 89). Tanto que pareceu evidente a Santo Irineu de Lion, na aurora do cristianismo, que “a glória de Deus é o ser humano pleno de vida” (*gloria Dei homo vivens*). João Paulo II, alinhado a essa tradição, na *Redemptor Hominis* e na *Centesimus Annus* tira as consequências para a ação evangelizadora, afirmando que “o ser humano é o caminho da Igreja” (RH 13; CA 53). Jesus é o caminho da salvação; o caminho da Igreja é o ser humano, pois ela existe para o serviço da vida plena para todos, a única razão e fim da obra de Jesus.

Para o cristianismo, a Boa-nova do Reino de Deus não é portadora de valores estritamente confessionais, que só serviriam aos cristãos ou a pessoas identificadas com uma vida castradora ou repressora do humano, à margem da história da humanidade.

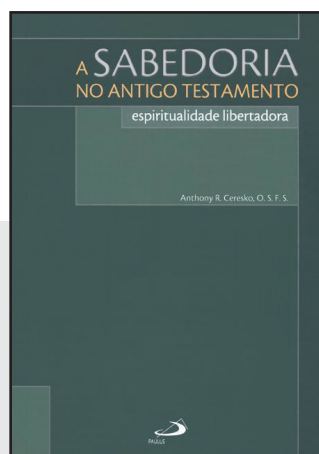
Ao contrário de certas religiões que propõem a anulação dos desejos e o aniquilamento do “eu” como caminho de salvação, o cristianismo não reprime nada do que é autenticamente humano, antes potencializa e plenifica a natureza criada por Deus (“a graça se apoia sobre a natureza” – Tomás de Aquino). À luz do mistério da encarnação do Verbo, Jesus de Nazaré é “verdadeiramente homem e verdadeiramente Deus”: o plenamente humano é divino e o divino é o autenticamente humano.

Na aurora da modernidade, com a irrupção do humanismo – que, em grande medida, se erigiu contra a Igreja –, místicos medievais puseram em evidência a congruência entre o humano e o divino: enquanto São João da Cruz diviniza o humano, Santa Teresa de Ávila humaniza o divino (BARRIENTOS; RODRÍGUEZ, 1988, p. 21). Tal como afirmou L. Boff (1972, p. 193) a respeito de Cristo: “Humano assim como Jesus, só pode ser Deus mesmo”. O cristianismo não é uma religião que aponta para o mundo e para a aventura humana como um “vale de lágrimas”, nem é contra o progresso e os avanços que contribuem para uma vida mais plena para todos. Fé cristã não é *fuga mundi*, alienação, refúgio na esfera da subjetividade da alma ou escapismo da concretude da história, mas um itinerário que tem, em Jesus de Nazaré, a convergência do olhar humano e do olhar divino num único olhar. No Emanuel, Deus se “humanizou” e, com sua ressurreição, o ser humano é “cristificado”, divinizado. Para o Vaticano II, “o mistério do ser humano só se esclarece à luz do mistério do Verbo encarnado” (GS 22); e Paulo VI, ao encerrar o Concílio, foi ainda mais consequente: “Para conhecer o ser humano verdadeiro e integral, é necessário conhecer a Deus... e para conhecer a Deus, é necessário conhecer o ser humano” (PAULO VI, 1965). Assim, na aventura humana, o processo de humanização prolonga-se num processo de divinização, e o processo de divinização

A sabedoria no Antigo Testamento

Espiritualidade libertadora

Anthony R. Ceresko



216 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

Um livro que vai ajudar a entender melhor a literatura sapiencial do Antigo Testamento (Provérbios, Jó, Eclesiastes, Eclesiástico e Sabedoria). Expõe o desenvolvimento e a função da literatura sapiencial no mundo antigo e em Israel, não só como forma de literatura, mas também como guia para a vida cotidiana.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-0164011

paulus.com.br

prolonga-se num processo de humanização (BIGO; BASTOS DE ÁVILA, 1986, p. 89). É o que Paulo VI falava, na *Populorum Progressio*, de “humanismo aberto ao absoluto” (PP 43).

3. A VIDA COMO PONTO DE CHEGADA E DE PARTIDA DA PROPOSTA CRISTÃ

Vida em plenitude é o horizonte e o centro da proposta cristã, que é a Boa-nova do Reino de Deus. No Ressuscitado, a vida ganha “V” maiúsculo. Foi a razão da encarnação do Verbo, um “descenso” de Deus em vista de um “ascenso” de toda a obra da criação, em cujo centro está o ser humano, criatura cocriadora, imagem e semelhança de Deus. A ação da Igreja, continuação da obra de Jesus, não tem outra finalidade. Tudo na Igreja precisa, portanto, estar em função da “vida em abundância”, que constitui o centro da *diakonía* da Igreja no mundo (RAHNER, 1973, col. 752-775) e, sobretudo, do culto a Deus. A exigência bíblica: “Eu quero a misericórdia e não o sacrifício” (Os 6,6), posta duas vezes na boca de Jesus, expressa bem seu zelo pela vida, preferencialmente daqueles que a têm, infelizmente, não em abundância, mas minguada, profanada, agredida, sufocada.

Dado que a Igreja existe para ser mediação da Boa-nova do Reino de Vida para todo o gênero humano, a missão dos cristãos é defender e promover a vida dos seres humanos e seus ecossistemas, no cuidado da obra da criação. Como disse Paulo VI na *Evangelii Nuntiandi*, há os laços profundos que unem “evangelização e promoção humana”, “plano da redenção e plano da criação” (EN 31),

o que supera todo dualismo entre corpo e alma, mundo material e espiritual, profano e sagrado, oração e trabalho... Juntamente com o Vaticano II, a encíclica *Deus caritas est* de Bento XVI pôs um ponto final a todo escapismo da concretude da história, a uma espiritualidade de *fuga mundi*, que reduz a proposta cristã a uma realidade intimista ou à interioridade da consciência individual. O documento de Medellín, fundamento da tradição eclesial latino-americana de corte transformador e profético, juntamente com a *Gaudium et Spes*, verá a salvação como a passagem de situações menos humanas para mais humanas (CELAM, 1969, 1,4.5; 8,4.6; 9,4). O papa Bento XVI, no discurso inaugural de Aparecida, retomando a *Populorum Progressio* em seus 40 anos de publicação, associa a obra evangelizadora com o “humanismo integral” e, na esteira da teologia latino-americana, a salvação com “libertação autêntica” (DAP 146).

Na medida em que a Palavra de Deus, como afirma a *Dei Verbum*, é salvação para nós hoje, e a paixão de Jesus se prolonga na “paixão do mundo”, não há fidelidade ao Evangelho sem fidelidade à realidade. A religião pode ser, mas não é alienação, escapismo – “fuga para o intimismo, para o individualismo religioso” –, como frisou Bento XVI em Aparecida (DAP, Discurso Inaugural, 3). A conversão ao Evangelho da Vida implica “conversão à realidade” histórica concreta, ao compromisso transformador da realidade desfigurada do presente em realidade futura, plena de vida. A “conversão à realidade”, à luz do Evangelho, leva, portanto, a uma

“Tudo na Igreja precisa, portanto, estar em função da “vida em abundância”, que constitui o centro da *diakonía* da Igreja no mundo.”



inserção, por contraste, na realidade presente, assumindo suas contradições com os desígnios do Reino de Deus. Em outras palavras, “conversão à realidade” implica assumir os conflitos do próprio contexto e, diante deles, não fazer concessões em relação aos princípios do Evangelho da Vida, o que pode redundar em perseguição e martírio. É aqui que nos encontramos, como diz Aparecida, com “nossa constelação de mártires” das causas sociais, embora “ainda não canonizados” (DAp 98), com exceção de dom Romero. Sem dúvida, trata-se de novo modelo de santidade, estranho e chocante sobretudo aos acostumados a ver virtudes cristãs mais na piedade pessoal intraeclesial do que no heroico compromisso com a defesa e a promoção da vida, diante dos poderosos e inescrupulosos interesses de “uma economia que mata” (EG 56).

Viver na Igreja de Jesus a fé cristã implica “contato direto” do cristão com sua própria realidade pessoal, familiar, eclesial e social, sobretudo em tempos em que se tende a transformar o real em virtual. A missão dos cristãos no mundo não pode perder de vista “o real da realidade” (Jon Sobrino), sob pena de não contribuir para redimi-la e de fazer da religião alienação. Evangelizar “é, antes de tudo, não ignorar” (CASALDÁLIGA, 1992, p. 72). Essa perspectiva questiona o modo de relação com a Palavra de Deus na Bíblia, a costureira hermenêutica dos textos revelados divorciada da vida concreta da comunidade eclesial, inserida no contexto de uma sociedade marcada por escandalosos sinais de morte, que comprometem o Reino de Vida inaugurado por Jesus. Questiona certas “leituras orantes”, sem relação dialética com a realidade histórico-social, que fazem da Palavra de Deus mais um anestésico para a consciência do que um apelo ao cuidado, à defesa e promoção da vida, especialmente daqueles que a têm profanada.

História de Israel

John Bright



640 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

**CONFIRA
VERSÃO
E-BOOK**

O livro, que conta com nova tradução, revista e ampliada, é referência obrigatória para estudantes e pesquisadores de Teologia e da Sagrada Escritura. Aprofunda-se no processo de formação do Estado de Israel – história, política e religião –, desde o período formativo do judaísmo, e discorre sobre os principais dados culturais da região.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-0164011

paulus.com.br

A MODO DE CONCLUSÃO

A fé cristã é mais do que novo modo de ver ou de pensar. É, antes de tudo, novo modo de agir. O cristianismo é uma vivência, um comportamento, uma ética, um compromisso de conversão pessoal e de transformação da sociedade segundo o Evangelho do Reino de Deus. Consequentemente, a proposta cristã é caminho de conversão, a qual abrange mais do que uma mudança pessoal e do coração. Como bem advertiu Paulo VI na *Evangelii Nuntiandi*, para que a evangelização não se reduza a um “verniz superficial” ou a uma fé sem adesão a Jesus Cristo, sem pertença à comunidade de seus seguidores e sem compromisso com a edificação do Reino de Vida no mundo, precisa abarcar, simultaneamente, conversão do coração das pessoas e das estruturas (EN 36).

Em outras palavras, a Boa-nova de Jesus, que é o Reino de Deus, não é só transcendência ou tão somente imanência, mas, precisamente, um Reino transcendente, a ser acolhido, vivido e edificado na imanência da história, na esperança ativa do Reino definitivo na meta-história. Como afirma o Vaticano II na *Gaudium et Spes*:

A esperança de uma nova terra, longe de atenuar, antes deve impulsionar a solicitude pelo aperfeiçoamento desta terra [...] (GS 39). Afastam-se da verdade os que, sabendo não termos aqui morada permanente, mas buscamos a futura, julgam, por conseguinte, poderem negligenciar seus deveres terrestres, sem perceberem que estão mais obrigados a cumpri-los, por causa da própria fé, de acordo com a vocação à qual cada um foi chamado. Mas não erram menos aqueles que, ao contrário, pensam que podem entregar-se de tal maneira às atividades terrestres, como se elas fossem absolutamente alheias à vida religiosa, julgando que esta consiste somente em atos de culto e ao cumprimento

de alguns deveres morais. Esse divórcio entre a fé professada e a vida cotidiana de muitos deve ser enumerado entre os erros mais graves de nosso tempo. [...] Ao negligenciar seus deveres temporais, o cristão negligencia seus deveres para com o próximo e o próprio Deus e coloca em perigo sua salvação eterna (GS 43). **vp**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARRIENTOS, A.; RODRÍGUEZ, J.V. (ed.). *Lira mística: poesías completas de Santa Teresa de Jesús y San Juan de la Cruz*. Madrid: Editorial de Espiritualidad, 1988.
- BIGO, P.; BASTOS DE ÁVILA, F. *Fé cristã e compromisso social*. São Paulo: Paulinas, 1986.
- BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo libertador: ensaio de cristologia crítica para o nosso tempo*. Petrópolis: Vozes, 1972. p. 193.
- CASALDÁLIGA, P. Opción por los pobres, inculturación y comunitariedad. *Iglesia Viva*, Valencia, n. 157, p. 67-76, 1992.
- CONCÍLIO VATICANO II. *Gaudium et Spes*: Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo atual (GS). In: VIER, Frederico (coord.). *Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos, declarações*. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE (Celam). *A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do concílio: conclusões de Medellín*. Petrópolis: Vozes, 1969.
- CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE. *Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência Geral do Celam (DAp)*. São Paulo: Paulus; Paulinas; Brasília, DF: CNBB, 2007.
- FRANCISCO, Papa. *Evangelii Gaudium*: Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual (EG). Disponível em: https://www.vatican.va/content/francisco/pt/apost_exhortations/documents/

papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html. Acesso em: 12 abr. 2022.

JOÃO PAULO II, Papa. *Redemptor Hominis*: Carta Encíclica no início do ministério pontifical (RH). Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_04031979_redemptor-hominis.html. Acesso em: 12 abr. 2022.

JOÃO PAULO II, Papa. *Centesimus Annus*: Carta Encíclica no centenário da *Rerum Novarum* (CA). Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_01051991_centesimus-annus.html. Acesso em: 12 abr. 2022.

MARDONES, J. M. *Para comprender las nuevas formas de la religión*. Navarra: Verbo Divino, 1994.

PAULOVI, Papa. *Discurso na última sessão pública do Concílio Vaticano II*. 7 dez. 1965. Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1965/documents/hf_p-vi_spe_19651207_epilogo-concilio.html. Acesso em: 12 abr. 2022.

PAULOVI, Papa. *Evangelii Nuntiandi*: Exortação Apostólica sobre a evangelização no mundo contemporâneo (EN). Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19751208_evangelii-nuntiandi.html. Acesso em: 12 abr. 2022.

PAULO VI, Papa. *Populorum Progressio*: Carta Encíclica sobre o desenvolvimento dos povos (PP). Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_26031967_populorum.html. Acesso em: 12 abr. 2022.

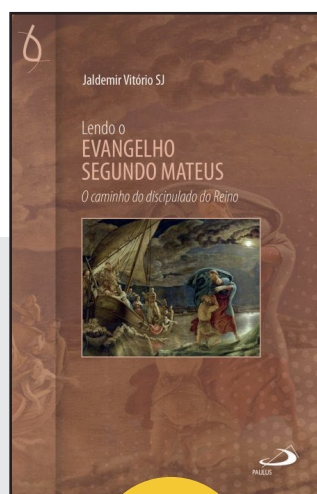
RAHNER, K. Iglesia y mundo. In: RAHNER, K. (ed.). *Sacramentum mundi*: enciclopedia teológica. Barcelona: Herder, 1973. col. 752-775. t. 3.

SUSIN, L. C. Le danger de vivre et la créativité de la foi. In: MULLER, H. A. M.; VILLEPELET, D. *Risquer la foi dans nos sociétés*: Églises d'Amérique latine et d'Europe en dialogue. Paris: Karthala, 2005. p. 31-51.

Lendo o Evangelho segundo Mateus

O caminho do discipulado do Reino

Jaldemir Vitório



320 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

**CONFIRA
VERSÃO
E-BOOK**

O Evangelho de Mateus exige ser continuamente estudado em todos os tempos e lugares. Esta obra oferece pistas valiosas a quem, em meio aos muitos desafios da fé, se dispõe a caminhar nos passos daquele que, até o fim, foi “manso e humilde de coração”.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-0164011

paulus.com.br

ROTEIROS HOMILÉTICOS

Marcus Mareano*

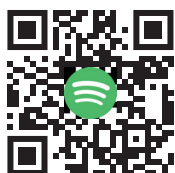


Acesse também o programa
Palavra Viva pelo QR code
ao lado.

Cada um dos roteiros está acompanhado de códigos QR   que remetem para as plataformas digitais de músicas  Spotify e  YouTube Music e trazem sugestões de cantos para a respectiva celebração. Esses cantos também podem ser escutados – mediante a busca pelo nome dos respectivos CDs – no próprio *site* da Paulus (paulus.com.br), o qual disponibiliza as partituras.

23º DOMINGO DO TEMPO COMUM

4 de setembro



Discernir e optar pelo Reino

I. INTRODUÇÃO GERAL

Os tempos nos pedem discernimento. Nossa vida humana acontece em meio a tantas escolhas e às possíveis consequências dos acertos e erros. Merecemos uma pausa para melhor decidirmos pelo que devemos, de fato, optar verdadeiramente.

A liturgia eucarística é nossa pausa semanal, por vezes diária, para um exercício de silenciar e de (re)fazer as escolhas. As leituras deste domingo nos propõem examinarmos a nós próprios para bem escolhermos o que melhor dá sentido à vida.

Na primeira leitura, lemos um pedido de sabedoria, a qual é dom de Deus para bem viver, e não apenas acúmulo de conceitos abstratos. A segunda leitura narra um pedido de Paulo para a acolhida de um escravo em nova condição, como um irmão. Ela ensina que a fraternidade deve

superar as convenções sociais. No Evangelho, Jesus frustra os entusiasmados descompromissados e alerta para a exigência de segui-lo. Ser cristão pede comprometimento existencial e engajamento por um mundo melhor.

Portanto, celebremos com disposição para mudarmos para melhor o que for necessário. Deus nos fala para nossa conversão, e não para nosso constrangimento. Em tempos de perversão religiosa que alimenta o ódio, cria divisões, espalha mentiras e difamações, fomenta a violência entre seus seguidores etc., o amor do Senhor nos ilumina e nos capacita para deixarmos o que não convém e aderirmos ao Evangelho.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Sb 9,13-18)

O livro da Sabedoria foi elaborado em um período no qual o povo de Israel estava sob domínio dos gregos e imerso nessa cultura, que valorizava o conhecimento cognitivo e a ciência das coisas. No entanto, Israel não compreendia a sabedoria da mesma maneira que os gregos, como se fosse uma abstração ou se tratasse de conceitos adquiridos. Para o povo bíblico, ela se caracterizava pelo aspecto prático e consistia em agir bem e para o bem.

*Pe. Marcus Mareano é bacharel em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (Uece). Bacharel e mestre em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (Faje). Doutor em Teologia Bíblica, com dupla diplomação, pela Faje e pela Universidade Católica de Lovaina, na Bélgica (KU Leuven). Professor adjunto de Teologia na PUC-MG, também colabora com disciplinas isoladas em diferentes seminários. Desde 2018, é administrador paroquial da paróquia São João Bosco, em Belo Horizonte-MG. E-mail: marcusmareano@gmail.com

O trecho da leitura da liturgia apresenta uma parte da prece atribuída a Salomão que pede o dom da sabedoria. Trata-se de uma releitura de 1Rs 3,6-9. O autor reconhece que os planos de Deus são insondáveis, mas o ser humano deve aspirar a compreender esse mistério para melhor viver.

A oração se inicia retratando o limite humano (v. 13). Nem com toda inteligência ou com todo conhecimento, o ser humano se equipara ao conhecimento de Deus, como queriam alguns contemporâneos do autor. O esforço humano por querer saber de todas as coisas é válido, porém convém reconhecer que há muito mais o que não se sabe do que o que realmente se compreende. A realidade ultrapassa nossas possibilidades de conhecimento.

Na segunda parte (v. 16-18), o autor reconhece que, com muito esforço, a pessoa pode conhecer as coisas terrenas e que estão ao alcance humano. Todavia, só com o Espírito Santo (v. 17), a sabedoria dada por Deus às pessoas, será possível aprender as coisas divinas, aproximar-se do mistério e caminhar conforme os desígnios de Deus – algo mais sublime para o ser humano do que possuir um acúmulo de informações.

A súplica de outrora continua válida também para nossos tempos. Muitas pessoas, com seus projetos ambiciosos e com a ganância de ter sempre mais, ignoram os limites de criatura e se iludem, sentindo-se oniscientes. A sabedoria dada por Deus nos ajuda a reconhecer os próprios limites e a olhar além, para o mistério divino, a que ansiamos no mais íntimo.

2. II leitura (Fm 9b-10.12-17)

Apesar de pouco conhecida, a carta a Filêmon é uma preciosidade no tesouro paulino. O texto apresenta um pedido a Filêmon em favor de um escravo chamado Onésimo (Cl 4,9). Este havia fugido para junto de Paulo, que se encontrava na prisão.

Nesse período, Paulo o batizou (o “gerou na fé”) e agora escreve uma carta de recomendação, para que Filêmon o receba de volta, sem castigá-lo ou até matá-lo, como os costumes escravistas permitiam, mas, ao contrário, em nova condição, a de um irmão em Cristo.

De início, Paulo apresenta sem timidez e com objetividade seu assunto (v. 9). Ele se reconhece idoso e prisioneiro e pede por Onésimo, chamando-o de filho (v. 10; 1Cor 4,15). De fato, Onésimo foi convertido por Paulo, enquanto lhe prestava serviço na prisão em Éfeso. Os prisioneiros, naquele tempo, eram sustentados por seus familiares e/ou amigos.

No entanto, Paulo não envia Onésimo de volta como se fosse um objeto de descarte. Ele pede que Filêmon o receba como se fosse seu próprio coração e como se fosse ele próprio (v. 12.17). A presença de Onésimo serviria, para Paulo, como a presença amiga de Filêmon (v. 13). Contudo, é oportuno que essa restituição seja feita de forma espontânea, sem reclamar o direito de proprietário nem pedir indenização por ter o escravo fugido da casa (v. 14).

A nova condição sugerida por Paulo é que o outro seja recebido para sempre como um irmão, pois a fé em Cristo deu a Filêmon e a Onésimo novas compreensões acerca das relações humanas. Enfim, Paulo espera que Onésimo seja bem recebido, como o próprio apóstolo seria em uma visita oportuna (v. 17).

Além de muito afeto, a pequena carta demonstra nova forma de relacionamento, já não na perspectiva das estruturas e condicionamentos sociais, mas sim da fé em Cristo, que nos faz todos irmãos e irmãs uns dos outros, filhos e filhas do mesmo Pai. Assim, a fé nos faz discernir, com novos parâmetros, os laços humanos.

3. Evangelho (Lc 14,25-33)

O Evangelho de Lucas, lido nestes domingos do Tempo Comum, dirige-se a uma comunidade formada majoritariamente por

gentios, com membros prósperos que estão repensando dolorosamente suas iniciativas missionárias em um ambiente hostil. O trecho selecionado para a liturgia deste dia apresenta a realidade desafiadora do seguimento de Jesus.

Jesus se encontra diante de uma multidão que o seguia (v. 25). Provavelmente, alguns estavam entusiasmados, achando que Jesus seria um líder *pop*, como algumas pessoas hoje se sentem. Ele, porém, logo os adverte de que, para segui-lo, a pessoa não pode colocar os próprios interesses em primeiro lugar (pai, mãe, esposa, filhos, parentes, bens). Um discípulo de Jesus deve ser capaz de desprender-se de tudo isso e priorizar a missão de anunciar o Evangelho (v. 26). Tal opção de vida significa tomar a cruz (o caminho de Jesus) e segui-lo, imitando-o no amor a Deus e à humanidade (v. 27).

Em seguida, Jesus cita dois exemplos de prudência e discernimento. O primeiro é o de alguém que quer construir uma torre e, para isso, deve sentar-se, antes de iniciar a construção, a fim de calcular os gastos (v. 28-30). O segundo exemplo é o de um rei que vai guerrear contra outro reino e, antes de partir, deve planejar as estratégias para saber se a quantidade de homens será suficiente para o embate (v. 31-32). Ambos os casos ensinam o mesmo: quem empreende um projeto importante de maneira temerária corre o risco do fracasso, se não examinar antes os meios e as forças para alcançar o objetivo final.

Do mesmo modo, qualquer um que decida seguir Jesus não poderá ser seu discípulo se, antes de partir, não planejar suas condições de renunciar a tudo o que tem para, de modo livre e radical, tomar a cruz do desapego, a cruz da doação da vida pelos outros (v. 33).

Jesus nos convida, por meio desse Evangelho, a sentar e refletir. Aonde queremos chegar com o seguimento de Jesus? O que queremos com esse caminho de vida? Quais forças estamos somando em prol do anúncio do Evangelho?

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

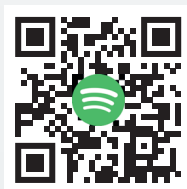
Estamos vivendo nova e preocupante situação nas relações entre as pessoas, entre as diferentes denominações religiosas, entre as diferentes ideologias políticas. Há uma prevalência da extrema direita ultraneoliberal, homofóbica, sexista, racista, xenófoba, machista, moralista, antiecológica, negacionista da ciência e das mudanças climáticas.

Infelizmente, algumas organizações “cristãs” conservadoras, de caráter fundamentalista, apoiam essas causas em nome da “doutrina”, situação que se manifesta como a mais grosseira manipulação do cristianismo e como a perversão do sagrado, pois se apoia nos discursos e nas práticas de ódio dos partidos e dos grupos neofascistas de todo o mundo.

A Palavra de Deus convida a um discernimento. A sabedoria de Deus conduz ao mistério e à contemplação do amor, não ao ódio, que se espalha pelas plataformas de mídia e redes de internet. Paulo pede uma acolhida amorosa do próximo, em vez de uma relação desumanizada de senhor e escravo. Enfim, Jesus adverte que seu caminho é de cruz, não importam o sucesso ou os próprios interesses. O Evangelho é a principal urgência!

24º DOMINGO DO TEMPO COMUM

11 de setembro



Um Deus de misericórdia e compaixão

I. INTRODUÇÃO GERAL

Muito comumente, deparamos com nossos limites, fragilidades e pecados. Que bom perceber essa realidade humana. No entanto, é melhor fazer esse reconhecimento sob a luz do amor do Senhor.

A liturgia deste domingo apresenta a maneira de Deus se manifestar ao ser humano: como misericordioso. A primeira leitura narra um episódio de infidelidade dos israelitas e a benevolência divina, que não age conforme eles mereciam. O texto da carta a Timóteo é uma ação de graças pela misericórdia de Deus, que alcançou Paulo e fez dele um servidor da Palavra. Enfim, lê-se, no Evangelho, o modo de Jesus ensinar, por meio de parábolas, o mistério divino que movia sua existência humana.

Deus nos surpreende com seu perdão e transforma a culpa humana em compaixão. Em sua misericórdia, sempre excede nossas estreitas expectativas, para abrir caminho em meio a nossas fragilidades. Só o amor misericordioso de Deus nos reconstrói por dentro, destrava nosso coração e nos move em direção a horizontes maiores de busca, responsabilidade e compromisso.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Ex 32,7-11.13-14)

O livro do Êxodo narra a libertação do povo de Israel da escravidão do Egito. Nessa travessia para a Terra Prometida, aquelas pessoas se constituem como o povo de Deus a partir da experiência de fé em Deus no deserto.

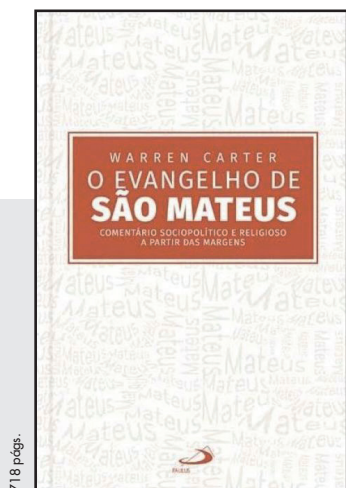
O episódio da primeira leitura deste domingo relata a idolatria do povo eleito. O Senhor percebe a infidelidade dos israelitas e pede a Moisés que desça para exortá-los (v. 7). Eles construíram um bezerro de ouro para a adoração e ofereceram sacrifícios, como se tais objetos fossem os deuses responsáveis pela saída do povo do Egito (v. 8-9). O culto prestado pelos israelitas se assemelhava à prática dos cananeus e representava uma traição à Aliança (Dt 9,7-10,11; Jr 31,32; Sl 106,19-23).

Deus chama Israel de “povo de cabeça dura” (v. 9), isto é, povo que não entende os Mandamentos nem se compromete com eles.

O Evangelho de São Mateus

Comentário sociopolítico e religioso a partir das margens

Warren Carter



Imagens meramente ilustrativas.

O autor lê o Evangelho de Mateus como contranarrativa, mas também como obra de esperança. Aborda-o como texto de resistência, na medida em que foi escrito no contexto de uma comunidade que procurava subsistir diante do *status quo* dominado pelo poder imperial romano e pelo controle da sinagoga.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-0164011

paulus.com.br

Por consequência, Israel mereceria o castigo divino. Entretanto, Deus recorda a fé dos antepassados – dos patriarcas Abraão, Isaac e Jacó – e a promessa feita ao povo de torná-lo uma nação numerosa (v. 13). Mesmo que o povo se esqueça da Aliança, Deus permanece fiel e cumpre suas promessas a ele.

A misericórdia constitui a resposta de Deus à vulnerabilidade humana. Ela destrava a existência, potencializa o dinamismo de conversão e põe o ser humano em movimento, em direção a um amplo horizonte de sentido. Deus nos criou para essa finalidade, e não para o fechamento na culpa e no pecado.

2. II leitura (1Tm 1,12-17)

Timóteo é mencionado nominalmente nas cartas de Paulo (2Cor 1,1.19; 1Ts 1,1; 3,2.6; 1Tm 1,2.18; 6,20; 2Tm 1,2; Fm 1; Hb 13,23) e nos Atos dos Apóstolos (At 16,1; 17,4-5; 18,5; 19,22; 20,4). Ele era ainda “novo” quando se tornou colaborador do apóstolo lá na Cilícia (hoje Turquia), região de origem do próprio Paulo (1Tm 4,12).

No trecho da liturgia deste domingo, Paulo agradece a Jesus a confiança que este lhe demonstrou ao escolhê-lo como seu representante. Foi esse “Senhor Jesus” que, depois de sua morte, desde a glória do Pai, chamou Paulo para seu serviço, lá no caminho de Damasco (At 8,3; 9,1-22; 22,4; 26,5). Paulo agia com violência contra os cristãos e blasfemava contra Jesus.

Todavia, o perseguidor recebeu misericórdia, pois agia assim “na ignorância, sem ter chegado à fé” (v. 13). A graça de Deus se mostrou superabundante, juntamente com a fé/fidelidade e o amor que estão no Senhor Jesus (1Cor 15,9; Gl 1,13-16). Paulo vê Jesus não apenas como destinatário da fé e do amor, mas, primeiramente, como fonte.

Por fim, Paulo valida a palavra que ele proclama, apoiando-se na ação de Deus em sua vida. Ele mesmo é protótipo e testemunha viva dos pecadores que foram salvos

por Jesus. Disso decorre essa celebração da misericórdia que o apóstolo recebeu e que revela a paciência de Jesus para com ele. Paulo se faz um exemplo para todos os que hão de crer em Cristo, em vista da vida eterna (v. 16). O trecho se conclui com uma doxologia a Deus.

A misericórdia divina constitui a luz e a chave de nossa vida, como observamos no relato de Paulo a Timóteo. A força criativa do amor de Deus põe em movimento nossos anseios existenciais, livrando-nos de um modo paralisado e petrificado de viver.

3. Evangelho (Lc 15,1-32)

Jesus atraía, cada vez mais, coletores de impostos, pecadores, soldados – o tipo de gente que tinha ido também a João Batista (3,10-14; 15,1). Todos queriam ouvi-lo e acompanhá-lo, pois sua presença agradava, fortalecia e aliviava. Em contrapartida, os fariseus e os escribas, resistentes àquela maneira de ser de Jesus, odiavam-no até a morte (v. 2). Então, Jesus conta três parábolas a todos esses corações de pedra (Ez 36,25-26; Mt 19,8).

A primeira delas (v. 3-7) apresenta um pastor com cem ovelhas. Se ele perde uma delas, deixa as 99 em um lugar seguro para ir em busca daquela que se perdeu e a procura até encontrá-la. Se, por acaso, o pastor acha a ovelha, coloca-a nos ombros e vai alegre para casa, chama os vizinhos e festeja, porque encontrou a ovelha que tinha se perdido. Da mesma forma, Deus se alegra com alguém que se converte.

Na segunda parábola (v. 8-10), Jesus fala de uma mulher que tem dez dracmas e perde uma. Ela não acenderia uma lâmpada, tomaria a vassoura, varreria cuidadosamente a casa e persistiria na busca até encontrar a moeda? Novamente, como na parábola anterior, se ela encontrasse a dracma perdida, comunicaria imediatamente o fato às vizinhas e se alegraria por tê-la encontrado, por ser parte significativa de suas economias. Do mesmo

modo o Pai procede em relação aos seres humanos. Haverá grande alegria por um só pecador que se converta!

As duas parábolas anteriores servem de preparação para a terceira parábola da misericórdia (v. 11-32): um pai com seus dois filhos (Deus com os pecadores e com os que se achavam justos – v. 1-2).

No relato, o filho mais novo pede sua parte da herança e parte da casa do pai para uma terra estrangeira e distante. Conforme o costume daquele tempo, o filho mais velho ficaria com a herança e com os direitos da casa paterna, enquanto os mais jovens receberiam uma porção menor e teriam de se arranjar fora de casa. O filho que partiu gastou tudo que possuía e tinha dificuldades até para se alimentar. A fome era tanta, que desejava comer a comida dos porcos.

Diante da deplorável situação, o filho re-flete sobre a vida e, envergonhado, decide voltar para a casa paterna. Afinal, os empregados do seu pai tinham melhor condição de vida do que ele, naquela terra. O filho gostaria de, ao menos, ser tratado como qualquer um deles. Contudo, o pai age de maneira surpreendente.

Ao invés de rancor, rejeição e castigo, o pai se encheu de compaixão, correu ao seu encontro, abraçou-o e cobriu-o de beijos. O filho, arrependido do que fizera, confessa o pecado contra Deus e contra o pai, dizendo nem se sentir digno de ser chamado de filho. Entusiasmado com o reencontro, o pai ordena aos empregados que o revistam de nova dignidade (roupas novas, anel no dedo e sandálias nos pés), pois o filho se encontrava em nova condição diante do pai. Além disso, o pai festeja alegremente o retorno do filho recuperado com vida.

O outro filho, o mais velho, ficara trabalhando no campo. Ao se aproximar de casa, ouviu o barulho de festa, surpreendeu-se e perguntou a um dos servos qual o motivo da agitação. Ele se enraiveceu ao saber o motivo

dos festejos, talvez preferisse uma punição ao irmão pelo prejuízo material causado ao patrimônio familiar. Mais uma vez, o pai age em favor dos seus filhos.

O irmão “justo” ficou muito revoltado e não queria entrar na festa. O pai saiu e veio buscá-lo, insistindo para que participasse da sua alegria. O filho mais velho retruca, recordando sua dedicação ao trabalho, sua fidelidade, e ressaltando nunca ter festejado nada. O pai não discorda da resposta dele, mas convida-o a compreender que era necessário festejar o irmão caçula que havia tornado a viver.

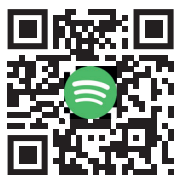
A misericórdia é o principal atributo de Deus proclamado por Jesus e deve inspirar o modo de proceder de todo ser humano. As parábolas contadas no Evangelho apresentam dois elementos principais que devem permanecer na nossa prática cristã: a alegria, pela experiência de que Deus nos ama com um coração misericordioso, e a misericórdia, como conduta libertadora consequente a tal experiência. Aqui nos encontramos envolvidos por uma mensagem essencial e decisiva para nosso “ser cristão”.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Fomos criados à imagem do Deus de misericórdia e somos seres capazes e necessitados de misericórdia. Uma faísca divina se faz presente no interior de cada pessoa humana para sempre agirmos com misericórdia.

Agir com misericórdia é a atitude para a qual todos nós, seres humanos, somos chamados, também aqueles que ainda não experimentaram o dom da fé ou mesmo a esvaziaram. É o caminho para conseguir uma convivência leve, acolhedora e aberta.

Deus misericordioso nos educa e nos impulsiona a viver misericordiosamente. As leituras vão nessa direção, abrindo espaço para que o amor misericordioso de Deus se transforme em motor da história.



Para um bom uso dos bens

I. INTRODUÇÃO GERAL

O tema da liturgia da Palavra deste domingo é muito atual e necessário para melhor nos situarmos como cristãos em um mundo onde vige um sistema econômico capitalista e neoliberal. Há um apelo cultural para sempre ter mais, e as leituras nos orientam sobre como lidar melhor com os bens materiais.

Amós, no século VIII a.C., denunciava uma prática religiosa desvinculada da justiça social, que não se ocupava dos menos favorecidos. Os líderes deveriam dar exemplo de compromisso com o bem comum e se importar com os empobrecidos. Por eles, Paulo pede orações e orienta a participação comunitária com o objetivo de haver melhor qualidade de vida para todos. Jesus ensina, no Evangelho, como relacionar-se com o dinheiro, ou seja, a fazer bom uso dele em prol dos valores do Reino, e não absolutizá-lo como uma divindade.

Precisamos de dinheiro e dos bens materiais para nossa vida, nesta realidade na qual nos situamos. Deus não quer que passemos por privações ou vivamos em condições precárias de sobrevivência. A miséria de muitos decorre, sobretudo, da má distribuição de renda e da injustiça social.

Segundo um relatório da Oxfam, os dez homens mais ricos do mundo dobraram suas fortunas durante a pandemia, enquanto a renda de 99% da humanidade caiu. Horivelmente, o luxo de alguns poucos no mundo é mantido à custa de sacrifícios de muitos da sociedade.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Am 8,4-7)

Amós não pertencia à confraria dos profetas profissionais, mas era um pastor de ovelhas em Têcua, ao sul de Jerusalém, e cultivava sicômoros (1,1; 7,14). Entretanto, chamado por Deus, exerceu uma atividade profética no Reino do Norte, especificamente em Betel, perto da fronteira de Judá.

O trecho da leitura faz parte de uma série de cinco visões do profeta, com alguns outros oráculos intercalados (7,1-9,10). Amós fala veementemente contra os exploradores dos mais pobres, que fraudam o preço das coisas para obter mais lucros à custa da miséria alheia (v. 5). Eles observavam as festas religiosas (lua nova, sábado etc.), mas eram injustos nas relações humanas.

As palavras proféticas apontam as consequências da riqueza desonesta. Ao invés de benesses, ela atrai outras implicações, das quais Deus não se esquece (v. 7). De nada adianta uma prática religiosa sem a ética na vida. A fé em Deus deve nos levar a agir com justiça, principalmente em favor dos mais desvalidos.

2. II leitura (1Tm 2,1-8)

A segunda leitura apresenta o sustento da Igreja no tesouro da oração. Paulo pede a Timóteo que se façam súplicas e ações de graças por todas as pessoas, sobretudo pelos “reis” e pelas “autoridades”. Eles devem agir da melhor maneira em prol do bem de todos.

Esses destinatários se referem ao imperador romano e aos reis vassalos locais (como os herodianos na Palestina etc.). A oração pelos chefes é prática atestada no Antigo e no Novo Testamento (Esd 6,10; Ne 1,11; Sl 72,1; Jr 29,7; Rm 13,1; 1Pd 2,13). Contudo, aos que hesitavam em seguir esse conselho, Paulo insiste em dizer que isso é agradável a Deus (v. 3). Não significa concordar com o líder do Estado, e sim pedir o bem para ele e para os que dele dependem.

Deus deseja o bem e a salvação para todos, também para os reis, a fim de que eles mesmos, com seus povos, alcancem “o conhecimento da verdade”. Não a verdade dos filósofos, mas aquilo que Deus propõe à humanidade. Portanto, tal conhecimento da verdade (1Tm 4,3; 2Tm 2,25; 3,7; Tt 1,1) não é intelecção de diversos assuntos, mas engajamento da própria vida em prol da salvação (Os 2,22; Jo 8,32; 10,14; 2Ts 2,12).

Desse dom do desígnio de Deus, Jesus Cristo é o único mediador (v. 5; 3,16). Outros mediadores (sábios, líderes religiosos) até podem transmitir algo de Deus, mas o único em quem conhecemos a plenitude do desígnio de Deus é Jesus Cristo, revelado em sua humanidade, em oposição aos mediadores falsos daquele tempo. Ele se entregou por amor e libertou as pessoas do poder do pecado e da morte (tema contínuo das grandes cartas de Paulo – Rm 3,24; 8,36–39; Gl 2,20–21).

Paulo foi estabelecido como anunciador (arauto) e enviado (apóstolo) para dar a conhecer esse desígnio divino (v. 7). Assim sendo, insiste em que os fiéis pratiquem a oração comum, comunitária e universal, “erguendo mãos santas”, não contaminadas por ira ou contendas (Sl 134,2; Ex 17,11–13).

3. Evangelho (Lc 16,1–13)

Jesus ensina os discípulos a respeito do uso dos bens materiais. As coisas são necessárias para a vida humana, mas algumas pessoas podem viver em função da matéria e se esquecer do que é mais importante na existência: a justiça e a caridade.

O ensinamento de Jesus é transmitido por meio de uma parábola (v. 1–8). Um homem havia confiado a um administrador o gerenciamento dos seus bens, mas depois recebeu denúncias de que o funcionário estaria pondo seu patrimônio em risco em decorrência de má administração. Então, o patrão pediu uma prestação de contas, e o administrador resolveu preparar-se quanto antes para não perder

aquela função. Por fim, o patrão elogia seu funcionário, que pensou com previdência e reagiu agilmente às ameaças, movimentando os negócios parados. A exaltação do mau administrador não é por causa da injustiça e da fraude praticadas, mas pela prudência e preocupação com a própria vida.

Jesus conclui a parábola, assinalando que os “filhos das trevas” são mais espertos que os “filhos da luz” (v. 8). Aqueles não cruzam os braços nem ficam lamentando o fato de as coisas estarem difíceis, mas usam a inteligência que receberam para solucionar os problemas, mesmo que por caminhos tortos. Para os filhos da luz, não deve ser diferente: precisam usar de astúcia para não serem surpreendidos pelos acontecimentos.

A instrução de Jesus continua sugerindo que o dinheiro seja usado para construir amigos verdadeiros e justos, que possam estar juntos no dia em que o dinheiro já não for necessário, na eternidade. Mesmo que o dinheiro seja um instrumento propício à corrupção, ele pode ajudar a construir a justiça.

Assim, a fidelidade é o que mais importa (v. 10). Quem é fiel nas pequenas coisas será fiel também nas maiores; quem é corrupto nas mínimas coisas, quando chegam as grandes, procede do mesmo modo.

Enfim, o texto se conclui com a recomendação de que o dinheiro não seja tomado como um deus, pois não se pode servir a dois senhores. Ou se serve a Deus, o Senhor, usando o dinheiro de modo honesto, ou se coloca o dinheiro como absoluto e se despreza a Deus (Mt 6,24). Vale mais a pena absolutizar o que de fato permanece: Deus e seu amor por nós.

O Evangelho não é contra o dinheiro em si, mas contra o mau uso dele, a ponto de torná-lo o sentido da vida humana. Jesus ensina a utilizá-lo para prever crises e fazer aliados em prol da caridade.

A felicidade humana se encontra em Deus, e não nos bens materiais, como vemos

em muitas propagandas capitalistas. Ela não é conquistada com a posse de coisas, mas intuída e experimentada quando nosso coração vai se libertando das escravidões.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

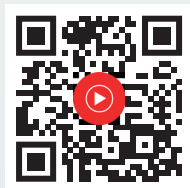
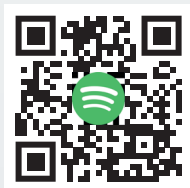
Vivemos tempos difíceis e de inúmeras crises, agravadas pela pandemia e pelas guerras. Parece que o capital se transformou na meta mais importante da maioria das pessoas no mundo. A Palavra de Deus propõe-nos um novo absoluto. Não precisamos morrer por bens, mas viver com eles da melhor maneira e em prol de todos.

A fé cristã exige uma opção pela justiça social e um compromisso com os mais empobrecidos da sociedade. O amor a Deus se expressa no amor ao próximo (1Jo 4,7-21). Por isso, alguns discursos de prosperidade, de felicidade, de cessação do sofrimento etc. se assemelham mais a uma forma injusta de obter lucro das pessoas do que à mensagem do Evangelho. Jesus nos quer com dinheiro, mas livres em relação a ele para melhor amarmos e servirmos a quem precisa.

Finalmente, a orientação de Paulo a Timóteo deve ser aplicada nas nossas celebrações. Somos convidados a pedir a Deus por nossos governantes, para que sejam iluminados pelo desejo do bem comum. Infelizmente, muitos se apossam do poder e dos bens públicos em proveito próprio. Além da oração, cabe-nos aprender mais sobre nossos direitos e deveres e exercer melhor nossa cidadania para o bem de todos.

26º DOMINGO DO TEMPO COMUM

25 de setembro



Os ricos e a avareza

I. INTRODUÇÃO GERAL

O tema do bom uso dos bens materiais, apresentado na liturgia dominical passada, continua neste domingo. Desta vez, olhando mais para as riquezas e para o que elas provocam no ser humano.

Nas leituras, continuamos a ouvir o profeta Amós censurando os ricos que aproveitavam a vida sem se preocupar com os mais pobres e com o que o acúmulo causava para a sociedade da época. Na segunda leitura, Paulo se despede de Timóteo, deixando as últimas recomendações: “procura antes a justiça, a piedade, a fé, a caridade, a constância, a mansidão” (1Tm 6,11). O Evangelho narra a parábola do rico e de Lázaro, com as consequências, no além, da vida que cada um levou. De fato, quem se consola com as riquezas aqui perde o verdadeiro tesouro que nunca se acaba.

Aqueles que se apegam às riquezas deste mundo endurecem o coração para a ternura de Deus, fazem dos bens um absoluto e resistem à caridade e à partilha. Atualmente, escutamos, nos diferentes noticiários, informações a respeito da concentração recorde de riqueza nas mãos de alguns poucos bilionários durante a pandemia e do empobrecimento sem precedentes de milhões de pessoas no Brasil e no mundo. A mensagem do passado continua importante para nossos dias!

Além de nos questionar sobre nossos bens, a celebração deve se tornar força para manter viva a luta por transformação social e econômica e por melhores condições de vida para quem mais necessita. Enquanto poucos se banqueteiam, muitos passam privações.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. 1ª leitura (Am 6,1a-4-7)

Amós fez ouvir sua voz no Reino do Norte como advertência contra a leviana despreocupação que reinava nessa região no auge da prosperidade. Ele atuava em um período de ingênua confiança na política

do rei Jeroboão II (morto por volta de 745 a.C.), que parecia ter conseguido apaziguar os inimigos próximos.

O trecho selecionado para a liturgia se situa em uma coleção de oráculos diversificados contra Israel (3,1-6,14). A leitura se inicia em tom invectivo contra aqueles desatentos com as circunstâncias sociais, sobretudo com as que causavam sofrimento aos mais pobres.

Amós descreve a situação cômoda das elites israelenses: deitados em leitos de marfim, estirados em divãs, saciando-se de cordeiros, bezerros e vinhos, enfim, cantando e festejando, sem se afligir com a ruína de José (Israel). O profeta denuncia o descaso de quem deveria comprometer-se com a justiça social e anuncia a infeliz consequência desse comportamento.

A profecia se conclui com o alerta de que o povo seria deportado e os banquetes luxuosos cessariam (v. 7). Amós pressentiu o perigo que vinha dos assírios. De fato, poucos anos depois, eles invadiram a Samaria, levando a população para outras terras, como o profeta havia advertido. O descaso de alguns acarretou consequências infelizes para toda a população.

2. II leitura (1Tm 6,11-16)

A primeira carta a Timóteo vai se concluindo, e Paulo dá os últimos conselhos ao seu discípulo, considerado como um filho legítimo na fé (1,1).

O apóstolo adverte-o contra alguns perigos e sugere que mantenha a justiça, a piedade, a fé, a caridade, a constância e a mansidão, como recomendado em Gl 5,22-23. Paulo evoca a conhecida imagem da luta na arena para ilustrar o empenho que Timóteo deveria ter pela eternidade (Fl 1,30; Cl 2,1; 1Ts 2,2; 2Tm 4,7; Hb 12,1), pois ele já fez bela profissão de fé diante de muitas testemunhas.

Entretanto, a principal testemunha é o próprio Deus (v. 13). Paulo exorta Timóteo a observar, cuidadosa e irrepreensivelmente,

o “mandamento” (os Mandamentos da Bíblia resumidos no mandamento do amor a Deus e ao próximo) até a nova “manifestação” de Cristo, ou seja, sua segunda vinda (2Tm 1,10; Tt 2,11).

A passagem termina com um louvor a Cristo por ocasião da parusia. Paulo dirige-lhe atributos divinos por vezes outorgados ao imperador romano. Jesus é “o bem-aventurado e único soberano” (2Mc 12,15); “o Rei dos reis e Senhor dos senhores” (Sl 136,3; Ap 17,14); “o único que possui a imortalidade e que habita numa luz inacessível” (Sl 104,2); e “que ninguém viu nem pode ver” (Ex 33,20; Jo 1,18). A Jesus se aplica também a tradicional doxologia que o israelita dirige a Deus: “A ele, honra e poder eterno. Amém”.

3. Evangelho (Lc 16,19-31)

Continuamos a acompanhar os ensinamentos de Jesus sobre o uso dos bens materiais. Neste domingo, lemos a parábola do rico (anônimo) e do pobre Lázaro. Um contraste de duas realidades, com as respectivas relações com Deus e com as riquezas. Jesus desmascara as discrepâncias sociais diante de seus ouvintes daquele tempo e de agora também.

O texto se inicia com a descrição dos personagens: um homem rico, que se vestia de púrpura e linho fino e dava festas requintadas constantemente, e um pobre mendigo ferido, que ficava à porta do rico (v. 19-20). O pobre se chamava Lázaro – que significa “Deus ajuda” – e desejava saciar sua fome com as sobras dos banquetes do rico.

Os dois morrem. Lázaro é acolhido pelos anjos e levado para junto de Abraão, pai da fé do povo de Israel (Gn 15,15; 47,30; Dt 31,16; Jz 2,10). O rico, na mansão dos mortos (Hades), experimenta os tormentos e percebe o abismo entre si e o pai Abraão, que tem Lázaro ao seu lado. A distância, em vida, entre os dois se torna permanente no além. Já não há possibilidade de mudar os destinos.

A situação terrena se inverte na eternidade. O rico clama por ajuda a Abraão e a Lázaro por causa dos suplícios que passava (v. 24). A resposta do patriarca surpreende e decepciona o rico. Durante a vida, este desfrutou dos bens e gozou de tudo, sem se importar com os mais necessitados, como Lázaro, que lhe pedia comida. Agora, ele se atormenta com seu distanciamento de Deus e das pessoas, enquanto Lázaro se consola com sua confiança em Deus. Há um abismo intransponível entre as duas realidades, uma separação entre misericórdia e ganância. Cada qual permaneceu com o que escolheu como apoio para a própria vida: os bens materiais, no caso do rico, que, por isso, perdeu tudo; a esperança em Deus, no caso de Lázaro, a qual permanece para sempre.

O rico insiste em mais um pedido. Já sabe que sua sorte está decretada, mas os de sua casa, os irmãos, podem ter um destino diferente. Portanto, suplica a Abraão que envie Lázaro aos cinco irmãos, que se comportam com apego, como ele se comportava. Pede que Lázaro os advirta daquela situação, a fim de que eles deem outra orientação à própria vida.

Pai Abraão responde como um judeu fiel responderia. Recomenda que eles perscrutem as Escrituras. Os irmãos têm Moisés e os Profetas para ajudá-los a compreender o modo de viver com os bens e de se relacionarem com os menos favorecidos da sociedade.

O rico insiste uma última vez, pedindo que alguém ressuscite dentre os mortos para avisá-los. Contudo, nem mesmo que alguém voltasse da morte à vida, para anunciar uma mensagem de desapareço das coisas materiais e de maior confiança em Deus, eles acreditariam no que seria dito. A compreensão deles está fixada nas riquezas, sem possibilidade de se abrir para a caridade. Os irmãos devem conhecer melhor a Palavra de Deus e buscar viver o que leem.

Quem não procede com compaixão não encontrará misericórdia da parte de Deus (Mt 25,31-46; Tg 2,13). As ações do rico fazem dele uma pessoa apenas de aparências e profundamente sem identidade nem nome. O pobre tem um motivo para viver; apesar das angústias causadas pela precariedade material, ele possui a convicção de que Deus ajuda e, por isso, chama-se Lázaro. Deus conhece intimamente cada pessoa e plenifica cada escolha para a eternidade.

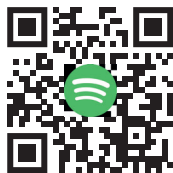
III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Vivemos tempos terríveis de aguda desigualdade social e indiferença com os descartados da sociedade. Alguns pensadores cunharam a palavra “aporofobia” para designar a rejeição aos pobres, que vários setores da sociedade desenvolvem. A mensagem do Evangelho de Jesus nos convoca para o inverso dessa postura comum atualmente.

O seguimento de Jesus nos insere na realidade do mundo e nos torna sensíveis a quem se aproxima de nós. Não basta só assistir a noticiários ou saber a respeito dos pobres; precisamos nos envolver com quem precisa de nós e abandonar a cultura da indiferença. As leituras de Amós e do Evangelho denunciam o desdém dos que possuem mais e mostram o fim deles.

De modo contrário, os que põem a confiança em Deus, a exemplo de Paulo e Lázaro, experimentam um êxito diferente. Eles sabem “combater o bom combate” e esperar o galardão imaterial dado por Deus. Quem partilha de si e das próprias coisas experimenta uma riqueza melhor, que não se acaba.

Encerrando este mês da Bíblia, constatamos que a leitura das Escrituras deve nos ajudar a viver melhor uns com os outros e com os bens deste mundo. O modo de vida proposto é a caridade, considerada a plenitude da Lei (Rm 13,10).



A fé em um Deus soberano

I. INTRODUÇÃO GERAL

Muitas vezes nos relacionamos com Deus à base de trocas, achando que devemos agir de determinada forma para ter bênçãos e culpando-o quando nos falta algo ou alguma coisa ruim nos sucede. A realidade é bem complexa, supera nossas explicações a seu respeito, e nem tudo que acontece é responsabilidade de Deus ou nossa.

A primeira leitura mostra um diálogo entre Deus e Habacuc, no qual há a queixa do profeta por tantas desgraças e a resposta de Deus convidando à fidelidade. Na segunda leitura, Paulo convida Timóteo a não se envergonhar do Evangelho recebido e a guardar os ensinamentos a ele confiados. A narrativa de Lucas apresenta a resposta de Jesus ao pedido dos discípulos para que lhes aumente a fé. Que eles tenham maior fé e a vivam servindo a quem precisa, pois foi assim que Jesus praticou sua confiança no Pai.

Em tempos de comercialização de tudo – incluindo a fé –, as leituras tratam da gratuidade de Deus e do valor de confiar nele sem esperar nada em troca. Crer em Deus já é grande benefício em si mesmo. Como dizia Santa Teresa de Ávila: “Quem a Deus tem, nada lhe falta: só Deus basta”.

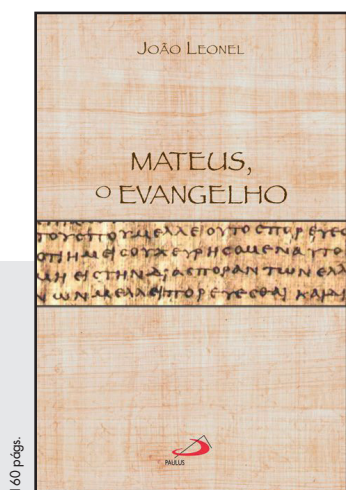
II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Hab 1,2-3; 2,2-4)

A profecia de Habacuc se situa historicamente antes da destruição de Judá pelos babilônios. Encontramos diferentes referências à investida babilônica contra Judá e outros povos (1,6; 1,13; 2,8).

Mateus, o Evangelho

João Leonel



160 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

O livro é um estudo com grande abrangência bibliográfica. Aborda com atenção a literatura produzida sobre o Evangelho de Mateus, também na perspectiva latino-americana, e propõe exercícios didáticos e indicações de leitura. É uma síntese ampla do que tem sido dito sobre esse Evangelho, uma abertura a novas possibilidades de leitura.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-0164011

paulus.com.br

O conteúdo principal de seu escrito é a questão da justiça divina: Deus exerce ou não sua justiça? Nesse plano se situa o diálogo da leitura deste domingo. A primeira parte é o questionamento do profeta a Deus (1,2-3). Ele reclama de Deus alguma ação diante da triste realidade de Judá.

Habacuc clamou por socorro, pediu a salvação, queixou-se da violência e da predominância da iniquidade (Jr 10,23-25; Is 59,9-14; Jó 19,7). As palavras do profeta descrevem a situação social do povo de Israel antes do exílio, que ocorreu aproximadamente em 587 a.C. Os infiéis à Aliança com Deus se destacavam na sociedade e demonstravam sua injustiça por toda parte. A fé no Senhor geraria o direito e a justiça, mas, por enquanto, não era o que Habacuc presenciava.

A resposta de Deus ocorre na segunda parte (2,2-4). Ao contrário do que se gostaria de ver, Deus não elimina imediatamente os ímpios para que os problemas se resolvessem. Ele pede que se grave bem isto: os justos permanecerão fiéis e experimentarão as consequências de sua fidelidade, enquanto os injustos e promotores de violência terão, de igual modo, sua sorte determinada pelas próprias ações e sofrerão os castigos devidos.

A reação de Deus à objeção de Habacuc anuncia um futuro que é consequência das atitudes do povo. De um lado, um pequeno resto fiel ao Senhor; de outro, a maior parte de infiéis, que não viviam conforme os Mandamentos.

2. II leitura (2Tm 1,6-8.13-14)

Acompanharemos, nos próximos domingos, a segunda carta de Paulo a Timóteo. O contexto histórico é bem próximo do da primeira carta, mas o conteúdo se assemelha mais a um “testamento espiritual” do velho apóstolo a seu discípulo.

O curto trecho selecionado constitui uma exortação inicial, que começa com a lembrança da imposição das mãos, pela qual

Paulo conferiu a Timóteo “o dom de Deus”, o carisma do apostolado (v. 14). Ele o encoraja, dizendo que Deus não deu a Timóteo um espírito de medo e de covardia, mas de fortaleza, de amor e de moderação. Portanto, este não deve ter vergonha de testemunhar a fé em Cristo (v. 8).

Por fim, Paulo apresenta, como norma de sua obra, aquilo que ensinou e mostrou por palavras e ações, o que Timóteo dele viu e ouviu, no âmbito da fé e do amor em Jesus Cristo. Isso se torna agora o belo (precioso) “depósito” confiado a Timóteo, com a ajuda do Espírito Santo (4,3; 1Tm 1,10; 4,6; 6,3; Tt 1,9; 2,1.10). Ele deveria agora transmitir destemidamente às futuras gerações o que recebera.

Paulo deseja que Timóteo continue a missão de propagar o Evangelho que ele próprio anunciou. Não é preciso temer os desafios nem desanimar do processo, pois o Espírito Santo fortalece e capacita para tal tarefa.

3. Evangelho (Lc 17,5-10)

O texto do Evangelho deste domingo se inicia com um pedido ousado dos discípulos ao Senhor: “Aumenta nossa fé” (v. 5). Já não lhes bastava uma fé tradicional de costumes, eles queriam mais. No entanto, o grupo pensava a fé como quantidade, ao passo que Jesus ensina de forma diferente.

A resposta de Jesus demonstra o jeito oriental de explicar as coisas, usando comparações e exageros. Ele explica a importância da qualidade da fé, como ato de confiança em Deus. Era mais importante uma fé viva, forte e eficaz. Aos discípulos, bastaria a fé ser como um grão de mostarda, para poderem dizer à amoreira, símbolo de solidez e estabilidade, que se arrancasse e se plantasse em outro lugar (Mt 17,20; 21,21; Mc 11,23). A fé qualificada é capaz de mudar realidades difíceis.

Jesus continuou a ensinar, contando uma parábola em forma de questionamento (v. 7-9). Que senhor, diante de um servo que estivesse voltando do seu trabalho ordinário,

o convidaria para sentar-se à mesa para a refeição? Ao contrário, dir-lhe-ia antes que o servisse, conforme lhe convinha por ofício. Tal senhor não se admiraria pelo serviço feito.

De igual modo, os discípulos deverão se reconhecer como “simples servos” quando tiverem cumprido todos os mandamentos e julgarem ter feito muito para o Reino de Deus. Muitas traduções usam a expressão “servos inúteis”, mas a palavra originalmente significa “sem valor (de mercado) especial, mas muito útil e necessário”. Servo inútil é quem não serve. Cumprir a missão não é nada demais, ela é a própria recompensa (1Cor 9,16).

Assim, a fê (fidelidade) em Deus cresce com o movimento de saída de si mesmo para servir a quem precisa. Jesus não ensina a aumentar a quantidade de fê, pois não se crê em coisas, mas em Deus (Pai, Filho e Espírito Santo). A instrução é para que se qualifique a fê com a prática do serviço amoroso, que gera mudanças consistentes no tempo devido.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Iniciamos o mês das missões, e a liturgia nos provoca com uma questão atual a respeito da relação entre a fê e suas consequências para a vida.

O grito de Habacuc pode ser também o nosso. Assistimos a tantas injustiças, violências e desrespeitos e sofremos com tudo isso. A queixa daquele tempo pode se estender ainda mais, diante das complexas tarefas sociais que temos na atualidade. Deus responde que o justo (fiel) viverá por sua fê. Isso significa que quem crê deve se comprometer na vivência da fê e se engajar para que as coisas melhorem. Imaginemos como o Brasil seria melhor se os políticos que citam a Bíblia vivessem verdadeiramente o que leem. Infelizmente, as notícias mostram o contrário.

O dom da fê é pedido pelos discípulos a Jesus. Contudo, o Mestre não ensina como acreditar em mais coisas, e sim como qualificar o que se crê, vivendo-o como amor e serviço.

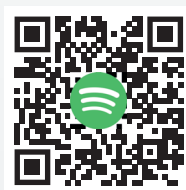
Esse ato de crer mencionado por Jesus deriva de um abandonar-se confiantemente no mistério divino. Ele próprio o demonstrou com sua vida, servindo a todos até o fim.

A fê transmitida por Paulo a Timóteo deve ser proclamada a mais pessoas. Ela chegou até nossos dias atravessando séculos e tocando-nos no presente momento de nossa história. Diante dos desafios contemporâneos, não precisamos recuar com receios, mas confiar no Espírito de fortaleza, de amor e de moderação que recebemos.

Nós, que acolhemos o dom da fê, não a guardamos para nós mesmos. Cabe-nos propagá-la, vivendo-a no amor e no serviço a quem precisa. Nossa melhor missão é o testemunho de uma vida cristã comprometida e perseverante, como afirma uma frase famosa de dom Helder Câmara: “É graça divina começar bem. Graça maior é persistir na caminhada certa. Mas graça das graças é não desistir nunca”.

28º DOMINGO DO TEMPO COMUM

9 de outubro



Por tudo, agradecer

I. INTRODUÇÃO GERAL

Agradecer sempre, de muitos modos e em todas as circunstâncias e lugares. Essa postura humana propicia encarar a realidade de maneira menos dura, sem dramas e com maior energia para a resolução das adversidades.

A liturgia da Palavra deste domingo apresenta episódios de agradecimento a Deus. Naamã, o sírio, reconhece a cura feita e agradece ao profeta Eliseu. A segunda leitura mostra a gratidão de Paulo a Jesus, fiel a nós mesmo quando somos infiéis. O Evangelho narra a cura de dez doentes, dos quais apenas

um volta para demonstrar agradecimento a Jesus. Os outros vão até os sacerdotes a fim de receberem o libelo de cura da doença e retomarem o convívio social. O que agradeceu foi salvo por sua fé.

Apesar de haver tanto para pedir a Deus, cabe-nos reconhecer o que já possuímos e quantas maravilhas ocorrem em nossa vida. Certamente, há desafios para nos amedrontar e contrariedades para superarmos. Entretanto, muito mais temos para louvar e nos motivar a fim de seguirmos encantados no seguimento do Senhor.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (2Rs 5,14-17)

Os livros de Samuel e Reis formam um conjunto narrativo composto para abarcar o período histórico que vai desde os primórdios da monarquia até a deportação do povo para a Babilônia. Os episódios não são meros relatos factuais, como reportagens de um evento, mas sim narrações na perspectiva da fé, para apresentar a ação de Deus na vida do povo.

O texto da primeira leitura se localiza entre várias passagens de ações realizadas pelo profeta Eliseu. Entre elas, há a cura de Naamã, chefe do exército do rei de Aram (5,1). Ele é enviado por seu rei para Israel por ouvir dizer do seu Deus. O profeta é quem o recebe e manda-o lavar-se no rio Jordão (5,10). Naamã se livra de sua doença com esse simples gesto.

O trecho proclamado na liturgia se refere ao momento no qual Naamã retorna, com sua comitiva, ao “homem de Deus” (Eliseu) para agradecer (v. 14-17). Ele reconhece o Deus de Israel e oferece um presente ao profeta. Entretanto, apesar da insistência, Eliseu recusou.

Então, Naamã pede ao profeta um pouco da terra de Israel para carregá-la em seu retorno a Aram. Ele decidiu adorar o Senhor Deus do povo de Israel em vez dos deuses arameus. Assim, seguiu seu caminho de volta “em paz” (5,19).

A cura de Naamã mostra a gratuidade divina, que age de maneira simples em um estrangeiro não pertencente ao povo de Israel. Ele manifesta sua gratidão ao Senhor oferecendo tesouros ao profeta, como se “pagasse” pelo benefício recebido. Eliseu apresenta a dinâmica de Deus, a qual se fundamenta não em relações de troca, mas em benevolência e bondade.

2. II leitura (2Tm 2,8-13)

Se a primeira carta a Timóteo é mais pastoral e traz conselhos práticos, a segunda é mais elaborada teologicamente. Ela teve enorme influência na teologia e na liturgia, sobretudo do Natal e da Epifania, mas a utilizamos também no Tempo Comum.

O texto se inicia com o exemplo do qual Timóteo deveria se lembrar, conforme a pregação de Paulo (Rm 1,3; 1Cor 15,4): o próprio Jesus Cristo, descendente de Davi e ressuscitado dentre os mortos. Por causa de Cristo, o apóstolo sofreu e está acorrentado, embora a Palavra da pregação não estivesse acorrentada. O anúncio cristão continuava a se espalhar por meio dos pregadores, ainda que sofressem ameaças, açoites e mortes.

Paulo suporta tudo por causa dos eleitos, isto é, dos cristãos iniciados, que fizeram profissão de fé (Cl 1,24). Que eles também alcancem, com a glória eterna, a salvação que está no Cristo Jesus. Então, cita uma palavra que é “digna de fé” e por isso deve ser lembrada e decorada. Provavelmente se trata de uma aclamação ou hino utilizado pela comunidade, como, por exemplo, Fl 2,5-11.

Os versículos finais demonstram a atitude de Cristo paralelamente à nossa, para o bem e para o mal (v. 11b-12). Apenas o v. 13 quebra esse paralelismo, ao contrastar, à nossa infidelidade, a fidelidade de Cristo. Essa fidelidade é o amor fiel de Deus no Antigo Testamento (Ex 34,6), aplicado a Cristo (também traduzido por “verdade” em Jo 1,14). Cristo é o amor fiel de Deus encarnado.

Em virtude das intimidações sofridas, os ministros do Evangelho poderiam desanimar e abandonar a fé em Cristo. Talvez isso tenha acontecido com alguns. Contudo, Paulo testemunha sua postura de manter Jesus como seu horizonte existencial. Assim, nós poderemos superar com esperança cristã nossas tribulações.

3. Evangelho (Lc 17,11-19)

Jesus continua seu caminho para Jerusalém na narrativa de Lucas (9,51). No trecho deste domingo, ele passa pelas regiões da Galileia e da Samaria. Eram lugares periféricos e distantes do centro religioso judaico.

Ao entrar em um povoado, vieram-lhe ao encontro dez homens, acometidos pela doença então chamada de lepra, pedindo que fossem curados. Eles deveriam ficar longe e sinalizar, para que outras pessoas não se contagiassem ao se aproximarem deles (Lv 13,45-46). Por isso, antes de chegarem até Jesus, pararam a certa distância e gritaram, pedindo misericórdia ao mestre. O emprego do título de “mestre” demonstra que reconheciam os ensinamentos de Jesus como semelhantes aos de outros líderes judaicos que ensinavam.

Em muitos relatos, Jesus se aproxima, toca o enfermo e o cura. No presente episódio, contudo, Jesus apenas vê o grupo e ordena: “Ide mostrar-vos aos sacerdotes” (v. 14). De fato, os sacerdotes possuíam a autoridade, conforme as prescrições da Lei (Lv 14,1-32), para declarar quem se encontrava em enfermidade e quem já tinha se curado. Assim, a eles cabia atestar que aqueles dez estavam liberados da situação de exclusão social em que viviam. Nesse caminho, todos ficaram curados.

O relato poderia finalizar desse modo. No entanto, interessa para Lucas destacar a reação de um deles, que, percebendo-se curado, “voltou” para Jesus em vez de seguir adiante para o cumprimento da rotina legal de se apresentar

aos sacerdotes. Já não como um excluído, ele glorificava a Deus em alta voz e se prostrou diante de Jesus, agradecendo. O homem em questão era um samaritano, considerado pelos judeus rigorosos como um infiel e um idólatra.

Jesus observa que dez foram curados e apenas um voltou para agradecer-lhe. Os outros nove se preocuparam com a prescrição legal de apresentar-se aos sacerdotes. Conformaram-se com a cura física e continuaram com uma prática religiosa de cumprimento de preceitos. Não reconheceram a novidade da salvação trazida por Jesus.

O homem que voltou para agradecer reconheceu algo mais naquele que o curara. Jesus não era como os outros mestres da Lei; seu ensinamento acontecia por meio de ações transformadoras. A vida do samaritano tinha mudado por causa da cura e pelo encontro que teve com Jesus. A gratidão dele foi oportunidade de experiência da salvação. Ele escutou: “Levanta-te e vai! Tua fé te salvou!” (v. 19).

Desse modo, o agradecimento gerou uma relação mais profunda e fecunda entre aquele que voltou e Jesus. Enquanto os nove apenas ouviram a palavra de longe, o que voltou agradecido prolongou seu encontro, reconheceu que Jesus era distinto dos outros mestres e acolheu a salvação em sua vida.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Olhando para nossa história pessoal, para tantos acontecimentos pelos quais passamos e para tudo que já vivemos, temos muito para agradecer, sempre. Algumas vezes nos habituamos a reclamar e a olhar para o que ainda não está tão bom. Somos convidados a cultivar uma atitude agradecida com relação a Deus.

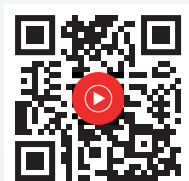
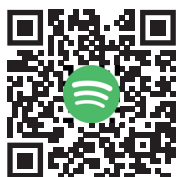
A celebração eucarística é o momento oportuno para isso. Etimologicamente, Eucaristia significa “ação de graças”. Neste domingo, no qual essas leituras são proclamadas, acentuamos mais esse aspecto da celebração e nos comprometemos a viver o que rezamos.

A fé cristã exige uma postura de alegria, de leveza de vida, de afetos sinceros e ações bondosas, porque experimentamos a salvação realizada por Jesus. Assim afirma o papa Francisco desde sua primeira encíclica: “A alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus. Quantos se deixam salvar por ele são libertados do pecado, da tristeza, do vazio interior, do isolamento. Com Jesus Cristo, renasce sem cessar a alegria” (EG 1).

O homem curado que “voltou” a Jesus para agradecer experimentou a salvação. É tempo de “voltarmos” para o Senhor agradecidos por tantas maravilhas em nossa vida. Nosso reconhecimento de que ele faz por nós tantas coisas nos conserva encantados pelo mistério da vida.

SOLENIIDADE DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO APARECIDA

12 de outubro



Aparecida: um sinal de fé

I. INTRODUÇÃO GERAL

A solenidade da padroeira do Brasil comove as pessoas de diferentes recantos do nosso país e nos faz olhar para o povo, para a realidade social e para os desafios brasileiros.

As circunstâncias do encontro da imagem de Nossa Senhora da Imaculada Conceição no rio Paraíba do Sul (1717), a gente simples que venerou a Mãe de Jesus e os acontecimentos subsequentes indicavam que a devoção se difundiria e alcançaria a maior parte da população brasileira. Uma piedade que não é importada de outro continente, mas surge de nossa terra e das nossas águas e carrega a mestiçagem e a pluralidade brasileiras.

Aparecida revela um Brasil resistente, guerreiro e esperançoso.

A liturgia da Palavra deste dia se volta para as mulheres bíblicas. A primeira leitura põe em evidência Ester, que pede a vida do povo de Israel ao rei Assuero. O livro do Apocalipse narra uma mulher revestida da criação (sol, lua, estrelas etc.), com uma criança para proteger e apresentar ao mundo. O Evangelho mostra Maria com Jesus e seus discípulos em uma festa de casamento. Os episódios demonstram que as mulheres agem com determinação, gerando mudanças nas respectivas situações. Da mesma forma, Aparecida continua a transformar pessoas pela fé em Cristo e, conseqüentemente, a sociedade brasileira, em prol de maior justiça e fraternidade.

A solenidade de Nossa Senhora Aparecida nos propõe a contemplação da ação de Maria para que se realize a vontade de Deus por meio do Filho, Jesus, como lemos no Evangelho (Jo 2,5). O amor fraterno é o vinho novo presente entre nós e o sinal da realização da intercessão de Maria, com nossa participação.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Est 5,1b-2; 7,2b-3)

Ester é um livro bíblico pouco conhecido pela maioria das pessoas. Ele apresenta o surgimento da festa judaica de Purim e a atuação de Ester em prol do povo de Israel em um contexto de perseguição.

O trecho selecionado para a liturgia destaca o papel que ela teve ao interceder, com elegância, junto ao rei persa em favor dos israelitas. Ela se aproxima com respeito e reverência (v. 1), cumprindo a etiqueta real e, por esse motivo, encontrando a simpatia do rei para que fosse recebida.

Com sabedoria, Ester aguarda o momento oportuno para atingir seu objetivo. O rei já se encontrava embriagado quando prometeu até a metade do seu reino (v. 2). Entretanto,

Ester não deseja posses materiais ou prestígio social. Em vez dessas benesses, pede a vida do seu povo (v. 3), que era oprimido e morto por Amã.

A atitude de Ester demonstra um altruísmo decorrente da fé no Deus único. Ela se preocupa com a vida do povo mais do que com o próprio conforto. Da mesma forma, Nossa Senhora Aparecida representa um sinal de intercessão pelo povo brasileiro, vítima de tantos desmandos sociais e irresponsabilidades políticas.

2. II leitura (Ap 12,1.5.13a.15-16a)

Antes da aparição da mulher, o Apocalipse narra a abertura do santuário de Deus no céu e uma série de efeitos consequentes à visão da esfera celestial: relâmpagos, vozes, trovões, terremotos e tempestade de granizo (11,19). Esses fenômenos naturais acompanhavam as teofanias no Antigo Testamento (Ex 3,1-4,17; 19,16-20,21; 34,1-28). O texto quer mostrar que algo divino está se manifestando.

Então, aparece, nessa dimensão transcendental, um grande “sinal” (v. 1). O autor usa esse termo para evocar feitos maravilhosos ou estupendos. Do mesmo modo, o livro do Êxodo falou dos “sinais” que Deus realizou para o povo na saída do Egito.

Uma mulher surge gloriosa, com características celestiais e divinas, pois estava ornada de astros: vestida com o sol, possuía a lua debaixo dos pés e, sobre a cabeça, uma coroa de 12 estrelas (v. 1). Estava grávida e gritava por causa das dores de parto, tal como a descrição de Gn 3,15-16, pois estava sofrendo com o trabalho de dar à luz o Messias (v. 5).

Em contrapartida, aparece outro sinal no céu, contrastando com o anterior: uma hostilidade, uma adversidade, um grande dragão, avermelhado como fogo (12,3). Quando esse dragão percebeu que tinha sido derrotado por Miguel e expulso para a terra (v. 13a), começou a perseguir a mulher que tinha

dado à luz o menino. Deus, porém, age, protegendo a mulher e dando-lhe “asas de águia”, como aquelas com que Deus levou o povo de Israel da escravidão para a liberdade (Ex 19,4).

Então, a hostil serpente vomitou como um rio de água atrás da mulher, a fim de a submergir. Conforme o contexto histórico do livro, isso diz respeito ao Império Romano, que perseguia a Igreja a fim de eliminá-la (13,1-18). De maneira semelhante, o Egito perseguiu o povo de Israel, e o profeta Isaías comparou os ataques dos assírios com as águas invasoras do rio Eufrates (Is 8,7-8).

Contudo, a terra veio em socorro da mulher: abriu a boca e engoliu o rio que o dragão (ou a serpente) tinha vomitado (v. 16a). Assim, esperava-se que as perseguições do império contra os cristãos iriam cessar. Deus é fiel aos seus eleitos e não os abandona. As adversidades têm limites. O amor de Deus pelo seu povo é sem fim.

A mulher do Apocalipse representa a comunidade de fé perseguida pelo Império Romano, a qual, porém, confia em Deus e experimenta sua ação providente contra as perseguições. Desse modo, vê-se na mulher do Apocalipse a Mãe de Jesus, como parte dessa comunidade que espera e acredita que o contexto de sofrimento e injustiça terá um final em breve. Que ela rogue por nós e por tudo que passamos no momento presente!

3. Evangelho (Jo 2,1-11)

O Evangelho desta solenidade narra um casamento em Caná depois de três dias do encontro de Jesus com Natanael (1,43-51). Jesus é convidado com seus discípulos e sua mãe. Tudo segue na normalidade, até que o vinho vem a faltar e o fato é comunicado a Jesus.

Maria é a porta-voz dos aflitos da festa. Ela é que diz a Jesus que o vinho acabou (v. 3). Com isso, a festa se tornaria um vexame

público. A resposta de Jesus (“que há entre mim e ti?”) reflete um tratamento de precaução e indagação (Jz 11,12; 1Sm 16,10; Mc 1,24). A “hora” de Jesus ainda não havia chegado. Tal momento designará sua exaltação e glorificação na cruz (Jo 7,6.30; 8,20; 13,1; 17,1). No entanto, as glórias messiânicas passam a ser celebradas com o novo vinho dado a partir da ação de Jesus.

Jesus parece indiferente, mas, na realidade, está provocando a fé, como fez José em relação aos seus irmãos no Egito (Gn 41,55). Maria, a Mãe dos que creem, transmite sua confiança em Deus aos presentes na festa, dizendo: “Fazei tudo o que ele vos disser” (v. 5). Ela exprime a fé no Messias que estava se revelando e cuja hora ainda não tinha chegado. A confiança da Mãe ocasiona a atuação do Filho em prol daqueles aflitos.

Encontravam-se ali seis talhas de pedra (cada uma com aproximadamente cem litros), que serviam para a purificação dos judeus. Jesus ordena que as encham de água. Contudo, a destinação já não seriam os ritos desnecessários de purificação, mas as núpcias de Deus com seu povo em Jesus (2,6-7). O vazio do judaísmo legalista e sem sabor cede lugar à novidade que Jesus traz com sua existência, simbolizada no bom vinho e na alegria da festa.

A água transformada em vinho foi provada e aprovada pelo mestre de cerimônias e pelo noivo. Os serventes comentam com o dono da festa: “Tu guardaste o vinho bom até agora!” (v. 10). O evangelista inverte a ordem da comemoração e faz de Jesus o verdadeiro responsável que celebra as núpcias de Deus com a humanidade. O vinho novo e bom não faltará, porque o esposo anunciado chegou para cumprir as profecias (Am 9,16; Is 61,10; 62,5). O júbilo voltou e os festejos devem começar. Já não se trata de uma celebração limitada a alguns dias, mas do tempo novo de atuação do Cristo até a eternidade.

Os noivos das núpcias não aparecem na narrativa. Eles não têm nome nem rosto. Jesus, sua Mãe e seus discípulos, embora sejam convidados, protagonizam o evento e marcam o início dos sinais de Jesus. O mistério de Cristo começava a se revelar. Os discípulos creram nele, mas ainda não tinham fé madura e completa, que só seria possível quando a obra de Jesus chegasse a termo e já não fosse preciso ver sinais (20,29).

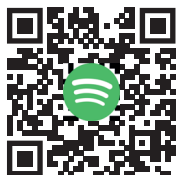
De modo semelhante, uma imagem encontrada nas águas escuras de um rio gera uma mudança no vilarejo da época e na nação que o Brasil se tornou. A mensagem de Aparecida também se parece com Caná: a presença de Maria ocasiona a novidade da obra de Jesus. Assim como o sinal realizado nas bodas gerou fé, nossa veneração à Senhora Aparecida nos faça crer sempre mais em Deus.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

As mulheres que protagonizam as leituras desta solenidade revelam características de Nossa Senhora Aparecida. Ester suplica pelo povo, a mulher do Apocalipse mantém a esperança em meio às adversidades, e Maria pede a Jesus que aja em prol dos aflitos. A devoção a Aparecida nos faz perceber essas dimensões, bem como nos compromete a viver conforme o que celebramos.

Cabe a nós todos orar e atuar em prol dos mais sofridos. Somos afligidos por diferentes dificuldades da vida, às vezes causadas por más ações alheias. E nos reunimos para celebrar com o vinho da alegria que Jesus nos traz em cada Eucaristia.

Olhemos ainda nosso povo e nossa realidade social. Quantas transformações ainda são necessárias para uma vida mais digna para muitos? O milagre acontece com a união na fé em torno de um mesmo objetivo: o amor fraterno, a justiça e a paz entre todos.



Perseverar na oração

I. INTRODUÇÃO GERAL

Se, no domingo anterior, ouvíamos a respeito da gratidão, neste domingo escutamos as Escrituras falarem da insistência na oração. Não se pode desanimar diante dos desafios da vida. Encontramos na oração força para perseverar nos propósitos e superar os obstáculos que se nos apresentam. A oração não é uma mágica para resolver tudo, mas nos transforma e nos capacita para agirmos melhor diante das mais difíceis realidades.

A primeira leitura mostra Moisés, com os israelitas, em uma batalha contra os amalecitas. O que faz o povo vitorioso não é a estratégia de combate de Josué, mas sim os braços levantados de Moisés, em súplica incessante a Deus. A segunda leitura orienta sobre as exigências do serviço da Palavra de Deus. O Evangelho apresenta a parábola do juiz e da viúva. Jesus ensina sobre a necessidade de orar sempre, sem nunca desistir (Lc 18,1).

Estamos constantemente passando por provas. Orar é atividade que nos torna vigilantes, pacíficos e esperançosos na vida. Os textos deste domingo nos instigam a manter a oração insistente a fim de confiarmos continuamente na ação de Deus (1Ts 5,17).

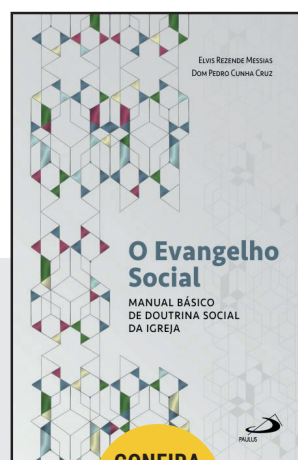
II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Ex 17,8-13)

O livro do Êxodo narra a libertação do povo de Israel da escravidão do Egito. Nessa travessia, aquelas pessoas se constituem como o povo de Deus com base nessa experiência de fé e na Aliança com o Senhor. O episódio

O Evangelho Social: manual básico de Doutrina Social da Igreja

Elvis Rezende Messias / Dom Pedro Cunha Cruz



240 págs.

**CONFIRA
VERSÃO
E-BOOK**

Imagens meramente ilustrativas.

Neste livro você conhecerá as estruturas fundamentais da Doutrina Social da Igreja: fundamentos teológicos, princípios e valores da DSI; estudos sobre os principais temas e questões sociais para os quais a Igreja tem um ensinamento; algumas perspectivas pastorais e pistas de ação para o compromisso social cristão.



Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
0800-0164011

paulus.com.br

da batalha dos israelitas contra os amalecitas demonstra a predileção de Deus por seu povo e a força da oração de Moisés.

Amalec veio combater contra os israelitas em Rafidim. Moisés instruiu Josué a selecionar alguns homens para a luta, ao passo que ele próprio, em vez de ir também para lutar, subiu a colina, para permanecer na presença de Deus. Assim, enquanto Moisés estava com as mãos levantadas, em sinal de oração, Israel vencia. Quando ele baixava as mãos, por cansaço, Amalec é que vencia. Aarão e Hur, então, passaram a sustentar os braços de Moisés, para que ficassem firmes até o pôr do sol. Foi desse modo que essa batalha foi vencida.

Se Deus já livrara Israel da fome e da sede (Ex 16,32-36; 17,1-7), agora o livra também dos inimigos estrangeiros, descendentes de Esaú (Gn 36,12.16). A saída daquela gente da escravidão do Egito para a liberdade da Terra Prometida não é apenas esforço humano, mas ação divina na história do povo. Israel percebe a providência divina presente nas pelejas da vida e reconhece o valor da fé contínua em Deus, sustentada por meio da oração.

Os israelenses podem olhar esses inúmeros acontecimentos e constatar a presença e a ação de Deus nesse processo de libertação. Ele não ficou de braços cruzados diante do sofrimento do seu povo, mas veio ao seu encontro, conduziu-o, deu-lhe forças e permitiu-lhe ser senhor do seu destino. Portanto, Deus é o libertador com quem o povo pode contar em todo tempo.

2. II leitura (2Tm 3,14-4,2)

Na segunda leitura, Timóteo é exortado por Paulo a permanecer naquilo que aprendeu na juventude e aceitou com fé. Sem mencionar nomes, o apóstolo refere-se a quem instruiu o destinatário de sua carta: a avó Loide, a mãe Eunice e ele próprio (1,5).

Essa instrução se deu no contexto do judaísmo tradicional da família de Timóteo. Assim como Paulo, ele também conhece desde a infância as Escrituras. Elas podem comunicar a sabedoria que conduz à salvação pela fé em Jesus Cristo (3,15).

Assim, compreendemos a pedagogia da fé a respeito da tradição escriturística de Israel, pois “toda Escritura é inspirada por Deus e é útil para ensinar, para argumentar, para corrigir, para educar conforme a justiça” (3,16). O piedoso, a pessoa confiante em Deus, estará capacitado e bem preparado para toda boa obra. Quem se debruça sobre as Escrituras aprende como agir e pratica o bem conforme o que medita.

Em seguida, invocando Deus e Jesus Cristo, Paulo reforça a fórmula que dá autoridade ao seu ensinamento. Então, pede a Timóteo: “Proclama a Palavra, insiste oportuna e inoportunamente, convence, repreende, exorta, com toda longanimidade e ensinamento” (4,2).

A Escritura não é mero livro para aprender novos conteúdos. Ela suscita a fé e provoca novo modo de ser. Por isso, todo ouvinte da Palavra de Deus se torna também um proclamador insistente do que experimenta de Deus.

3. Evangelho (Lc 18,1-8)

A parábola de Lc 18,1-8 trata da oração como tal, falando da necessidade de orar sempre, sem esmorecer (v. 1). Para isso, traz como personagens um juiz impiedoso e uma viúva importunadora, tendo em vista ensinar que Deus responderá à oração perseverante dos discípulos.

Jesus diz que havia em uma cidade um juiz que não temia a Deus nem se importava com as pessoas. Nessa mesma cidade, vivia uma viúva, que fora lesada por um explorador e vinha a esse juiz pedir-lhe que fizesse justiça. As viúvas tinham pouco ou nenhum amparo legal.

Como era seu costume, o juiz não queria atendê-la. Entretanto, a viúva foi insistente, até que ele pensou consigo mesmo: “Embora

eu não tema a justiça de Deus nem respeite os direitos das pessoas, como essa viúva está me dando dor de cabeça e não larga a minha casa, vou fazer-lhe justiça. Senão ela é capaz de algum dia me agredir!” (v. 4-5).

Com base nessa parábola, Jesus indaga seus ouvintes, mostrando que, se o juiz malvado foi capaz de fazer justiça para a viúva por conta da insistência dela, muito mais Deus fará por quem clama por ele na oração (Eclo 35,17-19). Deus age no seu tempo e conforme seus desígnios misteriosos; cabem-nos a perseverança e a docilidade para vivermos de acordo com sua lógica, diferente da nossa.

Por fim, Jesus afirma que Deus fará justiça brevemente. E apresenta ainda uma questão retórica: “O Filho do Homem, quando vier, encontrará fé sobre a terra?” (v. 8). Essa pergunta reflete o contexto das primeiras comunidades, no qual algumas pessoas desistiam da fé pela demora da parusia (segunda vinda de Jesus). O convite da parábola é ao ânimo e à perseverança na fé e na oração.

Ao contrário do que parece, Deus não abandonou o mundo e as pessoas. Ele não é insensível ao nosso apelo. Contudo, tem seu projeto, seu plano e seu tempo próprio para agir conosco e por meio de nós no mundo. Aos que creem nele, resta moderar sua impaciência e confiar que ele não deixará de intervir para os libertar.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Por que Deus permite que tantos milhões de seres humanos sobrevivam em condições tão degradantes? Por que há maus e injustos que promovem arbitrariedades sem escrúpulos, prejudicando inúmeras pessoas? Como é que Deus não intervém quando algumas doenças ameaçam dizimar a humanidade? Onde está ele quando as ditaduras ou os totalitarismos maltratam povos inteiros? Deus não intervém porque não quer saber das pessoas e é insensível àquilo que lhes acontece?

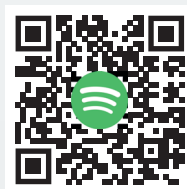
A oração não é apenas para alcançarmos algumas graças, mas também para lidarmos com os silêncios de Deus. Nem sempre temos respostas para os acontecimentos. Nossas explicações são limitadas, e nossa compreensão do mistério é finita. A mensagem das leituras estimula a confiança em Deus, pois ele não está surdo aos clamores da humanidade. Nossa liturgia é um grito a Deus por justiça e um incentivo para agirmos com esperança no Senhor.

Orar é colocar-se de braços abertos para acolher os dons de Deus. Muitas vezes, não captamos as delicadezas infinitas do seu amor. Ele está sempre a se oferecer a nós. A oração é meio pelo qual encontramos o amor divino. Quem ama de verdade não corta a relação à primeira incompreensão ou à primeira ausência. Pelo contrário, a espera e a ausência provam o amor e intensificam a relação.

Enfim, a pergunta de Jesus no final do Evangelho nos intriga. A fé, enquanto adesão e entrega confiante a Deus, deve ser cultivada e transmitida. Já estivemos demasiado preocupados em converter as outras pessoas e menos preocupados em nos convertermos. É tempo de passar de um estático “ser cristãos” para o dinâmico “tornar-se cristãos”. A fé se mantém viva quando dá sentido ao ser humano e não é só um conjunto de enunciados.

30º DOMINGO DO TEMPO COMUM

23 de outubro



Deus exalta os humilhados

I. INTRODUÇÃO GERAL

O tema da liturgia deste domingo aparece constantemente nas Escrituras, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento.

O Deus de Israel se faz mais próximo dos humildes e sofredores. Assim também foi a vida terrena de Jesus, que preferia as periferias aos centros urbanos, os pecadores aos justificados, os pequeninos de coração aberto aos sábios e entendidos que não compreendiam sua mensagem.

O texto da primeira leitura já mostra como Deus reage à oração humana. Ele não se deixa subornar pelos injustos e ouve os clamores dos vulneráveis da sociedade (órfão, viúva – Eclo 35,17). O Evangelho mostra o mesmo em uma parábola contada por Jesus: o publicano volta justificado, por se reconhecer necessitado de Deus (Lc 28,14). A segunda leitura apresenta um testemunho de Paulo, que, embora passe por inúmeros desafios, experimenta o auxílio divino.

Colocarmo-nos diante de Deus na oração implica termos coragem para encarar nossa própria realidade frágil e pecadora. Não necessitamos das máscaras sociais nem precisamos nos apresentar com nossas boas obras. Deus nos conhece melhor do que nós mesmos e vem ao nosso encontro por amor, e não por nosso mérito. A soberba e a vaidade fecham nosso interior ao amor de Deus.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Eclo 35,15b-17.20-22a)

O livro do Sirácida, ou Eclesiástico, traz uma série de reflexões do século II a.C. O autor viveu em um tempo no qual os judeus de Jerusalém possuíam boas relações com seus governantes egípcios, os primeiros Ptolomeus (sucessores de Alexandre Magno no Egito), que patrocinaram a tradução da Bíblia para o grego.

O trecho da primeira leitura se situa em uma coletânea de máximas a respeito de diferentes temas de ensino para os judeus. Entre tantos, há o assunto do sacrifício aceito ou rejeitado por Deus. Será que Deus acolhe, do mesmo modo, os opressores e os sofredores?

O verdadeiro sacrifício a Deus se baseia na justiça. A injustiça designa uma corrupção do culto. Assim, Deus não se deixa comprar com presentes, como se valesse com ele a relação de troca, comum entre humanos. Ele não faz acepção de pessoas (v. 15b; Dt 10,17). Deus ouve os injustiçados e age em favor dos órfãos e viúvas (indefesos da sociedade – Ex 22,21-23).

Se a primeira parte da leitura apresenta mais a reação de Deus (v. 15-17), a outra parte (v. 20-22) destaca a oração em si mesma. Ela chegará até Deus se for humilde e verdadeira. Por conseguinte, Deus agirá com justiça em favor dos desvalidos (v. 22).

A relação com Deus na oração se caracteriza pela verdade que ele conhece do ser humano. Se entre as pessoas pode valer a imagem, os bens, os feitos e o *status* social, nada disso adianta para Deus. Ele quer nosso ser disponível para acolher seu amor verdadeiramente.

2. II leitura (2Tm 4,6-8.16-18)

A segunda leitura continua o texto da segunda carta a Timóteo. A passagem se assemelha a um testemunho de despedida de Paulo. Embora se questione sua autoria, o texto carrega as características e o ambiente de formação do apóstolo.

Primeiramente, lemos a imagem do sacrifício (v. 6; Hb 10,10) e, em seguida, os temas da luta e da competição esportiva (v. 7; 1Tm 6,12), concernentes ao desfecho de uma vida oferecida em prol da evangelização. Por conseguinte, espera-se um “prêmio”, uma coroa, como a que os competidores ganhavam (v. 8). No entanto, o galardão não é material nem passageiro, mas espiritual e eterno, e é recebido de Cristo.

A segunda parte da passagem demonstra a sensibilidade para o auxílio divino em meio às intempéries da vida cristã (v. 16-18). Mesmo que faltasse a presença dos irmãos na sua defesa (v. 16), o Senhor veio em auxílio de Paulo e lhe deu força para que a proclamação da salvação fosse ouvida por todas as

nações. Da mesma forma, o Senhor o livrará dos que lhe queriam mal. A Deus, a glória eternamente, pois continua a nos livrar dos males e a nos salvar em sua misericórdia.

O texto nos faz imaginar o fim de vida de um discípulo de Jesus. Não se olha tanto para as provas passadas, mas sim para a presença do Senhor em meio a todas elas. Ademais, tem-se reverência por essa ação divina. Assim, observamos quanto vale a pena seguir Jesus. Não somente por um “prêmio” prometido, mas também por um amor constante, que se experimenta na realidade vivida. Que tenhamos esses sentimentos de gratidão e reconhecimento da ação de Deus.

3. Evangelho (Lc 18,9-14)

A cena da parábola se compõe de dois personagens, que vão orar no templo. O fariseu e o publicano, que não têm nome próprio, apenas se apresentam diante de Deus com suas orações, e, com base nelas, percebemos quem é cada um deles. Suas identidades se revelam pelo modo de orar.

O fariseu é figura representativa do judeu observante, escrupulosamente fiel aos preceitos da Lei mosaica. O publicano é um coletor de impostos e tributos, frequentemente considerado como um protótipo de pecador (Lc 5,30; 7,34; 15,1; 19,2-7). Cada um desses personagens representa seu grupo.

A introdução da parábola (v. 9) está construída de modo a descrever a atitude dos interlocutores de Jesus. O desenvolvimento (v. 10-13) apresenta inicialmente dois homens que fazem o mesmo percurso de ida (v. 10), mas, na volta, recebem julgamentos diferentes de Jesus (v. 14a). Há duas subpartes: a oração do fariseu (v. 11-12) e a do publicano (v. 13); a ação de graças de um se opõe à súplica do outro, embora ambas sejam introduzidas pelo mesmo vocativo, “ó Deus” (v. 11.13).

O fariseu, de pé, dirige-se a Deus longamente, comparando-se com o resto das pessoas e com o publicano, contrapondo suas boas

ações às más ações dos outros. O publicano não faz nenhuma comparação; fala brevemente, não olha para os céus e bate no peito.

Os dois homens, inversamente qualificados quanto ao aspecto religioso, sobem ao templo. A oração do primeiro é extensamente descrita; ele tem uma atitude religiosa de proximidade de Deus, no entanto demonstra confiar primeiramente em si, sendo seu agradecimento a Deus feito com base na comparação com outras pessoas e no julgamento delas ao seu modo. Assim fazendo, recorda as práticas rigorosas da Lei (jejum e dízimo). O fato é que nenhuma de suas palavras é de reverência a Deus e reconhecimento humilde de si mesmo.

A oração do segundo é inversa à do primeiro. Humilha-se diante de Deus, pois se reconhece diante de alguém que é mais do que ele, a quem nem sequer ousa levantar os olhos, mas no qual confia a ponto de lhe dizer: “Sê favorável a mim”. Não ficou de pé para ser visto nem usou vã repetições ou multiplicidade de palavras, mas, no seu segredo, dirigiu-se àquele que o ouviu e o recompensou (Mt 6,5-6).

Por fim, o retorno enseja uma conclusão que scandaliza os religiosos escrupulosos: o ignorado é justificado, mas não o visivelmente piedoso. Aquele que se exalta experimenta a humilhação, enquanto o que se humilha (sinal do reconhecimento de si diante de Deus) experimenta o enaltecimento, pois se encontra com Deus e se une àquele que o acolhe.

A oração do fariseu e a do publicano descrevem cada um dos personagens, que recebem, no final, a recompensa: “este (o publicano) voltou para casa justificado” (v. 14), enquanto do outro nada se fala.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

No Evangelho de Lucas, os discípulos já haviam pedido que o Mestre os ensinasse a orar (Lc 11,1). Jesus, desta vez, ensina-os por meio de uma parábola que trata da maneira como se deve orar e se postar diante de Deus.

Os interlocutores de Jesus se sentiam justos, possivelmente por cumprirem os preceitos da Lei, e desconsideravam os outros, sobretudo os mais pecadores. Essa é atitude inversa da do Deus revelado em Jesus Cristo, que é misericordioso e acolhedor dos mais pecadores. Lucas mostra esse aspecto muitas vezes no seu Evangelho, e o percebemos ainda na primeira leitura e na vida pessoal de Paulo, retratada na segunda carta a Timóteo.

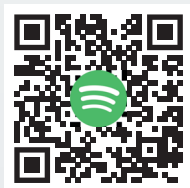
Esse ensinamento de Jesus sobre a oração corresponde à sua vida de reconhecimento de si, diante de Deus, e à sua íntima e profunda união com esse que ele chamava de Pai. Consequentemente, tal realidade o impulsionava a encontrar no ser humano, imagem e semelhança de Deus, seu valor maior, que não são as práticas religiosas legais e exteriores, mas o interior, espaço de encontro com a transcendência.

Assim, tal como Jesus fala por meio dessa parábola, nossa oração é verdadeira quando, diante de Deus, percebemos nossa verdade e rejeitamos as imagens que fazemos e as que os outros fazem de nós mesmos. Só Deus diz melhor quem somos, porque nos conhece melhor do que nós mesmos.

Enfim, em cada um de nós, há um fariseu e um publicano. Quando verdadeiramente estamos diante de Deus, percebemos nosso “publicanismo” e podemos ser justificados. Quando nos empolgamos com as falsas imagens que temos de nós mesmos e com as práticas religiosas externas, mergulhamos no farisaísmo, fechado à oferta amorosa de Deus.

31º DOMINGO DO TEMPO COMUM

30 de outubro



Alegria e gratuidade de Deus

I. INTRODUÇÃO GERAL

Há muitas coisas para nos entristecer na vida: más notícias, crises mundiais, catástrofes etc. Todavia, podemos encontrar uma alegria perene mesmo que o meio não concorra para tal. Deus nos oferece gratuitamente essa alegria, consequente ao encontro com ele na oração e na liturgia.

A leitura do livro da Sabedoria anuncia o amor de Deus na criação pela sua principal criatura: o ser humano. O Evangelho narra o encontro de Jesus com o publicano Zaqueu. Os olhares se cruzam e uma conversão visível acontece diante de todos os presentes. A segunda carta aos Tessalonicenses instrui a não entrar em pânico com notícias falsas e manter a firmeza na fé.

Cada domingo é nossa Páscoa semanal. Recordamos a paixão, morte e ressurreição de Jesus na Eucaristia e nos dispomos a uma nova vida nele. Levemos nosso desejo de encontro e de salvação para a celebração e permitamos que nosso ser se encha da alegria da salvação. Deus nos olha com amor e quer nos encontrar para vivermos melhor a fraternidade no mundo.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Sb 11,22-12,2)

O livro da Sabedoria foi um dos últimos textos do Antigo Testamento. Foi escrito em grego, no século I a.C., na importante colônia judaica de Alexandria do Egito. O livro dirige-se tanto aos judeus helenistas quanto aos pagãos que se aproximaram do judaísmo.

O trecho escolhido para a proclamação na liturgia é um poema lindo e reverente ao amor onipotente de Deus, como lemos em inúmeros salmos. O autor demonstra o apreço de Deus pelo mundo criado e quanto este é passageiro e irrisório diante dele, como uma “gota de orvalho da manhã” (11,22). Entretanto, Deus se importa mais com o ser humano, pois ele tem compaixão, ama tudo e não despreza nada (11,23-24).

Seguem-se duas perguntas eloquentes: poderia algo existir se Deus não tivesse querido? Como uma existência se manteria, se não fosse chamada por Deus? (11,25). Tais perguntas demonstram o valor das coisas criadas e sua origem divina. A resposta é o amor de Deus, que é “Senhor, amigo da vida” (11,26).

Enfim, o autor do livro revela a face misericordiosa de Deus. Assim como ele não quer a morte e prefere a vida da criação, também não quer a morte do pecador, e sim que se converta e viva (Ez 18,23). Deus dá ao ser humano a oportunidade para o arrependimento e para se afastar do mal (Gn 2,7; Sl 104,29; Jó 27,3).

2. II leitura (2Ts 1,11-2,2)

A segunda carta aos Tessalonicenses surgiu em uma situação menos conhecida do que a primeira. Ela parece ter sido escrita por um discípulo e assinada por Paulo (3,17). Descreve, em linguagem altamente simbólica, à maneira dos “apocalipses” judaicos, as coisas que devem acontecer antes da parusia.

O texto selecionado para a liturgia deste domingo aconselha a comunidade e corrige certas opiniões errôneas, difundidas entre os tessalonicenses. O autor recorda que não cessou de orar pelos irmãos e irmãs na fé, para que Deus os faça dignos do seu chamado e se cumpra a glorificação de Cristo por meio deles.

Em seguida, vem o tema central da carta: não se abalar por pretensas revelações (2,1-12). Na celebração, apenas tomamos a introdução ao tema (2,1-2). Esse trecho consiste em um pedido, relacionado com a vinda de Jesus: que os membros da comunidade não se alarmem com alguma inspiração, discurso ou carta afirmando que Jesus teria chegado. A parusia ainda está por acontecer, e isso não se dará por meio de falsas mensagens perturbadoras.

Já naquele tempo havia pregadores aproveitadores, que se valiam das situações para espalhar pânico e ganhar a confiança das

pessoas. A mensagem da segunda carta aos Tessalonicenses é de ânimo e de esperança para a segunda vinda de Jesus. É também um convite ao compromisso de fé e à vivência do tempo presente com alegria e serviço fraterno.

3. Evangelho (Lc 19,1-10)

Para completar a viagem até Jerusalém, Jesus poderia ter seguido o caminho mais curto, passando entre as montanhas. Em vez disso, desceu até o rio Jordão, caminhou até Jericó e tornou a subir para Jerusalém. Assim como o desvio pela Samaria (9,52-56) foi intencional e profético-missionário, o desvio por Jericó, ao sair da Samaria, tinha razões muito fortes do ponto de vista catequético e evangelizador.

Então, a comitiva de Jesus atravessa Jericó, iniciando o caminho que sobe a Jerusalém. Nesse trajeto, há um homem chamado Zaqueu, “chefe” dos coletores de impostos, um publicano “muito rico”. Esse tipo de gente era frequentemente considerado como exemplo de pecador (5,30; 7,34; 15,1; 19,2-7).

Zaqueu foi descrito como chefe muito rico para intensificar a mensagem de transformação de Jesus. Um chefe dos publicanos era alguém que trabalhava para os romanos e, por isso, era visto pela população local como um “colaborador” da exploração do império. Além disso, provavelmente a riqueza de Zaqueu tinha sido adquirida com corrupção, abuso de poder e injustiça.

Ele já ouvira falar de Jesus e, sabendo que ele estava passando pela cidade, quis ver quem era esse homem. Queria conhecê-lo, como o cego na entrada da cidade (18,35-37), mas seu problema era outro: Jesus caminhava no meio de grande multidão, e Zaqueu era de baixa estatura. Contudo, não desiste: corre à frente e sobe em um sicômoro (uma espécie de figueira).

Jesus olha para o alto e enxerga Zaqueu. Em vez de rejeitá-lo ou temê-lo, chama-o pelo nome e diz: “Hoje devo ficar na tua

casa” (v. 5). O olhar de Jesus alcança o desejo de Zaqueu. Surpreendido e cheio de alegria, o publicano desceu e levou Jesus para sua casa. Acolher em casa significava intimidade, comunhão e amizade.

Em contrapartida, alguns “puritanos” daquele tempo (fariseus e escribas), como em outras oportunidades (5,30; 15,2; 12,33), resmungavam porque Jesus foi hospedar-se na casa de um pecador público. Como chefe dos publicanos, Zaqueu era uma espécie de pária. Ele se situava entre o poder imperial e a população descontente, e, ao viver na corrupção, sua situação não tinha uma saída fácil. Surpreendentemente, com as palavras mais simples, Jesus põe-se ao seu lado. As pessoas murmuram contra Jesus, porque ele fez o que ninguém jamais teria feito.

Zaqueu reagiu ao gesto de receptividade de Jesus. De pé, declarou em alta voz: “Senhor, eu vou dar a metade dos meus bens aos pobres e, se prejudiquei alguém, vou devolver quatro vezes mais” (v. 8). Zaqueu mudou! Com muita rapidez, não apenas acolheu Jesus, mas muitos outros. Jesus abriu a porta do coração e da casa de Zaqueu e traçou grande estrada de acesso à sua casa. A conversão se evidenciava diante de todos os presentes, não só por meio de palavras, mas também de ações.

Jesus responde ao anúncio de Zaqueu, proclamando a salvação para sua casa (família) e afirmando que aquele homem também era um filho de Abraão (v. 9). Jesus acolheu Zaqueu e foi por ele acolhido. Zaqueu procurava por Jesus e foi encontrado por ele no alto de uma árvore. A declaração final de Jesus põe Zaqueu novamente em comunhão com seus contemporâneos e na condição de irmão, pois era, como os outros, um filho de Abraão.

Por fim, a cena se conclui com a alegria da realização da salvação, pelo encontro do que estava perdido (15,7.10.24.32). Jesus veio para procurar os excluídos de Deus e

das pessoas. A salvação oferecida por Jesus gera uma transformação, observada na alegria ímpar presente em Zaqueu. Ademais, a mudança se confirma com a nova atitude de Zaqueu, que, de explorador, passa a ser um irmão que partilha os próprios bens.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

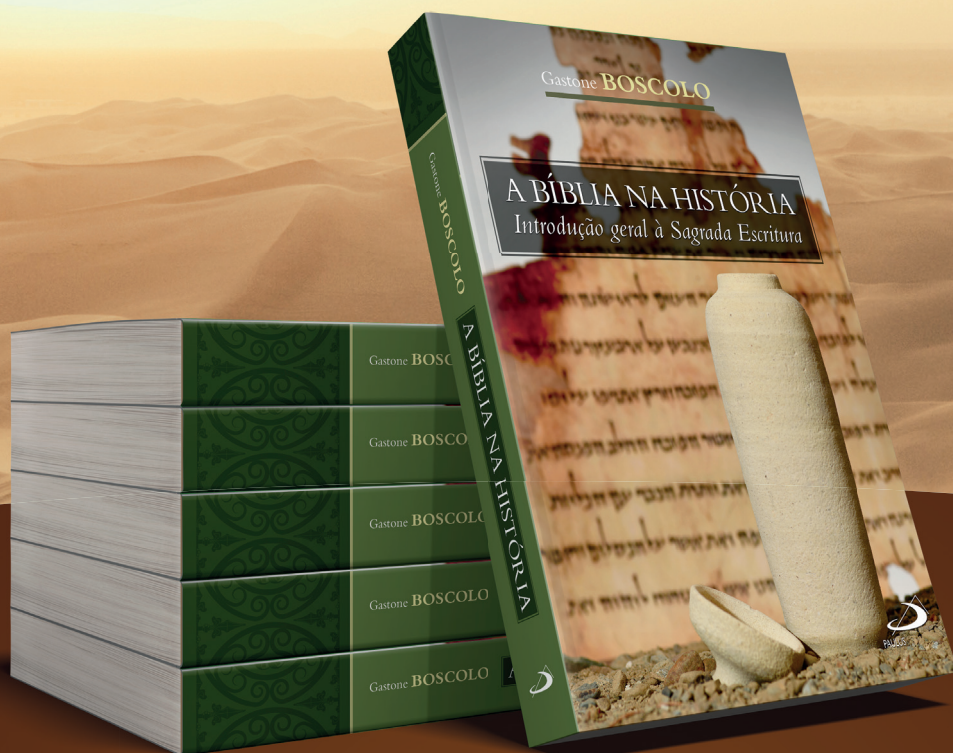
Alegria e misericórdia são palavras que se destacam na liturgia deste domingo e contribuem para nos conduzir até o coração do Evangelho e ao próprio coração de Deus.

Como Zaqueu, somos pequenos diante daquele que queremos ver e, para isso, precisaremos subir. Somos pequenos de coração e precisamos nos abrir para a verdadeira grandeza que é Deus, conforme lemos na primeira leitura. Queremos ver o bem por excelência, que é Jesus; porém, antes de ver, Zaqueu é que foi visto por Jesus. Esta é a grande beleza de Deus: ele nos vê antes que o vejamos. Todas as vezes que voltarmos nosso olhar para o Senhor, tenhamos a certeza de que será ele quem nos olhará antes.

Precisamos estar atentos, pois, se estivermos distraídos, como estavam os tessalonicenses, esse olhar nos escapará. Jesus vê Zaqueu e o chama pelo nome. Quão maravilhoso é quando alguém sabe nosso nome – o símbolo da nossa existência, da nossa história, de tudo o que carregamos nesta vida! Zaqueu se assusta ao encontrar o olhar de Jesus. Para este, não importam os pecados, mas a abertura de coração. Depois de encontrar o olhar de Jesus, não poderemos continuar vivendo como vivemos até agora.

Zaqueu resolve se desfazer de tudo que o prendia. Precisava ser livre, mas não apenas no sentido material. Naquele momento, faz a grande experiência de liberdade – uma das mais lindas que o ser humano pode fazer –, quando olha para tudo que o cerca e tem a consciência de que nada daquilo o prende. Só Deus lhe basta! Diante dessa verdade maior, todas as outras experiências são relativas. **vp**

CHEGOU O NOVO GUIA PARA A LEITURA E A INTERPRETAÇÃO DOS TEXTOS BÍBLICOS!



Nesta introdução à Sagrada Escritura, o autor apresenta um panorama do contexto histórico, geográfico e social no qual nasceram os livros sagrados. Também explica a trajetória da Bíblia ao longo dos séculos e apresenta valiosas informações e metodologias para a leitura e interpretação da Bíblia, abordando temas relacionados à hermenêutica, aos gêneros literários e à crítica textual. Confira!

paulus.com.br/loja
11 3789-4000 | 08000-164011
vendas@paulus.com.br
f i @editorapaulus



Aponte a
câmera do
seu celular e
saiba mais!


PAULUS

PERIÓDICOS PAULUS



Para cumprir a missão de evangelizar, promover valores humanos e ser presença viva na Igreja e na sociedade, a **PAULUS** cria e renova seus conteúdos diariamente. A fim de levar até você leituras para estudo, reflexão e aprofundamento da fé, a Editora oferece publicações especiais que auxiliam na celebração eucarística, na catequese, na Igreja e no cotidiano do cristão. Os assinantes das revistas e folhetos PAULUS têm diversos benefícios. Confira:

- » **10% de desconto** em outras publicações da Editora;*
- » Assinatura anual com frete incluso.
- » Parcelamento sem juros;
- » Descontos e promoções exclusivas durante o ano.

Faça ou renove a sua assinatura e aproveite!

paulus.com.br/loja
11 3789-4000 | 0800-0164011
vendas@paulus.com.br
f i t @editorapaulus



Aponte a
câmera do
seu celular e
assine agora!


PAULUS

*Exceto periódicos e publicações importadas